

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**MESTRADO INTERINSTITUCIONAL
Estudos da Linguagem**

***O RADICCI NO CONTATO ITALIANO-PORTUGUÊS DA REGIÃO
DE CAXIAS DO SUL***

Identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo

Salete Rosa Pezzi dos Santos

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen.

Porto Alegre, maio de 2001.

Para a minha mãe
Ida Melânia Pedron Pezzi
e em memória de meu pai
Júlio Pedro Pezzi

Para
Delemar,
Lucas e Mateus.

AGRADECIMENTOS

à minha família pelo apoio irrestrito e compreensão;

ao professor Doutor Cléo Wilson Altenhofen, sem cuja orientação este trabalho não se realizaria;

aos colegas de mestrado pelo companheirismo;

aos amigos pelo estímulo e pela paciência em ouvir;

aos informantes da pesquisa pela forma disponível e afável com que me aceitaram, em especial, à Marlei Zanette;

a Carlos Henrique Iotti, na figura do Radicci;

à coordenação e funcionários do Projeto ECIRS-UCS por sua disponibilidade;

à Universidade de Caxias do Sul e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por tornarem possível este Mestrado;

aos professores do curso por sua dedicação e amizade;

à coordenação do Mestrado nas pessoas da professora Doutora Marília dos Santos Lima e professora Mestre Niura Fontana.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, MAPAS, GRÁFICOS, FOTOGRAFIAS e ANEXO.....	7
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO	12

PARTE 1 - A RELAÇÃO

CAPÍTULO 1

1	ÂMBITO DA PESQUISA.....	18
1.1	Hipóteses e objetivos da pesquisa	18
1.2	Língua e etnicidade	20
1.3	Manutenção e substituição lingüística.....	22
1.4	Identidade e atitudes no bilingüismo.....	24

CAPÍTULO 2

2	RADICCI, O PERSONAGEM DO SOTACON.....	28
2.1	Gênese e significado do Radicci.....	30
2.2	O Radicci nos meios de comunicação.....	34
2.3	A fala do Radicci: o <i>sotacon</i>	38
2.3.1	Traços fonético-fonológicos.....	39
2.3.2	Traços morfossintáticos	43
2.3.3	Traços semântico-lexicais	44
2.4	A fala do Radicci e o contato italiano-português	50

CAPÍTULO 3

3	A FALA DO COLONO ITALIANO DO RIO GRANDE DO SUL.....	54
3.1	Os conceitos de língua e dialeto	54
3.2	As variedades dialetais dos (colonos) ítalo-brasileiros da RCI.....	57
3.2.1	O italiano na matriz de origem.....	57
3.2.2	O italiano como língua de imigrantes em contato com o português	59
3.3	A literatura em dialeto	69
3.4	O estudo do contato italiano-português no Brasil.....	79
3.5	Português de contato e interferência lingüística na RCI.....	84

CAPÍTULO 4

4	O CONTEXTO SOCIAL E GEOGRÁFICO DO RADICCI	88
4.1	Aspectos históricos e geográficos da imigração italiana no sul do Brasil.....	88
4.2	O espaço social da colônia italiana.....	99
4.3	A organização familiar ítalo-brasileira.....	107
4.4	O homem da colônia: traços culturais do colono italiano representado pelo Radicci	109
4.5	O local e o universal no Radicci	115

PARTE 2 - A INFLUÊNCIA

CAPÍTULO 5

5	METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO.....	118
5.1	A perspectiva da dialetologia pluridimensional.....	118
5.2	Dimensões de análise da pesquisa.....	121
5.2.1	Arealidade da pesquisa: o espaço ocupado por Caxias do Sul.....	122
5.2.2	Demais dimensões de análise dos dados.....	125
5.3	Definição dos informantes da pesquisa.....	127
5.4	Realização das entrevistas.....	129
5.5	Instrumento de coleta dos dados.....	131

CAPÍTULO 6

6	A RELAÇÃO ENTRE O RADICCI E O COLONO ITALIANO	136
6.1	Contato com o Radicci	136
6.2	Bilingüismo do informante.....	141
6.3	A fala do Radicci em relação à fala do colono italiano: aspectos lingüísticos.....	144
6.4	Identidade "lingüística" entre o Radicci e o colono ítalo-brasileiro.....	153
6.5	A influência do Radicci sobre o uso do italiano	163
6.6	Ensino do italiano: padrão X dialeto	172
6.7	Manutenção ou substituição do italiano	178
6.8	Interação com o Radicci	181
	CONCLUSÕES	185
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194

LISTA DE QUADROS, MAPAS, GRÁFICOS, FOTOGRAFIAS¹ e ANEXO

Quadro 1	58
Quadro 2	58
Quadro 3	93
Quadro 4	95
Quadro 5	127
Quadro 6	128
Mapa 1	90
Mapa 2	92
Mapa 3	97
Mapa 4	101
Mapa 5	123
Gráficos 1	138
Gráficos 2	139
Gráficos 3	141
Gráficos 4	145
Gráficos 5.....	147
Gráficos 6	148
Gráficos 7	149
Gráficos 8	153
Gráficos 9	163
Gráficos 10	165
Gráficos 11	167
Gráficos 12	169
Gráficos 13	170
Gráficos 14	173
Gráficos 15	174
Gráficos 16	176
Gráficos 17	179
Gráficos 18	180

¹ Fonte: UCS - Projeto ECIRS. Fotografos: Aldo Toniazzo, Ary Nicodemos Trentin.

Gráficos 19	181
Fotografia 1: Travessia de imigrantes italianos para o Brasil	11
Fotografia 2: Família típica da RCI	53
Fotografia 3: Paisagem colonial	87
Fotografia 4: <i>Le scandole</i>	98
Fotografia 5: Construções típicas do meio rural da RCI	106
Fotografia 6: Ítalo-brasileiros à mesa	116
Fotografia 6: Caxias antiga/ Caxias atual	124
Anexo 1:	206

RESUMO

O presente estudo investiga a inter-relação entre a fala do personagem Radicci (e de sua família), criação do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, e a fala proveniente do contato do imigrante italiano com o novo meio, na região de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, tanto no meio urbano, quanto no rural. O objetivo geral da pesquisa, a influência do Radicci sobre as relações lingüísticas do italiano em contato com o português na área de estudos, se desdobra em quatro pontos essenciais: (a) *componente lingüístico*: em que medida a fala do Radicci reflete a fala do colono ítalo-brasileiro, já que se concebe o personagem como um símbolo representativo desse elemento humano característico da região?; (b) *componente atitudinal*: como os falantes da região reagem aos traços lingüísticos da fala do Radicci, ou seja, que atitudes lingüísticas são reforçadas ou inibidas na recepção do personagem?; (c) *componente de identidade*: no caso de haver uma identificação ou não com o personagem, como isso repercute sobre a questão da identidade ítalo-brasileira?; (d) *componente da situação bilíngüe*: considerando os itens (a), (b) e (c), em que medida o Radicci contribui para a manutenção ou substituição lingüística das variedades do italiano em contato com o português na região de Caxias do Sul? O estudo, portanto, se desenvolve no âmbito de pesquisas do “bilingüismo e línguas em contato”, abordando tópicos como atitudes lingüísticas, identidade, preconceito lingüístico, manutenção ou substituição da língua minoritária. Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo desses aspectos tem por base a perspectiva da nova Dialetologia Pluridimensional, como é concebida por Harald Thun nos atlas contatuais do Uruguai e do Paraguai. Os resultados do estudo nos levaram a constatar que o Radicci encontra grande aceitabilidade entre os informantes da pesquisa, no que tange ao contato e à recepção do personagem. Os aspectos mencionados como deflagradores dessa repercussão positiva vão desde o humor até o grande valor do personagem como símbolo representativo da região de Caxias do Sul, com as peculiaridades próprias da cultura italiana da RCI.

ABSTRACT

The present paper researches on the existing connection between Radicci and this family's speech, and the resulting one from the Italian immigrants contact with their new environment in the region of Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, both in urban and rural areas. Radicci is a creation of the cartoonist, humorist and radio commentator Carlos Henrique Iotti, from Caxias do Sul. The general objective of this study, that is, Radicci's influence over the linguistic relationship of the Italian language in contact with the Portuguese language (in this studied area) unfolds in four essential points: (a) *linguistic component*: at what extent does Radicci's speech reflect the Italian-Brazilian colonist, since the character is considered a symbol of this human element present in the region?; (b) *attitudinal component*: how do the speakers in the region react to Radicci's linguistic traits, that is, which linguistic attitudes are reinforced or inhibited in the acceptance of the character? (c) *identity component*: in the case of an existent or non-existent identification with the character how does it reflect on the Italian-Brazilian identity issue? (d) *bilingual status component*: considering items (a), (b) and (c), at what extent does Radicci contribute to the linguistic maintenance or substitution of the Italian varieties in contact with the Portuguese language in the region of Caxias do Sul? This way, this research unfolds in the scope of the studies about "bilingualism and language contact", approaching topics such as linguistic attitudes, identity, linguistic prejudice, maintenance or substitution of the minority language. From the theoretical-methodological point of view, the study of these aspects are based on the perspective of the new Pluridimensional Dialectology as it is conceived by Harald Thun on the contactual atlas of Uruguay and Paraguay. This study's results lead us to notice the great acceptability of Radicci among the research informers regarding to the character's contact and acceptance as well. These results also certify Radicci's importance in relation to the valuing of the customs and speech of this Italian settlement region. The positive response achieved by the character, not only in Caxias and surrounding but also in other Brazilian states, is a result of his humorous features and universal profile, exceeding the localism of the region.

Centro Studi Emigrazione, Roma/Reprodução/CR

Na travessia da Itália
para a América, os imigrantes
vinham amontoados nas
pontes dos navios.

INTRODUÇÃO

A migração ocorrida no final do século XIX e início do século XX, quando mudanças estruturais vinculadas à expansão do capitalismo e a novas formas de produção ocorriam no mundo ocidental, trouxe para a América milhares de europeus. Esses migrantes vinham embalados pela perspectiva de uma vida melhor e da realização do grande sonho de serem proprietários de terras. A imigração italiana, iniciada em 1875, no Rio Grande do Sul, inseriu-se nesse contexto e atendeu aos interesses tanto do governo brasileiro quanto do italiano.

Estudos realizados por Frosi & Mioranza (1975, 1983) apontam que os imigrantes italianos vieram das mais diversas regiões do norte da Itália, cada qual com seu próprio dialeto regional, e aqui foram designados para suas novas terras, obedecendo-se a um critério simples de assentamento, ocupando as terras mais próximas ao núcleo central até as mais longínquas. Com isso, formaram-se poucas ilhas lingüísticas e, para que essas pessoas pudessem se comunicar, foi necessário instaurar, na Região de Colonização Italiana (RCI), no Rio Grande do Sul, um dialeto comum, uma coine resultante de uma combinação de características de diversos dialetos.

Essa fala dialetal solidificou-se, difundindo-se pela região, pois somente alguns poucos mais velhos ainda persistiam falando o dialeto de sua região de origem, e os demais ainda não tinham suficiente familiaridade com a língua portuguesa a ponto de se aventurarem a falar este idioma.

Nos meados da década de trinta, o então presidente do Brasil lança uma campanha de nacionalismo, proibindo todo cidadão residente no país a se manifestar em qualquer língua que não a oficial do país, a língua portuguesa. Os mais diversos registros sobre a história dessa época mostram que este foi um período marcado pelo medo, resignação, preconceito e um gradativo abandono da fala dialetal italiana e das tradições trazidas do país de origem. Assim, à medida

que os meios de comunicação ampliaram sua influência sobre essas comunidades, a cultura e as tradições italianas, centradas essencialmente na família e na igreja, ficaram fadadas ao desaparecimento, exacerbando o estigma que começara a cercar a figura do colono italiano da RCI.

Contudo, somente a partir das três últimas décadas, mais precisamente com as comemorações alusivas ao centenário da colonização italiana na RCI, esse assunto vem merecendo uma atenção maior por parte de historiadores, lingüistas, sociólogos, dentre outros. Isoladamente ou ligados a instituições, surgiram alguns estudos de grande relevância para o entendimento das manifestações sociais, lingüísticas e culturais ocorridas no período de imigração e colonização italianas no Rio Grande do Sul, mais exatamente na região nordeste do estado, e seus efeitos sobre o modo de falar e de ser dessas populações. Movimentos de retorno às raízes têm contribuído não só para resgatar “costumes e uma história esquecida ou mesmo ocultada”, mas também para promover a auto-estima e o respeito a essa cultura. Esse esforço é de suma importância para os descendentes de imigrantes italianos da RCI, pois, até pouco tempo atrás, era comum nos depararmos com pessoas descendentes de imigrantes italianos envergonhados, não só de seu sotaque característico, ao falarem a língua portuguesa, como também de suas origens e de sua história, pois reconhecer-se descendente de imigrantes italianos foi, por muito tempo, aceitar expor-se ao estigma do desprestígio social.

Uma série de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado acompanham esse interesse no entendimento do fenômeno cultural, lingüístico e social que envolve o bilingüismo (e biculturalismo) presente nessa região. Citam-se, aqui, as pesquisas de Cleodes Piazza Ribeiro (1998), Eliana Gianni (1997), Neires Paviani (1992, 1997) e Vitalina Frosi (1989), pesquisadores estes também envolvidos como docentes da Universidade de Caxias do Sul, a qual se situa no centro desta problemática.

Paralelamente a esses estudos de base científica, há outros que priorizam o caráter cultural-artístico. Falamos, por exemplo, do grupo de teatro Míseri Coloni que tem encenado peças teatrais com temática da colonização italiana, representadas em fala dialetal italiana, como também de coros e grupos musicais que têm privilegiado, em seu repertório, músicas típicas do folclore italiano com letras em dialeto da RCI. Outras manifestações são levadas a efeito por radialistas

da região que, em alguns programas de rádio, fazem uso da fala recriada do colono italiano com a intenção de divertir e provocar o riso, sem que se perceba, nessa atitude, a intenção de menosprezar a cultura e a fala de colonização italianas. Pelo contrário, tal manifestação parece contribuir para que se apague o estigma sofrido pelos descendentes de imigrantes italianos ao longo da história dessa região. Assim, procurar entender a trajetória desse contato italiano-português, estudando não só seus aspectos históricos, mas também as manifestações atuais que ocorrem nos mais variados setores dessa sociedade, encontra ampla justificativa nas pesquisas. Um dos aspectos que tem chamado a atenção de estudiosos é a questão do bilingüismo e do contato italiano-português nessa área. Merece destaque, por exemplo, observar as atitudes lingüísticas em relação à fala do imigrante italiano, à de seus descendentes e à de pessoas que buscam recriar essa fala com a intenção de retomar as raízes da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Entre esses profissionais que utilizam, em seu trabalho, a fala recriada do homem típico descendente de imigrantes italianos, bem como sua caracterização humana, tem se destacado, de modo especial, o nome do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti. O trabalho desse artista tem alcançado grande repercussão junto ao público em geral, o que justifica, uma vez mais, uma investigação do seu trabalho, no contexto em que ele se realiza, no sentido de verificar sua relevância para a valorização da fala e comportamento típicos do colono de descendência de imigrantes italianos, bem como se ele favorece o processo de apagamento ou minimização do estigma que ainda pode cercar os falantes da língua minoritária.

O presente estudo parte de três suposições essenciais:

- (1) o trabalho de Iotti, que utiliza na elaboração de seus personagens a fala e a caracterização do homem típico da RCI, descendente de imigrantes italianos, influencia positivamente esses descendentes a manterem o uso da variedade dialetal italiana, aumentando, inclusive, seu interesse pela aprendizagem da língua italiana;
- (2) o seu trabalho contribui para demarcar um território próprio de um determinado grupo ítalo-brasileiro;
- (3) o trabalho de Iotti estimula o apagamento do estigma que cerca a fala e os costumes típicos da RCI.

Deste modo, constitui o objetivo do presente estudo verificar, de um lado, a influência do trabalho veiculado nos meios de comunicação do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, considerando tanto o apagamento do estigma que cerca a fala e o comportamento típicos do homem ítalo-brasileiro da RCI, quanto a valorização dos costumes típicos dessa região e, de outro lado, investigar a recepção desse fenômeno pela população de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, analisando as atitudes lingüísticas que cercam a fala do Radicci no contexto italiano-português da região.

Com base nessa proposta, colocam-se algumas questões iniciais de grande relevância para a pesquisa:

- (1) Em que medida a família criada por Iotti - Radicci, a esposa Zenoveva, o filho adolescente Guilhermino, o Nôno e tia Carmela - caracteriza-se como uma família típica de descendência de imigrantes italianos da RCI?
- (2) Qual a influência do trabalho de Iotti na manutenção ou substituição (*language shift*) da variedade dialetal italiana pelos falantes bilingües da área de estudo da pesquisa?
- (3) Qual a aceitação do personagem Radicci pela população de Caxias do Sul como representante da fala e costumes típicos da RCI?
- (4) Quais as atitudes lingüísticas mais comuns afetadas pela temática do Radicci e como essas atitudes norteiam as relações sociais entre falantes de diversos grupos de fala da área em estudo (bilingües e monolíngües, descendentes e não-descendentes, velhos e jovens, homens e mulheres)?
- (5) Em que medida o personagem Radicci contribui para reforçar ou estigmatizar traços tanto da fala quanto da identidade de um determinado grupo ítalo-brasileiro?

Para levar a bom termo este projeto de pesquisa, dividiu-se o trabalho em seis capítulos. O primeiro apresenta o âmbito da pesquisa, no que tange às hipóteses e objetivos do estudo, e discorre sobre aspectos que envolvem o estudo do bilingüismo, de língua e etnicidade, atitudes lingüísticas e manutenção ou substituição lingüística.

No segundo capítulo, apresenta-se o personagem Radicci e seu criador, Carlos Henrique Iotti. Descreve-se a gênese do personagem e sua família, a sua circulação nos meios de comunicação e, por fim, os traços mais significativos da

fala do Radicci, o *sotacon*, e sua relação com a língua do colono ítalo-brasileiro da RCI.

No terceiro capítulo, partindo da conceituação de língua e dialeto, levantam-se questões referentes às variedades dialetais dos ítalo-brasileiros da RCI, que constituem o contraponto da realidade do personagem fictício. São abordados os vários dialetos italianos que chegaram ao Brasil trazidos pelos imigrantes italianos do país de origem, a fala do imigrante italiano e seu contato com o português e interferências lingüísticas características desse contato.

No quarto capítulo, o enfoque principal recai sobre os aspectos relativos ao contexto do contato italiano-português, do qual emerge o Radicci e que situa o homem descendente de imigrantes italianos nas dimensões histórica, social e cultural da colonização italiana na região nordeste do Rio Grande do Sul.

O quinto capítulo aborda os aspectos teórico-metodológicos que embasam a pesquisa empírica relativa aos efeitos da “produção cultural” de Lotti (parte final - “A Influência”).

O sexto capítulo apresenta os resultados desta pesquisa, analisando as questões relativas às atitudes lingüísticas, à manutenção ou não, principalmente, do bilingüismo e à identidade do colono ítalo-brasileiro.

Vale ressaltar que os objetivos lançados por este estudo abrangem um leque bastante amplo de questões que, por si só, já representariam um empreendimento bastante ousado para uma pesquisa de Mestrado. Contudo, a reflexão mesma em torno do objeto de estudo “O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul”, como sugere o título da dissertação, propõe uma ligação estreita entre os diversos fatores envolvidos – identidade, atitudes lingüísticas e *language shift* – de cujo conjunto não queremos abdicar, sob pena de incorrer em análises parciais do fenômeno estudado.

Parte 1

A Relação

CAPÍTULO 1

1 ÂMBITO DA PESQUISA

1.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa

O presente estudo insere-se no âmbito da pesquisa de bilingüismo e línguas em contato. Sua gênese, conforme se aludiu anteriormente, está ligada às hipóteses inicialmente colocadas sobre o trabalho do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, as quais dizem respeito, principalmente, à natureza do trabalho desenvolvido por esse autor, no sentido de que explora, na forma de uma “produção artístico-cultural”, o *cartum*, tipos humanos que caracterizam o colono típico da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. As personagens criadas por Iotti comunicam-se numa fala que, se, por um lado, não representa diretamente um dos dialetos italianos falados na região, por outro, carrega os traços mais marcantes de um português de contato ítalo-brasileiro da RCI. Isso posto, surge um questionamento: como um instrumento de atuação/criação artístico-cultural, o *cartum*, poderia ser investigado em termos de uma pesquisa lingüística em nível de Mestrado?

Conforme os diversos estudos existentes sobre a colonização da RCI, a figura do colono italiano sempre esteve envolta em um processo de estigmatização quase irreversível acerca do seu comportamento e de sua fala dialetal. Somente nos últimos trinta anos, as manifestações relativas à imigração e ao colono italiano vieram resgatar em maior grau o valor da comunidade de falantes que colonizou a RCI. A obra de Carlos Henrique Iotti desponta entre tantos outros trabalhos de autores das mais variadas áreas culturais da região, que contribuem para dar visibilidade à presença desse contingente de imigrantes nessa parte do Brasil.

Com base nessas observações, pudemos, então, hipotetizar que esse autor, utilizando a fala e a caracterização do homem típico da RCI, descendente de imigrantes italianos, influencia positivamente descendentes de imigrantes italianos a manterem o uso da variedade dialetal italiana, como também a buscarem aprender a língua italiana. Além disso, o mesmo autor contribui, através da sua obra, para o apagamento ou minimização do estigma que cerca a fala e os costumes típicos da região. Por fim, estabelece-se a hipótese de que o trabalho de Carlos Henrique Lotti é relevante para demarcar um território próprio de um determinado grupo humano ítalo-brasileiro.

A partir destas hipóteses prévias, procurou-se verificar, então, em que medida o trabalho de Carlos Henrique Lotti, de fato, influencia o apagamento ou manutenção do estigma que cerca a fala e o comportamento típicos do colono descendente de imigrantes italianos da RCI, seja na valorização dos costumes típicos dessa região, seja ainda no tocante à recepção desse trabalho pela população de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Tal objetivo suscita a investigação de algumas questões básicas que não é demais repetir aqui:

- (a) a questão sobre a influência do trabalho de Lotti na manutenção ou na substituição (*language shift*) da variedade dialetal italiana pelos falantes bilíngües da área de estudo da pesquisa;
- (b) a questão relativa à aceitação do personagem Radicci pela população de Caxias do Sul como representante da fala e costumes típicos da RCI;
- (c) a questão sobre as atitudes lingüísticas que norteiam as relações sociais entre falantes de diversos grupos de fala da área de estudo (bilíngües e monolíngües, urbanos e rurais, descendentes e não descendentes, velhos e jovens, homens e mulheres);
- (d) a questão envolvendo a contribuição de uma produção artístico-cultural como o Radicci para reforçar ou estigmatizar traços tanto da fala quanto da identidade de um determinado grupo ítalo-brasileiro.

Como vemos, trata-se de questões inerentes ao estudo de bilingüismo e línguas em contato, as quais nos pareceram necessariamente interligadas umas às outras, "como um leque" preso ao objetivo central de verificar a influência do Radicci no bilingüismo da população que ele representa e que constitui a base étnica e cultural da área de estudos, Caxias do Sul.

1.2 Língua e etnicidade

A sociologia aponta, a partir de observações e dados de pesquisa, que "as línguas transmitem significados ou conotações sociais" (Appel & Muysken, 1996:24). Vários estudos têm se debruçado sobre a questão da identidade do grupo social em comunidades bilíngües, qualificando-a como identidade cultural ou étnica, ou seja, a etnicidade do grupo.

A identidade de um grupo se constitui a partir daqueles elementos que o diferenciam de outro. Grupos que possuem sua própria língua constituem grupos etnolingüísticos. Por exemplo, os "chicanos" que saem do México e vivem nos Estados Unidos constituem um grupo étnico, pois, além de possuírem sua própria língua, diferenciam-se dos demais grupos em outros fatores. Appel & Muysken (1996:24) lembram que, durante algum tempo, foi aceita a idéia de que grupos étnicos estavam fadados a desaparecer, pois esperava-se sua integração aos grupos dominantes, abandonando, assim, seu próprio estilo de vida, suas raízes, língua e identidade. Glazer & Moynihan (1975) argumentam que, em outras épocas, os grupos étnicos eram considerados relíquias antigas, diferentemente de hoje, quando se acredita que, cada vez mais, esses grupos sociais têm condições de renovar-se e transformar-se.

Para Fishman (1977, apud Appel & Muysken, 1996:25), é necessário observar três dimensões ao se falar em etnicidade: a dimensão da paternidade, a do patrimônio e a da fenomenologia. A dimensão da paternidade, a mais importante delas, refere-se à descendência herdada dos pais que a herdaram dos seus e assim sucessivamente até a origem. Nesse sentido, a etnicidade transmite o sentimento de continuidade. A dimensão do patrimônio, por sua vez, diz respeito aos bens da coletividade, àqueles valores herdados das gerações anteriores, como a música, o vestuário, comportamentos os mais diversos, ocupações específicas. A terceira dimensão, a da fenomenologia, englobaria, enfim, o significado que atribuímos à paternidade e à herança étnica. Aspectos como analisar atitudes subjetivas dos indivíduos até a sua pertença a um grupo étnico são atribuídos à fenomenologia. Para Fishman, a língua é um símbolo de etnicidade por excelência, pois ela dá conta da paternidade, expressa o patrimônio e sustenta a fenomenologia. Valores culturais de um povo encontram expressão

na língua e, possivelmente, só poderiam ser expressos, de forma mais eficaz, em sua própria língua.

Ross (1979, apud Appel & Muysken, 1996:25) define a etnicidade com base em duas correntes de pensamento: a objetiva e a subjetiva. A primeira corrente caracteriza a etnicidade de um grupo pela soma de aspectos concretos que constituem essa comunidade, como a língua própria, a comida, o vestuário, os contos populares diferenciados. Na verdade, essa dimensão limita-se à visão de patrimônio, descrita por Fishman (1977). A segunda propõe que a etnicidade de um grupo se define pelo sentimento de comunidade compartilhado por todos os membros do grupo. Esse sentimento subjetivo diminui a importância de outros elementos objetivos. Le Page & Tabouret-Keller (1982) exemplificam a questão, trazendo à baila o que aconteceu a emigrantes da Índia vivendo na Inglaterra. Inicialmente, eles tinham suas próprias características, tipicamente insulares, entretanto a atitude da maioria dos britânicos brancos induziu-os a desenvolver uma ideia contrária comum, e, sobre essa percepção, os emigrantes indianos construíram uma nova identidade de índio ocidental.

Edwards (1981, apud Appel & Muysken:27) defende que a língua é uma das manifestações de identidade mais óbvias. Quando grupos minoritários querem integrar-se à cultura majoritária, a função habitual da língua materna diminui. Ela até poderá ser mantida para ritos, bem como outros elementos culturais poderão permanecer, contanto que tenham alguma função na vida particular das pessoas. Ele ainda ressalta que os aspectos que permanecem não impedem os indivíduos de participarem da cultura majoritária e também que haja progresso na sociedade. Essa afirmação encontra eco em fatos como os que se verificam na história do desenvolvimento da cidade de Caxias do Sul. Observa-se que, nas décadas de 30 e 40, com a proibição da fala dialetal italiana nas escolas e locais públicos da RCI, o colono italiano buscou, no aprendizado da língua portuguesa, ascender socialmente e salvar-se do estigma que começava a cercar a fala dialetal italiana, a qual passaria a ser usada mais no âmbito familiar e pessoal. Com a integração à cultura majoritária, percebe-se que a cidade assume um valor simbólico de prestígio, associando desenvolvimento econômico e tecnológico com o uso do português.

A relação entre língua e etnicidade apresentada até aqui parte essencialmente da visão de uma língua homogênea, entretanto ela pode oferecer

múltiplas variedades. "Um grupo étnico pode desenvolver uma variedade étnica de uma língua que originariamente pertencia a outro grupo, abandonar progressivamente sua própria língua minoritária, e chegar a considerar a variedade étnica como um dos sintomas de sua identidade étnica" (Appel & Muysken, 1996:28). Um exemplo disso pode ser citado a respeito do inglês falado por um grupo de ítalo-americanos, que se adaptou à sociedade americana e fala uma variedade de inglês que lembra, muitas vezes, a dos primeiros imigrantes. Os autores afirmam, ao final, que não há uma relação necessária e categórica entre língua e etnicidade. Relativamente a essa questão, é apontado o estudo realizado por Lieberman (1970), com grupos étnicos no Canadá, onde foi observada a existência de grupos étnicos com línguas diferentes, como também, grupos étnicos diferentes com uma língua comum. O Brasil, por exemplo, é um país, cuja diversidade étnica só é unificada pela língua oficial do país - a língua portuguesa - que exerce função niveladora. Parece evidenciar-se, assim, que a língua não é necessariamente um elemento obrigatório do patrimônio, mas, se o for, terá uma valorização forte na dimensão fenomenológica.

Voltando à concepção de Ross (1979) sobre etnicidade, podemos concluir que, na perspectiva objetiva de etnicidade, a relação entre etnicidade e língua é acidental; na perspectiva subjetiva, os membros do grupo social tendem a associar etnicidade à língua.

1.3 Manutenção e substituição lingüística

Com freqüência, em países de imigração, a tendência é que uma das línguas em contato se perca de uma geração para a outra. O abandono de uma língua em favor de outra, geralmente, acontece de forma lenta e gradativa, a menos que ocorra uma intervenção oficial,² determinando o abandono radical da língua minoritária. Por outro lado, a manutenção lingüística acontece quando um grupo bilíngüe opta por continuar usando uma determinada língua. No Canadá, por exemplo, coexistem o francês e o inglês, sem que haja a perda de uma das

² Ver capítulo 3.

línguas em favor da outra, de uma geração para a outra, assegurando uma situação de bilingüismo prolongado.

Muitos são os fatores que interagem para que ocorra a manutenção ou substituição lingüística numa comunidade. A região de Caxias do Sul e demais localidades da RCI têm uma importante história marcada pelo bilingüismo societal, cuja ocorrência foi de vital importância para a sobrevivência dos pioneiros imigrantes da região. Dentre esses fatores, podemos destacar alguns, como:

- (a) o isolamento da região de imigração italiana, no nordeste Rio Grande do Sul, do restante do país, em especial, no início da colonização, favoreceu a manutenção do italiano; à medida que esse isolamento se rompeu em função do acesso às vias de comunicação e aos meios de comunicação de massa, cresceu a tendência em favor da substituição lingüística;
- (b) a Igreja, por longa data, promoveu a manutenção do dialeto italiano na RCI, até mesmo porque os sermões dos padres eram proferidos em italiano. Além disso, o padre era o principal elemento agregador dos colonos, fomentando a fé trazida pelos imigrantes, do país de origem; depois da política nacionalista de Getúlio Vargas, devido à proibição de falarem a variedade dialetal italiana, essa realidade mudou;
- (c) a vivência em família, principalmente no meio rural, tendeu a enfraquecer com o advento da industrialização da região, quando muitos agricultores preferiram trabalhar na “cidade”, favorecendo a substituição lingüística;
- (d) os casamentos exogâmicos levam, em regra, à substituição lingüística, pois, quando um dos cônjuges só fala português, a tendência é que a variedade do italiano “se perca”;
- (e) também o preconceito que, em determinada época, começou a cercar a fala dialetal italiana da região, foi determinante para o abandono do dialeto italiano em favor do uso do português, a língua de *status*;
- (f) a urbanização crescente de Caxias do Sul e localidades vizinhas tem favorecido a instalação de uma população mista na região, determinando, cada vez mais, a convivência com outras variedades da língua portuguesa e conseqüente substituição da variedade dialetal italiana;
- (g) as pessoas mais idosas, descendentes de italianos, que ainda usam o dialeto nas funções internas, fomentam a manutenção da variedade dialetal italiana da região? É possível perceber que, no meio rural, as pessoas de mais idade

estão preocupadas em manter a fala dialetal italiana e em passar essa fala para os filhos. Essa preocupação, no entanto, tende a estar mais ausente no meio urbano³;

- (g) festas tipicamente coloniais ainda acontecem em salões paroquiais, principalmente em localidades do interior. Nesses encontros, a comida típica é a italiana. Também é comum as pessoas cantarem músicas populares do dialeto italiano, identificando-se com os valores culturais do grupo étnico. Os efeitos de tais manifestações sobre a manutenção do bilingüismo são, neste caso, bastante variáveis.

Evidentemente, a questão é muito mais ampla.⁴ No nosso caso, tratava-se, no entanto, de citar alguns aspectos relevantes ao propósito da pesquisa, ligada à influência do Radicci sobre a manutenção ou não do italiano na região.

1.4 Identidade e atitudes no bilingüismo

Partindo do pressuposto que há uma relação entre língua e identidade, chega-se, então, à conclusão que essa relação deverá manifestar-se nas atitudes das pessoas a respeito dessas línguas e seus usuários. Appel & Muysken (1996:30) afirmam que as atitudes em relação a um grupo étnico ou social remetem às atitudes em relação à língua desse grupo que, por sua vez, revertem para as atitudes em relação aos falantes individuais dessa língua.

De acordo com os mesmos autores, podemos considerar duas perspectivas no que concerne à análise de atitudes lingüísticas: a conducionista e a mentalista. A primeira diz respeito ao uso da língua em interações reais. A segunda considera as atitudes como um estado interno, mediante o qual o indivíduo pode apresentar determinados comportamentos. No campo das atitudes lingüísticas, os pesquisadores, em geral, aderem à perspectiva mentalista, embora essa abordagem dificulte a investigação, já que estados mentais internos não são fáceis de observar, a não ser se os inferimos a partir das atitudes dos falantes ou através de dados fornecidos pelos mesmos.

³ Ver capítulo 6.

⁴ Ver GAL, S. (1979); WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. (1968).

Para investigar as atitudes lingüísticas pela perspectiva mentalista, dois métodos são empregados com muita freqüência: o da técnica de pares ocultos e o outro, o método do questionário. Mesmo sendo uma abordagem com método, essa perspectiva oferece, como já foi mencionado, a dificuldade de não se poder observar com objetividade os estados mentais, os quais só poderão ser deduzidos pelo comportamento dos falantes. Ainda assim, a maior parte das pesquisas sobre atitudes lingüísticas segue a perspectiva mentalista.

Lambert (1972) refere estudos realizados por ele e outros lingüistas, nos anos de 1958-1959, em Montreal, quando estudantes universitários canadenses anglófonos (CA) e estudantes canadenses francófonos (CF) classificaram as personalidades de vários falantes bilíngües de inglês e francês canadenses, através de um experimento de pares ocultos. A avaliação do grupo CA em relação ao grupo CF mostrou que os estudantes do primeiro grupo se consideravam superiores aos estudantes do outro grupo e julgavam ter mais caráter quando falavam inglês do que francês. Esse resultado não surpreendeu, visto que o francês não era a língua de prestígio no Canadá. O surpreendente foi que os próprios estudantes francófonos valorizaram em maior medida os pares anglófonos em vários aspectos, exceto no referente à amabilidade e religiosidade. Em muitos aspectos, os francófonos, ao avaliarem os pares CF, foram muito mais negativos que os anglófonos tinham sido em relação àqueles. Isso pode muito bem refletir a cultura espúrea a que muitos povos colonizados se submetem, quando eles próprios passam a se ver pelos olhos do colonizador, refletindo o estereótipo de que existem cidadãos de “segunda”, crença que, fomentada por alguns governos, facilita o processo de dominação.

Day (1982) examinou pesquisas referentes a atitudes infantis face à língua e dialeto das minorias e maioria. Esses estudos mostram que crianças de grupos minoritários, inicialmente, demonstram atitudes positivas em relação ao seu idioma, mas, posteriormente, suas atitudes refletem as da cultura dominante. Em geral, aos 10 anos, a criança conhece os estereótipos culturais predominantes entre os adultos e, depois dos 10 anos, parece que somatiza esses estereótipos e tende a fazer avaliações negativas sobre os falantes de línguas minoritárias. Resultados diversos são apontados em estudos como os de Schneiderman (1976), por exemplo, que realizou um estudo com crianças de 5 a 11 anos franco-canadenses, em uma área em que predominava o inglês. Os participantes

expressaram atitude mais favorável em relação ao francês do que em relação ao inglês, e as crianças maiores demonstraram essa preferência de forma ainda mais acentuada que as menores.

Outra pesquisa, realizada por Lambert & Tucker, em 1967 (Lambert, 1972), mostrou que negros do sul dos Estados Unidos, apesar de verem mais favoravelmente pessoas que falam o inglês *standard* do que aqueles que falam seu próprio estilo, preferem a sua própria maneira de falar à linguagem dos brancos educados do sul ou de negros que se tornam excessivamente brancos em sua fala, os quais distanciam-se das características próprias dos negros e usam uma linguagem com demasiada correção.

As línguas, especialmente em situação de contato, não podem ser consideradas como uma globalidade homogênea. A idéia de que as línguas podem ser objetivamente comparadas, gramatical e logicamente, embasa a explicação geral dos resultados dos estudos das atitudes lingüísticas. Entretanto, as diferentes avaliações subjetivas das falas se devem às diferenças de posição social dos grupos etnolingüísticos. Sobre esse assunto, Giles et al. (1979, apud Appel & Muysken, 1996:34) apresentam vários estudos ocorridos no Canadá e em Gales. Duas hipóteses são colocadas em pauta: a hipótese do valor inerente e a hipótese do valor imposto. A primeira perspectiva apresenta uma variedade que é melhor ou mais atrativa que a outra. A segunda perspectiva apresenta uma variedade considerada melhor ou mais atrativa que a outra porque é falada pelo grupo com mais prestígio ou *status*. A segunda hipótese foi confirmada por Giles e seu grupo de pesquisadores com relação ao francês canadense, considerado negativamente pelos falantes da comunidade onde era falado, o que não acontecia na comunidade galesa, que não considerava o francês canadense de forma negativa.

O que se percebe é que membros de minorias lingüísticas ou sem prestígio estão cientes de que essas línguas (minoritárias e sem prestígio) não auxiliam na busca de ascensão social. Assim, o espanhol na América do Norte, o francês no Canadá ou o quechua no Peru são línguas desatreladas do sucesso econômico e social.

Lembramos aqui, mais uma vez, a fala dialetal italiana da RCI, que, por proibição governamental, foi sendo substituída pelo uso da língua portuguesa. Assim, buscando ascender socialmente e proteger-se do preconceito que

começava a cercar os dialetos italianos da região, o descendente de imigrantes italianos buscou aprender a língua oficial do Brasil. Por outro lado, é interessante observar que, apesar de os falantes de línguas minoritárias mostrarem uma atitude negativa em relação à própria língua, não significa que não tenham apreço por esta língua. Caxias do Sul, por exemplo, é uma cidade na qual, a partir das comemorações alusivas ao centenário da imigração italiana na RCI, a cada dia percebem-se mais e mais pessoas, ligadas a instituições ou isoladamente, empenhadas em resgatar, registrar e valorizar aspectos lingüísticos, históricos e culturais da região colonial italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. Pelas mais variadas razões, a língua pode valorizar-se, principalmente, de acordo com Appel & Muysken (1996:35),

"no caso de falantes de gerações jovens em contextos de emigração ou por pessoas que se sintam orgulhosas de sua cultura minoritária. Essa forma de lealdade lingüística reflete as estreitas relações existentes entre a língua e a identidade social dos grupos etnolingüísticos".

É o que se pode observar nos relatos de Lambert (1972) sobre uma pesquisa realizada por ele e outros lingüistas, em 1961, com alunos de graduação e pós-graduação, na maioria americanos, os quais realizavam um curso intensivo de francês de 6 meses na Escola Francesa de Verão de McGill. O autor diz que esses alunos alcançaram uma tal proficiência em francês, que começaram a experimentar sentimentos de "anomie"⁵. À medida que eles progrediam no francês, aumentavam consideravelmente esses sentimentos e, quando esses alunos começaram realmente a dominar a segunda língua, ao ponto de "sonhar" e "pensar" em francês, ficaram tão incomodados com o sentimento de "anomie", que desenvolveram estratégias para controlar ou minimizar tais emoções.

Segundo Appel & Muysken (1996:35), não existe uma relação direta entre identidade e língua. Na verdade, nem sempre uma identidade étnica, cultural ou social está vinculada a uma língua distinta, contudo existem grupos profundamente interrelacionados com línguas distintas. Farley (1988, apud Lowe, 1996:190) diz que dentre as características sociais e culturais responsáveis pelo reconhecimento de um grupo étnico, as mais comuns são nacionalidade, língua e religião.

⁵ Anomie: um estado da sociedade em que padrões normativos de condutas e crenças tenham enfraquecido ou desaparecido; condição semelhante em um indivíduo, comumente caracterizado por desorientação pessoal, ansiedade, isolamento social. Fonte: *Webster's Third New International Dictionary*. V. II.

CAPÍTULO 2

2 RADICCI, O PERSONAGEM DO SOTACON

2.1 Gênese e significado do Radicci

Personagem do cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique Iotti, Radicci é o anti-herói⁶ que, por seu carisma e representatividade, tornou-se um símbolo da região colonial italiana. Baixinho e gordo, preguiçoso, grosseiro, flatulento, com hábitos alimentares e higiênicos controversos, apreciador de vinho e afeito a caçadas e pescarias, esse personagem é a personificação caricata do descendente de imigrantes italianos da RCI.

Nascido por volta de 1983, segundo o próprio autor, “nas primeiras tirinhas de vida”, Radicci aparecia, contrariamente, como um super herói, o Capitão Radicci, feito que se realizava toda vez que ele ingeria folhas de “radicci”⁷. Entretanto, Iotti logo percebeu que poderia dispensar o artifício de herói para sustentar o personagem, pois o autor contava com toda uma trajetória de tradição, trabalho e conquistas do imigrante italiano. Além disso, dispunha dos desregramentos do dia-a-dia - a preguiça para o trabalho, a pouca inclinação para o banho, a disposição para o vinho, para o “dolce fare niente” - tudo isso somado a uma família muito especial (ver figura na página anterior): Genoveva, a esposa exigente, que não deixa o marido esquecer suas obrigações, ironizando-o continuamente; Guilhermino, o filho adolescente, defensor de movimentos ecológicos, surfista e internauta; o nêno, companheiro de todas as farras; e Carmela, a irmã virtuosa. “Enfim, uma família como todas as outras famílias italianas. Eu vi que tinha um Hagar em potencial! Um personagem universal, mas com roupagem local” (Iotti, apud Ramos, 2000:24). Como o autor mesmo diz, trata-se de uma família que nascia com uma representatividade, a do colono da RCI.

Em 1988, Iotti lança a obra em quadrinhos *Demo via*, uma espécie de *Gibizon*, com caráter de obra, na qual é retratada a história dos pais do Radicci, na Itália, sua emigração para a América e a gênese do Radicci, no Brasil. Vale a pena reproduzir, a seguir, as duas últimas páginas dessa obra (Iotti, 1988:31-32), as quais apresentam aspectos curiosos da vida do Radicci.

⁶ Segundo Iotti (25.04.00), depois das festividades do centenário da imigração italiana na RCI, muitas manifestações de homenagem à colonização atingiram um tom triunfal, heróico, e o Radicci, com seu humor irreverente, surge como um anti-herói, causando, inicialmente, surpresa, para, em seguida, alcançar uma convivência saudável com pessoas de descendência de imigrantes italianos, as quais, enxergando-se no personagem, exercitam sua capacidade de rir de si próprias.

⁷ Espécie de planta hortense, de paladar amargo, muito cultivada na RCI, usada como salada durante as refeições. Estaria aqui alguma semelhança com o não menos conhecido personagem francês, Obelix?

A narração desse episódio, durante a qual foi possível acompanhar o nascimento do Radicci, realça aspectos psicológicos e sociológicos do personagem, como a sua reação quando, pela primeira vez, o pai lhe fala de trabalho, de como ele acabou sendo chamado de Radicci e de como um “acidente” marca sua vida para sempre. Esse episódio é inédito e único, pois o próprio autor ressalta que o personagem já nasceu pronto, nas páginas do Jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, num sábado do ano de 1983, sem qualquer estudo prévio: havia um espaço em branco no jornal, e o desenhista Iotti foi convidado a preenchê-lo com algum cartum. Ao aceitar a incumbência, decidiu recriar “essa figura” que ele via na rua, em qualquer lugar da cidade: a figura do imigrante italiano, do colono. Assim nascia o Radicci, que, desde o início, já aparecia com a família. O filho Guilhermino, com sua linguagem típica do jovem urbano, foi criado com a intenção de servir de contraponto ao mundo que o Radicci representa, permitindo que este e a família vivam situações engraçadas e embaraçosas, em um mundo moderno, povoado por vídeos, internet, surfe, lutas pela preservação ecológica. É o que ilustram as seguintes tirinhas retiradas do Jornal *Pioneiro*.⁸

⁸ As datas das publicações, respectivamente, são: 10 e 11 de junho/2000; 17 de junho/2000.

Segundo Iotti, em entrevista de 25.04.00 à autora desta dissertação, "o Radicci é uma fusão de várias pessoas com quem conviveu durante a sua vida": o autor tomou o pescoço de uma, a altura de outra, a compleição de robustez de outra, o bigode do bisavô, que só conheceu através de fotografias, a característica de sempre ter razão sobre qualquer assunto do próprio pai, agregou mais alguma coisa, e estava formada uma espécie de síntese do "gringão" da região colonial italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. Em entrevista ao Stúdio 36, TV COM (06.06.00), o autor ponderou que, quando criou o personagem, sentiu-se dono e senhor dele, porém, aos poucos, o mesmo Radicci cresceu tanto, que passou a imperar sobre o próprio criador. Hoje, o cartunista é convidado a participar dos mais variados eventos culturais, sociais, esportivos, por causa do Radicci, que, definitivamente, monopoliza o interesse das pessoas.

Efetivamente, o personagem prende o leitor/ouvinte pelo humor, por ser divertido. Além disso, enfatiza Iotti, o Radicci, com sua roupagem típica, ultrapassa o localismo para alcançar a universalidade, o que, na visão do autor, justificaria o fato de ele estar sendo aceito não só em Caxias do Sul e nas cidades circunvizinhas, como também em outras partes do país também.

Iotti compara o seu personagem aos *cowboys* americanos, quando diz que o Radicci é o *cowboy* do nordeste gaúcho, e os *cowboys* dos Estados Unidos são os Radicci do oeste americano. Ao fazer essa comparação, o autor cita Tolstói, dizendo que para ser universal basta cantar a própria aldeia.

2.2 O Radicci nos meios de comunicação

A trajetória do Radicci nos meios de comunicação mostra a história da difusão e abrangência do personagem dentro e fora do Rio Grande do Sul. Deste modo, também a amplitude deste estudo, de certa forma, pode ser vista como a extensão dessa trajetória.

A tirinha do Radicci iniciou timidamente, uma vez por semana, aos sábados, no Jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul. Devido à aceitação do público, logo começou a ser editada diariamente, nesse mesmo veículo de publicação. O passo seguinte foi conquistar a *Zero Hora*, o *Diário Catarinense*, o *Jornal do Povo*, de Pato Branco, Paraná. Depois vieram os programas de rádio; hoje, todas as sextas-

feiras, o Radicci está na Rádio Atlântida, de Caxias, grupo RBS, no programa *Demo via let's go*. Nessa mesma rádio, diariamente, em dois horários diferentes, ele aparece, fazendo um comentário. Antes disso, por seis anos, o Radicci comandou um programa semelhante na rádio Stúdio FM, de Caxias do Sul. Além disso, faz parte do programa esportivo *Show dos Esportes*, de Pedro Ernesto Denardin, na Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, quatro vezes por semana. Eventualmente, o Radicci registra presença na *Revista Vinho Magazine*, de São Paulo, especializada em vinhos. Também aparece em comerciais de produtos licenciados com a marca Radicci, como a Mazzaiola, fabricante de massas, e do shopping-center Iguatemi, de Caxias do Sul.

Outro espaço ocupado pelo personagem é o *Gibizon*, a revista em quadrinhos do Radicci. Com vinte volumes editados, o *Gibizon* começou a ser publicado em 1992, e é a revista em quadrinhos em circulação mais antiga feita no Rio Grande do Sul. Atualmente, sem periodicidade fixa,⁹ com uma tiragem de cinco mil exemplares, a revista rapidamente se esgota e só pode ser adquirida em bancas de cidades da região de Caxias do Sul e em algumas de Porto Alegre. O último número foi lançado em abril de 2001, e lotti diz que sempre está produzindo o seguinte, isto porque não só a produção do *Gibizon* é do autor, mas também a editoração, o que lhe exige muito tempo e dedicação.

Além de *Demo via* (1988), o autor também lançou a obra *Allegro, ma non troppo*, em 1992. À semelhança da anterior, também esta é uma obra em quadrinhos, em tudo parecendo um *Gibizon*, na qual o Radicci vive as maiores peripécias com a Genoveva, o Guilhermino e o Nôno.

O cartunista lotti participa diariamente do jornal do meio-dia, *Primo Piatto*, no canal de televisão da Universidade de Caxias do Sul (TV UCS), momento em que apresenta a charge do dia. Além disso, o autor é responsável também pela charge editorial da *Zero Hora* e, no jornal *Pioneiro*, ele apresenta, diariamente, duas charges, uma de caráter político e outra sobre esporte.

É interessante observar que é o próprio autor quem interpreta o personagem Radicci. Na entrevista à TV COM (06.06.00), lotti explicou como isso começou. Ao testar pessoas para encenarem o personagem, o autor tanto representou, mostrando como deveria ser a performance do Radicci, que um dos candidatos

⁹ No início, era editado a cada dois meses, depois trimestralmente, hoje é publicado sem período fixo.

acabou sugerindo que o próprio Iotti “vivenciasse” o personagem. Hoje, Radicci-Iotti fundem-se não só para falar, como também para escrever. É o que se pode constatar no Jornal *Pioneiro*, Caderno Sete Dias, no qual, semanalmente, é publicado um artigo de Radicci-Iotti. Os assuntos são os mais variados, abordando desde peculiaridades gastronômicas, conselhos sobre pescaria, até a crítica a respeito de um filme do momento.

Para escrever como Radicci, o cartunista tem que sair de cena como Carlos Henrique Iotti, porque só ao Radicci é permitido usar expressões menos polidas, algumas outras chulas, cometer algumas barbáries com a língua portuguesa, e,

segundo o autor (25.04.00), é graças a essa liberdade criativa que ele se permite maior abertura para ousar.

Apesar dessa fusão Radicci-lotti, é sempre uma surpresa para quem não conhece pessoalmente o cartunista, deparar-se com o criador do Radicci, porque, mesmo personificando o personagem, fisicamente em nada se parece com ele. Entretanto, "se lotti não tem as características físicas de seu personagem, tem o espírito: é brincalhão, debochado, atochador..." (Ramos, 2000:26). E muito trabalhador, está sempre desenhando e ainda enfatiza que já trabalhou mais, por exemplo, quando o *Gibizon* era editado a cada dois meses, pois isso lhe exigia produzir sem parar.

Na foto abaixo,¹⁰ o cartunista Carlos Henrique lotti degusta um vinho ao lado do boneco Radicci.

¹⁰ Fonte: Revista *Aplauso*, Ano 2, n.17, 2000, p.24.

2.3 A fala do Radicci: o *sotacon*

Iotti (25.04.00) registra que, ao criar o personagem Radicci, teve a intenção de atingir o público da RCI, os descendentes de imigrantes italianos em especial, utilizando o dialeto vêneto ou mesmo o italiano *standard*, mas logo percebeu que, assim, a leitura de suas tirinhas ficaria restrita a uma parcela diminuta da população.¹¹ Dessa forma, resolveu dispensar maior atenção à língua portuguesa, e deu ao Radicci uma fala portuguesa italianada, com sotaque carregado, de forma que tanto os monolíngües quanto os bilíngües de Caxias do Sul e arredores pudessem entendê-lo, como também pessoas de outras localidades como Porto Alegre, Florianópolis e demais regiões do país. Satisfeito, o autor reconhece que isso deu certo, porque, embora o Radicci use, em muitos momentos de sua fala, expressões típicas do dialeto vêneto, como *ciuco*, *bauco*, *panòcia*,¹² por estarem essas palavras colocadas num contexto, não há prejuízo para o entendimento do que ele diz, e, assim, cresce a sua receptividade entre as pessoas dos mais variados públicos. Para o autor, Caxias do Sul deu a sustentação inicial ao Radicci em termos de receptividade - e a tem mantido até hoje - enquanto muitas outras cidades, segundo o cartunista, foram entendendo o personagem, gradativamente, até apreciá-lo.

O autor (25.04.00) diz que, na verdade, o que ele faz com a fala do Radicci é "uma brincadeira lingüística". Mesmo pensando em português, quando dá voz ao Radicci, ele transforma a fala do personagem naquilo que ele chama de o *sotacon*, que é uma forma italianada de falar e escrever o português. Esclarece que a linguagem do Radicci não é uma mistura de dialetos italianos, também não é uma mistura do dialeto vêneto com a fala portuguesa urbana; é o português com sotaque italiano, perpassado de algumas expressões do dialeto italiano muito popularizadas, facilmente intelegíveis, para que a linguagem do quadrinho, que deve ser muito clara e concisa, não tenha seu entendimento prejudicado.

¹¹ Iotti enfatiza que mesmo entre os descendentes de imigrantes italianos há um grande percentual de pessoas que não falam nem entendem o dialeto vêneto, tampouco o italiano *standard*.

¹² Bêbado, bobo, espiga.

Para Iotti, essa linguagem, que ele denomina de *sotacon*, apresenta algumas regras básicas, que ele classifica como regras gramaticais do *sotacon*. Ele explica: onde iria /ãw/, vai ⟨on⟩ e vice-versa; quando a palavra leva dois ⟨r⟩, coloca-se um; também existem as palavras que começam com /z/, como *Zosé*, *Zanete*, *Zenoveva*. E ele emenda: "E por aí vai essa brincadeira linguística que eu faço; não é uma coisa estudada, é uma coisa que sai no improviso, na hora em que vou escrever."

Com o intuito de tornar essa questão mais elucidativa, buscaremos apontar alguns traços mais característicos da fala do Radicci e seus familiares, tendo por base "tirinhas" retiradas das obras de Iotti¹³. Para tanto, os comentários sobre essa fala serão divididos em três campos, destacando-se elementos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais mais recorrentes.

2.3.1 Traços fonético-fonológicos

Tomemos como ponto de partida a seguinte tirinha, extraída do *Gibizon*:

A realização do ditongo nasal /ãw/ como [on] (grafia ⟨on⟩) é recorrente na fala do Radicci, da Genoveva, do Nôno, da tia Carmela. Na tirinha temos a palavra do *sotacon* *circulaçon* > ptg. *circulaçãõ*; *sotacon* > *coraçõn* > ptg. *coraçãõ*; *sotacon non* > ptg. *nãõ*. Tal realização condiz com um traço de interferência da variedade do italiano no português, muito comum entre falantes bilíngües da região.

¹³ As tirinhas utilizadas para trabalhar a fala do Radicci foram retiradas de *Gibizon*, n.16, ano V; *Gibizon*, n.17, ano VI; *Gibizon*, n.18, ano VII; *Gibizon*, n.19, ano VII, de Carlos Henrique Iotti.

Observa-se, também, o fenômeno inverso da ocorrência de /ãw/, no *sotacon*, onde o português apresenta /õ/, por exemplo: *sotacon batãõ* > ptg. *baton*; *sotacon bãõ* > ptg. *bom*. O fenômeno evidencia, em termos lingüísticos, um caso de hipercorreção, visto que se aplica a regra a contextos fônicos onde não cabe aplicá-la. O mesmo se ob(grafia <rr>) em oposição ao tepe / / (grafia de <r>)serva em relação a outros fonemas, como a vibrante múltipla /r/. Na tirinha anterior, porém, aparece *bom*, sem interferência fonética do italiano. Neste particular, vejamos o seguinte exemplo:

Os dois personagens usam a palavra *indecorroso* em vez de *indecoroso*: o emprego da líquida vibrante múltipla alveolar se opõe à interferência do italiano verificada em relação a exemplos como *sotacon barriga* > ptg. *barrriga*, ou *sotacon churrasco* > ptg. *churrrasco*, ou seja, emprego da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla, como na seguinte tirinha:

O exemplo também aponta a ocorrência de apócope de /r/, principalmente, em formas de infinitivo: *queimá* > ptg. *queimar*; *dá* > ptg. *dar*; *entortá* > ptg. *entortar*, uso comum na fala coloquial do português brasileiro. Contudo, é interessante observar que a forma de infinitivo do verbo *ser* não apresenta apócope; seria devido ao fato de estar compondo uma locução verbal? O mesmo acontece com o advérbio *devagar*, que não registra nenhum caso de apócope de /r/. Ou seja, a queda do /r/ final é variável, não é aplicada categoricamente em todos os contextos fônicos.

Na fala do Nôno, verifica-se, igualmente, a apócope do /r/ na forma infinitiva do verbo *tomar*. Como representante da geração dos mais velhos, é ele o que registra o maior número de ocorrências de fricativa alveolar surda em lugar de constrictiva fricativa palatal surda.

Da mesma maneira, observa-se, com frequência, exemplos de monotongação de /ow/, como em *sotacon vô* > ptg. *vou*, *sotacon virô* > ptg. *virou*, caracterizando um traço típico do português coloquial, não exclusivo do falante de italiano. Esta regra, porém, não é categórica – veja-se, abaixo, *sotacon azudou* > ptg. *ajudou*, onde se mantém o ditongo.

Nos exemplos acima, percebe-se a presença da constrictiva fricativa alveolar sonora no lugar da constrictiva palatal sonora, também na fala da Genoveva (*sotacon azudou* > ptg. *ajudou*) e do Radicci (*sotacon azuda* > ptg. *ajuda*). Também o uso de *psicolozia* em vez de *psicologia* evidencia esse processo. Essa alternância já constituiu um traço muito marcante da fala dos ítalo-brasileiros, resultante da interferência da variedade dialetal do adstrato dos imigrantes italianos no português. Ela, porém, não se observa na fala do Guilhermino, que representa a geração dos jovens.

Aqui, novamente, podemos destacar traços de interferência do italiano no português já apontados nas passagens anteriores: *sotacon zeito* > ptg. *jeito*; *sotacon deissa* > *deixa*; *sotacon vo* > ptg. *vou*; *sotacon mon* > ptg. *mão*. Vale

observar, ainda, a ocorrência de ieísmo na palavra *véio* > ptg. *velho*. Esse processo não é recorrente, pois, em outros momentos da fala do Radicci, aparece a lateral palatal. Guilhermino usa a forma sincopada *pro* (em vez de *para o*), traço característico do português coloquial.

2.3.2 Traços Morfossintáticos

No que se refere aos traços morfossintáticos da fala do Radicci, é possível observar regularidades importantes, como o uso do pronome pessoal de 2ª p. sing. *tu*, com concordância de 3ª p. sing., característico da variedade gaúcha do português, como, por exemplo, *tu frita*.

Outra marca do português coloquial é a pluralização presente só nos marcadores: *un̄s lambarri*; *quantas̄ tonelada!?*, *aqueles̄ cascáio brilhante*, *tre dia*, desviando da forma padrão ptg. *un̄s lambaris̄*; *quantas̄ toneladas̄!?*, *aqueles̄ cascalhos̄ brilhantes̄*, *três dias̄*¹⁴.

Por fim, observa-se com bastante frequência, a ocorrência de *me* enfático,¹⁵ como no exemplo que segue "Deissa *me* olhá o careteiro!". Esse fenômeno traduz a interferência estrutural do italiano no português, um traço corrente entre indivíduos da RCI. Além disso, registra-se a ocorrência de *sotacon deissa* > ptg. *deixa*; *sotacon olhá* > ptg. *olhar* e *sotacon careteiro* > ptg. *carreiro*, traços já

¹⁴ Os exemplos aparecem em tiras que seguem.

¹⁵ Ver, para tanto, o estudo de PAVIANI, Neires M. S. (1992).

discutidos anteriormente. Nesta seqüência, Radicci emprega as palavras *melhor* e *olhar* sem o traço da apócope do /r/.

2.3.3 Traços Semântico-lexicais

Analisando um cem número de histórias do Radicci, encontra-se uma lista de exemplos do léxico que, entre outras funções, denotam a influência do italiano no português, enfatizando os traços da identidade e da etnicidade do colono ítalo-brasileiro. Muitos desses exemplos são conhecidos ou mesmo usados tanto por bilíngües quanto por monolíngües. No quadrinho abaixo, por exemplo, *Zio*¹⁶ é um empréstimo lexical do italiano *standard*, para o italiano dialetal vêneto da RCI, muito empregado na situação retratada no quadrinho, como blasfêmia, tanto por bilíngües quanto por monolíngües.

A análise do conjunto das falas presentes nas histórias do Radicci mostra um *code mixing* reunindo interferências e elementos lexicais do português

¹⁶ Ver POLITO, A. G. *MICHAELIS pequeno dicionário italiano-português/português-italiano*. São Paulo: Melhoramentos, 1993. Os vocábulos do italiano citados neste capítulo têm essa mesma fonte.

coloquial, específicos ou não da variedade gaúcha, variedade dialetal do vêneto e italiano *standard*. No que se refere aos elementos do adstrato italiano, parecem ser as palavras gramaticais as mais propensas a aparecerem no discurso misto do Radicci e demais personagens bilíngües da história. Destacam-se, aqui, os pronomes (p. ex. *mia* *face*, *questo* *guri*, *io*, *tuo* *zipe*), os artigos (p. ex. *un* *pandorga*, *il* *mondo*, *un* *incêndio*), numerais (p. ex. *tre*, *secondo*), ou mesmo preposições, como em *dí* *me* (ptg. ‘de mim’), e palavras como *perchè*.

Também se observam exemplos da “brincadeira lingüística”, à qual se referia Iotti em um depoimento seu. Genoveva aportuguesa o possessivo *mios*, já que *mio*, do italiano *standard*, apresenta a forma *miei* para o plural¹⁷.

O pronome possessivo de primeira pessoa do singular em dialeto vêneto é *me* e serve para designar tanto a posse de um objeto como de vários, tanto do gênero masculino, quanto do feminino¹⁸.

Na fala de tia Carmela, como na do Radicci, da Genoveva e do Nôno, os representantes da geração dos mais velhos, portanto mais proficientes no uso do italiano, encontra-se, com freqüência, o pronome pessoal do italiano *io* > ptg. *eu*, assim como demonstrativo *questo* > fala dialetal italiana *questo* (ptg. *este*). Já o artigo indefinido *un* é contribuição do dialeto vêneto da RCI.

No que se refere aos elementos lexicais (sem função gramatical), encontram-se exemplos que, se já não são conhecidos ou usados por certa parte de bilíngües e monolíngües da região, pela freqüência de seu uso por outros falantes desses grupos, oferecem grandes chances de tornarem-se empréstimos integrados ao português de contato. Esta lista inclui vocábulos como *piatto*, *lavoro*¹⁹, *vino*, *bagno*, *(il) mondo*, *mattina*, *mezza-noite*, *bambino*, *nôno*, *drento* (v. contexto nas tiras que seguem).

¹⁷ Ver WILLERS, H. *Gramática do italiano*. Lisboa, Editorial Presença, 1995:50. Demais referências a aspectos do italiano *standard*, neste capítulo, têm esta mesma fonte.

¹⁸ Ver STAWINSKI, A. V. *Gramática e vocabulário do dialeto rio-grandense*. Porto Alegre: EST/CR/UCS, 1990. As referências a termos dialetais vênets da RCI, neste capítulo, têm esta mesma fonte.

¹⁹ Na fala dialetal vêneta, encontramos *lavoro* e *laoro* (ptg. ‘trabalho’).

Entre os elementos já integrados ao português dos monolíngües, encontram-se exemplos como *tchúco* (significando 'bêbado'), *emboletar* ('drogar'), *maginarse* ('imagina'!!!), *nonna* ('avó'), *ragazza* ('moça'), *perverso*.

O uso do verbo *pedir* na acepção de ‘perguntar’ ilustra um caso de interferência semântica, ou melhor, de empréstimo de significado, pois incorpora ao significado de ‘pedir’ no português o significado de ‘perguntar’.

2.4 A fala do Radicci e o contato italiano-português

Se é verdade que o Radicci representa ou simboliza o colono italiano da RCI, é de se esperar também que haja uma identificação em diferentes aspectos, especialmente na variedade de fala utilizada por ambos os lados, o do personagem real e o do personagem do *cartum*. Evidentemente, tal comparação exigiria um levantamento mais completo e aprofundado dos traços que caracterizam essas variedades. No caso do colono ítalo-brasileiro, inexistiu um estudo mais amplo e sistemático que descreva o português de contato falado na região, ou ainda, num sentido mais abrangente, o conjunto das relações de uso do italiano e do português no comportamento lingüístico dos falantes em questão²⁰. Como esse não é o objetivo central de nosso trabalho, detivemo-nos em apenas alguns eventos.

Por outro lado, o que impressiona sobremaneira no Radicci é o modo como o seu autor, Iotti, captou as relações sociolingüísticas presentes no contato italiano-português da região, mostrando a variação do português e do bilingüismo em termos de sua estratificação segundo as dimensões “verticais” de que falaremos no capítulo 5. Assim, por exemplo, são os personagens da geração dos mais velhos que apresentam traços de interferência do italiano mais acentuados, declinando esse índice no caso de Guilhermino, que simboliza a fala urbana dos jovens.

Destacamos, a seguir, algumas tirinhas, focalizando o personagem Guilhermino em contato com a mãe, Genoveva, com o pai, Radicci, com o Nôno e com a tia Carmela.

²⁰ Ver capítulo 3.

Diferentemente do pai, verifica-se na fala do filho uma mudança de paradigmas nos traços da fala: Guilhermino permeia a sua fala de expressões de gíria do português falado por jovens do meio urbano. A sua pronúncia equivale a uma mudança em curso em relação ao português repleto de interferências das gerações mais velhas (Radicci, Genoveva, Nôno, tia Carmela).

Neste sentido, a fala do personagem Radicci é apenas uma fala dentre as diversas falas da família, as quais refletem, no mínimo, a variação no grau de interferência do italiano, mais acentuado no português dos mais velhos do que dos mais jovens (dimensão diageracional). Reflete, além disso, a variação entre a fala

urbana e rural, enfatizando a oralidade/coloquialidade dos processos desse português de contato.

Resta, por fim, a pergunta já lançada sobre a correlação entre a fala do personagem Radicci e a fala real do colono ítalo-brasileiro que ele simboliza. Sem dúvida, muitos dos traços enumerados acima coincidem com estereótipos já bastante popularizados entre os diversos segmentos da sociedade. Mas, em que medida o Radicci, nas suas mais variadas formas em que aparece, contribui para aprofundar, manter, estigmatizar ou mesmo afirmar esses traços da fala no uso diário do português pelos falantes de Caxias do Sul? E qual sua influência sobre a construção da identidade do ítalo-brasileiro da região e a manutenção ou não da variedade dialetal do italiano? São questões que exigem uma investigação das condições do contato lingüístico italiano-português, às quais buscaremos responder no capítulo 6, através dos resultados da pesquisa empírica de falantes concretos, receptores das histórias do Radicci.

De antemão, é possível saber o que pensa Iotti sobre essas questões. Segundo o autor (25.04.00), é comum ouvirem-se essas variedades de fala nas ruas das cidades de colonização italiana; o Radicci estaria apenas refletindo uma fala que ainda se ouve na RCI. Durante tanto tempo sufocadas, finalmente a cultura e a fala da gente descendente de imigrantes italianos no sul do país podem ser manifestadas sem o medo do ridículo, é o que pensa Iotti. Ele acredita que o seu trabalho pode ser colocado ao lado de outras manifestações culturais como o teatro e canções em dialeto italiano, atualmente produzidos e difundidos na RCI. Para o autor, são trabalhos que ajudam a difundir a figura do colono como um elemento importante da cultura da RCI, sem o caráter pejorativo de que foi vítima por muito tempo na trajetória da colonização dessa região.

Família de imigrantes italianos

do meio rural de Caxias do Sul,
por volta de 1920.

CAPÍTULO 3

3 A FALA DO COLONO ITALIANO DO RIO GRANDE DO SUL

Antes de partir para a resposta às perguntas lançadas na seção anterior, cabe um apanhado geral do que se sabe sobre o contexto e a fala do colono ítalo-brasileiro simbolizado pelo Radicci.

Neste particular, um dos aspectos em jogo nessa questão é a relação entre *língua* e *dialeto*, que necessita ser devidamente conceituada.

3.1 Os conceitos de língua e dialeto

Há vários traços que, segundo Altenhofen (1998:19), definem a língua de imigrantes. O autor considera que esse tipo de fala de imigrantes apresenta, principalmente, quatro características essenciais, ou seja, é "língua de grupo", "língua com variedades de fala heterogênea", "língua em movimento" e "língua em contato", características essas que, transpostas para fala dialetal italiana da RCI, podem nos conduzir a um maior entendimento do fenômeno lingüístico da região.

No caso do Rio Grande do Sul e do Brasil, de modo geral, chama atenção que a língua dos imigrantes italianos, como dos alemães, é (1) essencialmente uma variedade dialetal e (2) é empregada, quase exclusivamente, na oralidade pelos falantes das comunidades bilíngües. Nesse sentido, é natural falar-se que "fulano *fala dialeto* e não escreve." Contudo, como se definem *língua* e *dialeto*?

Língua, conforme Martinet (1972:206), é o conjunto de possibilidades, partilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, para produzir e interpretar enunciados. Assim, é esperado que cada indivíduo do grupo social conheça o sistema de signos em jogo que, em princípio, deve ser igual ao utilizado pelos outros indivíduos da comunidade.

Como bem lembram Appel & Muysken (1996:23-24), "a língua não é só um instrumento para comunicação de mensagens". Numa comunidade com grande pluralidade lingüística, cada grupo se distingue do outro através de sua língua. Normas e valores culturais, bem como os sentimentos de um agrupamento social são transmitidos pela língua própria de cada grupo, assumindo significados e conotações sociais.

Segundo Dubois et al. (1998:183), quando uma língua apresenta "formas notadamente diferenciadas entre si", conforme as regiões onde é falada, diz-se que a língua se "dialetaliza". Para os autores, "a noção de dialeção pressupõe a unidade anterior, pelo menos relativa, da língua em questão" (p.183).

A palavra dialeto originou-se do grego *διαλεκτος* e significa "modo de falar". Para Coseriu (1982:9-11), no sentido etimológico da palavra, dialeto "é um modo interindividual de falar, um 'genus loquendi' tradicional". Contrariando o que costuma ser difundido, o autor afirma que, sistematicamente, dialeto nada mais é que uma língua. Ele diz, porém, que "se todo 'dialeto' é uma língua, nem toda 'língua' é um dialeto", pois falamos em dialetos de uma língua. E quando o fazemos, estamos subordinando os dialetos a determinada língua. Assim, a exemplo do que afirma Hall (1964), são dialetos da língua italiana o vêneto, o toscano, o lombardo, o piemontês e outros, pois são subdivisões verificáveis de uma língua.

Coseriu (1982) diz ainda que as línguas são historicamente conhecidas como tal pelos seus próprios falantes ou por falantes de outras línguas, e elas têm seus próprios nomes, que as identificam, tanto que se diz: língua inglesa, língua portuguesa, língua italiana, e outras. Quando se discute, por exemplo, se um sistema lingüístico é uma língua ou um dialeto, estamos admitindo, de alguma forma, que língua e dialeto se opõem. Assim entendido, um dialeto, que, intrinsecamente, continua sendo uma língua, está subordinado a uma língua "superior". Citando Coseriu (1982:12), podemos dizer que

"...o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor distinta dentro de (ou incluída em) uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (um idioma). Uma língua histórica - salvo em casos especiais - não é um modo de falar único, senão uma 'família' histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior".

O autor diz, ainda, que, se um dialeto não é atribuído a nenhuma língua 'superior', então ele próprio se constitui numa língua histórica ou idioma.

Quando nos remetemos ao contato "italiano-português", procedemos a uma abstração em favor da língua histórica, ou mesmo da "língua de imigrantes", no sentido que lhe atribui Altenhofen (1998:19-23), como língua de grupo, língua com variedades de fala heterogêneas, língua em movimento, língua em contato, língua minoritária. Falamos da "língua" sem especificar qual "dialeto", ou "variedade dialetal", está em jogo, porque o foco principal da análise não são os traços lingüísticos (ou dialetais) do sistema da variedade, mas a língua enquanto instituição.

Diz-se que, inicialmente, aproximadamente vinte dialetos (subsistemas) do italiano foram falados na RCI, pois os imigrantes trouxeram as falas próprias de suas províncias, retratando a diversidade dialetal da Itália na época da emigração.

Outra perspectiva de análise do dialeto é a social, resultante das diferenças sócio-econômico-culturais, quando se abordam "dialetos sociais". Se tomado com um sentido pejorativo, o termo *dialeto* passa a ser uma variedade lingüística não aceita em determinadas esferas da sociedade, sendo desprestigiado e estigmatizado, tornando-se uma fala de minoria, com tendência a desaparecer ou ter apenas função familiar. Durante o governo de Getúlio Vargas, quando ocorreu, no Brasil, a repressão a tudo que não fosse nacional, os imigrantes italianos - e também os de outras nacionalidades - viram-se obrigados a trocar sua fala dialetal pela língua oficial do país. O estigma que cercou esses imigrantes, nesse período, estendeu-se para as gerações futuras de seus descendentes.

O dialeto suscita, por suas características, uma série de atitudes lingüísticas dos membros da comunidade de fala. Appel & Muysken (1992) apontam vários estudos²¹, nos quais é observada a tendência a classificar com mais denominações positivas as línguas faladas pelos grupos majoritários, e a associar o uso dessas línguas à possibilidade de ascensão social. Pesquisas sobre atitudes

²¹ Ver seção 1.4, do capítulo 1.

lingüísticas, envolvendo crianças, revelaram que, em torno de 10 anos, elas passam a demonstrar esterótipos culturais típicos dos adultos, manifestando atitudes negativas em relação às línguas minoritárias.

Entretanto, falantes de línguas minoritárias, apesar de suas atitudes negativas em relação à própria língua, manifestam, em determinadas circunstâncias, uma grande consideração por sua língua. As razões que levam os falantes a valorizarem sua língua podem ser de ordem social, subjetiva ou afetiva; na verdade, há grupos que sentem orgulho de sua cultura minoritária.

A "lealdade lingüística" desses grupos revela que existem estreitas relações entre língua e identidade social de grupos etnolingüísticos. Porém, segundo Appel y Muysken (1992), não há uma relação direta entre identidade e língua, já que nem sempre uma identidade étnica, cultural ou social diferenciada corresponde a uma única língua, como também grupos com diferentes línguas podem apresentar uma forte unidade étnica.

3.2 As variedades dialetais dos (colonos) ítalo-brasileiros da RCI

De Boni & Costa (2000) reiteram que poucos imigrantes italianos conheciam a língua oficial de seu país de origem ou nela se expressavam. Assim, chegados ao Brasil, cada qual, inicialmente, se comunicou no dialeto que trouxera de sua província, fomentando uma grande variação lingüística na RCI. Essa variação aparece em estudos de Frosi & Mioranza (1975;1983), Frosi (1987,1996) e é sobre ela que trataremos nas seções 3.2.1.e 3.2.2.

3.2.1 O italiano na matriz de origem

De acordo com Frosi & Mioranza (1983:88), os dialetos trazidos da Itália pelos imigrantes italianos fazem parte dos chamados dialetos setentrionais, que constituem um dos três grandes grupos dialetais daquele país. Em relação à RCI, interessa-nos ter presentes os dialetos transplantados para o Brasil à época da imigração italiana. Assim, temos:

Quadro 1²²

Dialetos Vênetos	<ul style="list-style-type: none"> . <i>trevisano-feltrino-belunês</i>: corresponde às províncias de Treviso e Beluno. . <i>paduano-vicentino-polesano</i>: corresponde às províncias de Pádua, Vicenza e Rovigo. . <i>veronês</i>: da província de Verona. . <i>trentino oriental</i>: compreende a área oriental da província de Trento com dialetos de caracterização vêneta.
Dialetos Lombardos	<ul style="list-style-type: none"> . <i>lombardo ocidental</i>: corresponde às províncias de Milão e parte de Como, Varese e Pavia. . <i>lombardo oriental</i>: corresponde às províncias de Bérgamo, Bréscia e Cremona. . <i>mantuano</i>: caracterizado como de transição, é incluído na seção dos dialetos emiliano-romanheses
Dialetos Friulanos	. corresponde à região de Friuli-Venécia-Júlia.

A primazia dos dialetos setentrionais entre os imigrantes italianos vindos ao Rio Grande do Sul é comprovada em pesquisa de Frosi & Mioranza (1975, 1983), realizada na RCI, da qual resultou o seguinte quadro aproximativo do percentual de imigrantes de cada região da Itália:

Quadro 2

Região	Províncias	% Imigrantes
Vêneto	Beluno, Pádua, Rovigo, Treviso, Veneza, Verona, Vicenza.	87%
Lombardia	Bérgamo, Bréscia, Como, Cremona, Mântua, Milão, Pavia, Sôndrio, Varese.	
Trentino-Alto Ádige	Bolzano, Trento.	11,5%
Friúli-Venécia Júlia	Gorizia, Trieste, Údine (e Pordenone).	
Piemonte	Alessandria, Novara, Vercelli.	1,5%
Emília-Romanha	Ferrara, Módena, Parma, Placência, "Reggio" nel'Emília.	
Toscana	Livorno, Lucca, Massa, Carrara, Pisa.	
Ligúria	Gênova, La Spézia.	

Adaptado de Frosi & Mioranza, 1975:25.

²² Este quadro obedece à classificação de PELLEGRINI, 1977a, apud FROSI & MIORANZA, 1983:88-89.

Analisando os percentuais acima, relativos às regiões do Vêneto e da Lombardia, torna-se justificável o fato de os dialetos dessas regiões terem sido os que mais contribuíram para a formação de uma fala comum - a coiné - na RCI, por volta de 1910. É relevante observar esses dados para acompanhar mais claramente o desenvolvimento do processo dialetal italiano ocorrido na RCI.

Como vimos, os imigrantes vieram de diferentes regiões e falavam cada um o dialeto de sua província. Assim, nos primeiros anos de colonização, na RCI, foram falados aproximadamente vinte dialetos diferentes, até porque, para o campesino materialmente pobre, o dialeto que falava representava um de seus bens mais importantes. Mesmo assim, logo alguns dialetos deixaram de ser praticados, e outros passaram por modificações devido às interinfluências lingüísticas (contato intralingual).

3.2.2 O italiano como língua de imigrantes em contato com o português

Frosi (1996b:158) afirma que

"A linguagem oral é importante não só para o enquadramento social de um indivíduo, ela é igualmente importante na identificação social e cultural de um grupo humano. [...] É em nível de linguagem oral que o grupo étnico italiano, vêneto-lombardo, trentino e friulano, edificou sua vida e construiu sua história, na Itália e [na região nordeste] do Rio Grande do Sul".

Na verdade, podemos dizer que ser essencialmente oral é, conforme já aludimos acima, uma característica geral das línguas de imigrantes em contato com o português no sul do Brasil. Se, porém, a oralidade constitui o nível essencial da existência não só da língua de imigrantes "italiano", falar em italiano sem remeter à variação interna dos "dialetos" é uma simplificação ou uma abstração que pode omitir muitas relações relevantes no contato tanto interlingual (com o português), quanto intralingual (com outras variedades dialetais).

No entanto, como se manteve a língua de imigrantes, e em que medida? A resposta a esta pergunta, pode-se dizer, implica uma análise diacrônica do contato lingüístico com a língua (pre)dominante do novo meio. No caso do grupo ítalo-brasileiro (como de resto, dos imigrantes alemães - a partir de 1824 - e dos poloneses - a partir de 1891), tem-se o ano de 1875 como o início para uma periodização do contato italiano-português. Tal intento, neste sentido, foi levado a

efeito por Frosi & Mioranza (1975, 1983) e Frosi (1996)²³. Os estudos desses autores (1975) reconhecem três períodos na evolução lingüística do italiano em contato com o português no Rio Grande do Sul.

Segundo essa perspectiva, a **primeira etapa** inicia em 1875, quando da chegada e instalação dos primeiros imigrantes, e se estende até, aproximadamente, 1910. Conforme já comentado anteriormente, o assentamento dos imigrantes italianos observou o critério simples de localização geográfica: as áreas eram ocupadas por ordem de chegada, em lotes sucessivos, observando-se, em geral, a direção norte-sul. O critério étnico-lingüístico não era observado ao saírem os grupos de emigrantes da Itália, assim, formavam-se grupos mistos, e, num mesmo navio, vinham pessoas das mais diversas regiões da Itália, cada qual com seu dialeto próprio. Às vezes, acontecia de grupos étnicos específicos serem assentados num mesmo travessão, e isso propiciava o surgimento de uma ilha dialetal.²⁴

Mesmo assim, no primeiro período de colonização da RCI, prevaleceram as comunidades de fala mista. Ida Melânia Pedron Pezzi, 84 anos, filha de imigrantes italianos, em conversa com a pesquisadora, diz que seus pais falavam dialetos diferentes. A mãe, feltrina, falava diversamente do pai, que era tirolês. Ela desenvolveu a fala herdada do pai, com a qual se identificara mais. Além disso, a informante comenta que havia outros imigrantes, pessoas conhecidas, com falas diferentes, às vezes, causando estranhamento o vocabulário que usavam. Altenhofen (1996) descreve essas relações em termos de familioletos. Também Ciro Mioranza (1979:107), em debate com o palestrante Heinrich Bunse, por ocasião do I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, a certa altura de suas considerações, afirma: "Se o senhor tivesse ido, por exemplo, aplicar um inquérito lingüístico na minha família, encontraria três formas dialetais diferentes". Mário

²³ Compare-se a periodização de ALTENHOFEN (1996:58) para o contato alemão-português.

²⁴ A ilha dialetal caracteriza-se por ser um local onde "o mesmo dialeto é falado por todos os habitantes. [...] o meio de comunicação lingüística comum será o dialeto vigente nessa comunidade. Este, por sua vez, terá uma tendência de permanecer idêntico até o momento em que intervenham fatores extra-lingüísticos. A língua portuguesa não terá, neste caso, penetração imediata, uma vez que o dialeto usado pelos falantes da comunidade lhes é um satisfatório instrumento de comunicação" (Frosi & Mioranza, 1975:61). Giani (1997), ao realizar estudos sobre bilingüismo em uma situação de contato direto entre sistemas lingüísticos, no que tange às transferências de um para o outro, referentemente ao léxico, realizou sua coleta de dados na localidade de Santa Giustina, comunidade ítalo-brasileira da RCI. Essa comunidade corresponde a um dos núcleos definidos por Frosi & Mioranza (1975) como ilha dialetal. Isso significa dizer que os imigrantes ali assentados procederam, casualmente, de uma mesma região da Itália, portanto, falantes do mesmo dialeto.

Gardelin (1988:8), falando da obra *Vita e stória de Nanetto Pipetta*, de Aquiles Bernardi, comenta: "Proporcionou-me um melhor conhecimento do dialeto que, juntamente com o italiano gramatical, se falava em minha casa: a mãe, o vêneto-vicentino, e o pai, o toscano com todos os rigores gramaticais".

Fatores como o meio ambiente hostil e a precariedade das vias de comunicação mantiveram o imigrante italiano longe do contato com a comunidade brasileira, seja em nível estadual ou nacional. Assim, usos, costumes e dialetos das regiões de colonização italiana são preservados durante esse **primeiro período**. A vida social e religiosa realiza-se em torno das capelas, lugar onde os indivíduos da comunidade podiam realizar suas cerimônias religiosas e cultivar o contato social. "Essa primeira fase é marcada não por um processo de integração e aculturação, mas por um processo de translação: um universo de valores sociolingüístico-cultural-italiano é inserido numa área geográfica brasileira" (Frosi, 1996b:160). Ocorre uma integração entre os próprios grupos étnicos italianos da RCI e não com a sociedade brasileira. Azevedo (1975:215), ao tratar da questão da aculturação dos imigrantes italianos, diz que eles, "a princípio, vivem no seu mundo, no seu nicho ecológico característico, tendo apenas vagas e esparsas informações de fora. Mesmo o Brasil, para além do Rio Grande, lhes fica bastante remoto".

O período marcado pela derrubada das matas, pelo plantio e cultivo de produtos variados, pelo esforço e sacrifício em prol da sobrevivência fomenta a união e a solidariedade entre os imigrantes, e essa coesão facilita a manutenção do multilingüismo dialetal italiano. A língua portuguesa é incipiente e raramente usada no contato com algum luso-brasileiro que vive na região ou que eventualmente passa pelas colônias.

Outro uso da língua portuguesa ainda acontece em contato com pessoas que exercem funções de ordem político-administrativa. Frosi (1996b:161) diz que o universo sociolingüístico da RCI, nesta primeira fase, é caracterizado pela manutenção de valores tipicamente italianos e "não há desprestígio aos dialetos italianos," sejam eles quais forem. A autora ainda acrescenta que esses dialetos

"são a língua da família, são a língua do grupo social, são falados no trabalho, em todo lugar, espontaneamente, sem restrições de uso. Não há estigmatização social, não há sentimento de vergonha em relação à própria fala. Os dialetos são, de fato, o instrumento lingüístico normal de comunicação da sociedade regional."

Costa et al. (1975) afirmam que a manutenção do dialeto teria sido motivada por fatores ambientais e não por apego à Itália, à qual os imigrantes não se sentiam vinculados nem política, nem afetivamente. Na verdade, eles lamentavam a separação em relação a parentes e amigos que lá haviam permanecido e preocupavam-se com eles, mas não com o país de origem. Na visão de Battistel & Costa (1982:47), "o dialeto italiano, no Rio Grande do Sul, caracteriza-se como linguagem concreta, existencial, com grande propriedade para exprimir estados psicológicos, situações sociais e para significar as diversas fases do desenvolvimento sócio-econômico e cultural das comunidades italianas". Os autores, ainda enfatizando essa questão, ressaltam que obras como *Nanetto Pipetta*, por exemplo, "são por si sós intraduzíveis, porque realistas e tipicamente concretas".

O início do **segundo período** é marcado pela inauguração da estrada de ferro, em 1910, ligando Caxias do Sul a Porto Alegre. Nessa segunda fase, que vai até 1950 aproximadamente, desenvolve-se o cultivo da videira paralelamente à policultura; acontece a comercialização e industrialização dos produtos agrícolas, especialmente a do vinho. Rompe-se o isolamento da RCI, e o colono italiano consegue maior mobilidade geográfica e social, facilitada pela melhoria das vias de comunicação e pelos contatos comerciais. Os dialetos de menor representatividade numérica desaparecem, e se preservam as ilhas dialetais. Alguns dialetos se inter cruzam, e os dialetos do grupo vênето se sobrepõem aos demais. Aos poucos se formou, na RCI,

"uma sociedade do tipo vênето-lombarda, tradicionalista e católica. Os inter cruzamentos dialetais se intensificam, surge uma fala comum, uma coíné, com predominância de características dos dialetos trevisano, vicentino, paduano, feltrino-belunês, trentino, mais influências dos dialetos lombardos e da língua portuguesa" (Frosi, 1996b:161-162),

a qual se difundiu e solidificou até os anos 30, pois somente os mais velhos ainda utilizavam seu dialeto de origem, e poucos arriscavam-se a falar o português. Lentamente, os imigrantes italianos começam a integrar-se à sociedade brasileira. Muitos deles buscam naturalizar-se brasileiros. Sobre isso, Azevedo (1975:256-257) assim se manifesta:

"É óbvio que a simples cidadania é, em certos casos, apenas um passo para a assimilação plena. Mas, assim como uns raros lusos são, no período mencionado, aceitos como sócios de associações beneficentes e profissionais antes exclusivas de italianos e de seus filhos, também esses ingressam em instituições formalmente brasileiras".

Na década de trinta, as comunidades de fala italiana da RCI são afetadas pela deflagração da campanha de nacionalização do ensino. Em nosso Estado, em 1937, J. P. Coelho de Souza, o então secretário de Educação, começou uma campanha para a criação de escolas na zona colonial, nacionalizando os estabelecimentos particulares. "Foram fechadas as escolas privadas estrangeiras que não quiseram aceitar a brasilianização. [...] A campanha atingiu um tal ponto que até violências físicas foram cometidas" (Pesavento,1980:191-192). O uso da língua portuguesa passa a ser obrigatório em todos os setores da sociedade, por imposição do poder político-administrativo. Fica, assim, oficializado que nas escolas não se poderia mais falar língua estrangeira, como também não haveria mais publicações de periódicos nessas línguas e, em público, as pessoas só poderiam se expressar em língua portuguesa. Aqueles que insistissem em não acatar essas determinações poderiam sofrer sérias conseqüências, como serem presos, por exemplo.

Eugênio Testa, filho de imigrantes italianos, nascido no Brasil, no final do século XIX, em depoimento registrado por Costa et al. (1975:18), fala da dificuldade que os imigrantes italianos enfrentaram quando foram proibidos de falarem o dialeto italiano, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele diz que apenas os filhos falavam o português e que, para não ser importunado, ele não falava em público, bem como muitos de seus compatriotas. Por viverem isolados e pelo pouco estímulo ao estudo, não tinham aprendido o português. A certa altura da conversa, ele questiona: "Como buscar o saber, se não tínhamos o que comer?" Depoimentos colhidos por Bemquerer Costa (1996:329), na localidade de Santo Antônio, em 1985, mostram a representação que os falantes têm sobre a época de repressão getuliana. A autora diz que

"nesses depoimentos está sempre presente a figura do policial encarregado de fiscalizar o uso lingüístico no local. Segundo os relatos, a ação policial se dá pela ameaça ou violência física ou de prisão. A fiscalização para impedir o uso do italiano ocorre em locais públicos (comércio, hospital, igreja), mas não se restringe a esses locais. Há depoimentos que relatam a ação de policiais ouvindo as pessoas quando essas se comunicavam no interior de suas residências. Não há nos depoimentos nenhuma referência ao desenvolvimento pela comunidade de formas de resistência para garantir a preservação da língua. Pelo contrário, o que se tem são indicações de medo e resignação, junto com a aceitação da nova língua imposta ao grupo".

Esse período, tão marcado socialmente para os colonos de descendência italiana, levou-os do temor inicial de falarem o dialeto italiano ao sentimento de

vergonha frente à possibilidade de falarem tal dialeto, sentimento este que se estendeu ao fato de serem colonos descendentes de imigrantes italianos. É nesse período que a língua portuguesa ganha *status* como língua oficial do Brasil. Em contrapartida, a fala dialetal da RCI, apesar de subsistir, principalmente pela coineé do tipo vêneto, sofre um grande desprestígio social. Ao lado disso, cresce também o desprestígio que alguns ítalo-brasileiros mais ricos impõem aos demais que não conseguiram sucesso econômico e, assim, passam "a segregar social e lingüísticamente os menos favorecidos – o colono - que, ou se comunica através do dialeto italiano e é qualificado como grosso, ou se expressa em português, porém de um modo assaz precário, e torna-se motivo de riso" (Frosi,1989:61).

Essa idéia é retomada e reforçada por Frosi, por ocasião de uma palestra proferida na Casa da Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre (1998), quando afirma que

"a estigmatização socio-lingüística origina estereótipos lingüísticos seja a nível fonético, seja a nível lexical ou sintático. Contam-se piadas que reproduzem esses estereótipos. O ítalo-brasileiro sofre uma dupla estigmatização sociolingüística: sua fala em dialeto italiano é feia, é indicativa de ser colono; sua fala em língua portuguesa denuncia suas origens étnicas: meio italiano, meio brasileiro. Sua fala em língua portuguesa revela seu passado recente."

Manfroi (1975:185-186) salienta que, nas colônias do Rio Grande do Sul, o imigrante italiano, na condição de proprietário, convive com iguais, sem discriminação de classes, numa sociedade homogênea de pequenos agricultores, "ainda que uns ou outros tivessem mais recursos financeiros e econômicos²⁵ e viessem a acumular diferentes excedentes da produção e do consumo". Essa nova classe de imigrantes, como já frisamos anteriormente, logo faz sobressair seus níveis de prosperidade, empenhando-se na fundação de escolas com base européia, buscando, na educação diferenciada e na 'cultura', os meios de firmar o seu novo *status*. Essas distinções levam os primeiros urbanistas a designar de "*uomo delle scarpe grosse* - homem dos sapatos grossos

²⁵ "Um imigrante, em princípio, deveria ser agricultor, o que não aconteceu na realidade; e deveria ser pobre, mas isto também se mostrou relativo. Há casos como o de Felice Laner, que chegou na colônia em 30 de agosto de 1876 e que adquiriu além do lote número 42 do travessão Santa Thereza, da 5ª Léguas, um total de 23.232 m² na Sede Dante, num valor total de 98\$000. O lote nº 42 custou 495\$169, possuindo uma área de 642.200 m². Parece difícil acreditar que, como oleiro (sua profissão), Laner tenha conseguido meios de adquirir os lotes citados, em pouco menos de 6 anos" (Giron, 1977:34).

- ao camponês, ao lavrador, em oposição ao cidadão mais refinado nos modos de vestir e calçar, nas maneiras, nas idéias" (id., ibid.).

Em suma, a estigmatização que ocorre nesse período deve-se a dois fatores, ou seja, à campanha de nacionalização da educação e ao reforço a essa estigmatização fomentada pelo próprio grupo étnico italiano da RCI. Encontra raízes nesse período o sentimento de vergonha que marca a fala de muitos ítalo-brasileiros, os quais sentem constrangimento de falar com pessoas estranhas ao próprio grupo de falantes, comportamento muito comum nos aglomerados rurais da RCI, fato que, como já frisamos, marcou profundamente a vida de muitos ítalo-brasileiros.

O **terceiro período** da evolução sociolingüística da RCI tem início na década de 1950. O aspecto econômico é marcado pela diversificação industrial, o que resulta num decréscimo da implementação da indústria do vinho. O desenvolvimento econômico que ocorre na região lhe assegura projeção tanto no Estado quanto nacionalmente. Esse progresso é percebido nos mais variados setores da RCI: novas vias de acesso a outras regiões são criadas, a eletrificação torna-se uma realidade para as comunidades rurais, que já podem ouvir rádio, e, embora as transmissões radiofônicas sejam feitas em língua portuguesa, o colono sente-se mais integrado ao país de adoção. Ele alcança maior poder econômico e estabelece contato com outros grupos sociais da RCI. Nesse período, intensifica-se o movimento migratório interno, fomentando o intercruzamento dos dialetos, e, mesmo havendo a coíne do tipo vêneta, a língua portuguesa vai ganhando sempre mais espaço em prejuízo à fala dialetal italiana. Na verdade, aprender a língua portuguesa e usá-la com bom domínio vai significar alcançar ascensão social, maiores possibilidades de bons empregos e, por conseqüência, maior poder econômico.

Ainda se configura, nesse período, uma situação de multilingüismo. Entretanto, predomina o uso da língua portuguesa, pois esta se constitui no sistema lingüístico de prestígio, já que falar a língua portuguesa é estar em consonância com os grandes centros urbanos do país. Amplia-se a estigmatização que cerca a fala dialetal italiana e também a fala da língua portuguesa com sotaque típico dos dialetos italianos. Também membros de outros grupos étnicos podiam expressar restrições a essa fala. É o que constata Azevedo (1994:73), em conversa com o genro de Sady Fischer, em janeiro de 1955. O rapaz, que vivera

sua infância e adolescência em Caxias, observou que, "quando pequeno, seu pai, que era advogado de origem lusa, nunca permitiu que ele e os irmãos brincassem com os meninos da cidade, para não viciar o seu português, pois aqueles falavam uma estranha mistura de italiano (dialetos) com português."

Frosi (1996b,163-164) comenta que, nos grupos sociais, observa-se o fenômeno de imitação ou rejeição. Se um modelo de fala, por exemplo, é tido como melhor ou mais bonito, é logo imitado, respeitado e alcança prestígio. Por outro lado, se um modelo de fala é considerado pior ou feio, é rejeitado, estigmatizado socialmente, e quem o usa expõe-se ao ridículo. A autora enfatiza:

"Um significativo conjunto desses preconceitos estigmatizadores da fala regional, próprios do terceiro período da evolução sociolingüística, foram estruturados não só em nível lexical, sintático, como também foram representados em piadas orais que perduram até os dias de hoje".

Ainda hoje, pessoas de outras regiões do Estado e do país, principalmente as não descendentes de italianos, referem-se a Caxias do Sul como "Cacia, a cidade onde se toma sá com bolassa", salientando um traço fonético bastante presente na fala do Radicci. Não obstante, sobretudo, na região urbana de Caxias do Sul, dificilmente, se encontram, entre falantes de língua portuguesa, descendentes de imigrantes italianos, esse traço que substitui a fricativa palato-alveolar pela fricativa alveolar.

Tomando o uso da vibrante alveolar simples (tepe) em lugar da vibrante múltipla fricativa velar, nota-se uma resistência maior do traço de interferência. Além disso, é interessante observar esse fenômeno em sala de aula²⁶: a pessoa que apresenta essa variação fônica não demonstra constrangimento por sua fala, participa normalmente de discussões e comentários, e os colegas, por sua vez, não manifestam atitude de reprovação, zombaria ou preconceito em relação à variante. É possível que esse comportamento seja resultado das manifestações que vêm ocorrendo, desde o centenário da imigração italiana na região, no sentido de valorizar as raízes da colonização italiana e da sua cultura típica, uma hipótese que, no entanto, ainda carece de comprovação.

As pessoas da terceira geração de descendentes de imigrantes italianos, nascidas em centros urbanos da RCI, não adquiriram uma variedade dialetal do italiano, seja ela a própria coiné, como primeira língua. Muitos pais, preocupados

²⁶ Aulas de língua portuguesa, na Universidade de Caxias do Sul, ministradas pela pesquisadora. Ver no estudo de PAVIANI, N. (1997), o depoimento de uma professora: "Eu *corijo* quando eles falam *erado*."

que seus filhos não tivessem dificuldades de aprendizagem em sala de aula - escolas só podem desenvolver o aprendizado geral em língua portuguesa -, procuraram passar-lhes apenas a língua portuguesa. Observa-se que, nessa geração, predomina um bilingüismo passivo²⁷, ou seja, a pessoa entende o que é falado na variedade dialetal, mas não a fala de forma efetiva. Isso vem corroborar o que nos coloca Frosi (1996b:164) de que uma língua ou um dialeto só serão falados em determinado grupo social, se essa língua ou esse dialeto foram adquiridos pela criança como língua materna.

Já na zona rural da RCI, comunidades com maior coesão étnica conseguiram passar para seus filhos - crianças de terceira geração - a fala dialetal italiana como primeira língua, o que garantiu a manutenção desse dialeto na comunicação em família. Houve, porém, outras comunidades com situações mistas, caracterizadas por uma forte heterogeneidade dialetal: as pessoas aprenderam um dialeto misto ou a coine vêneta.

A partir do centenário da imigração italiana na RCI, uma série de manifestações alusivas ao acontecimento vão imprimir à região uma fisionomia própria, diferenciando-se das fases anteriores. Em função disso, um novo período é acrescido ao fenômeno lingüístico da região (Frosi, 1996b).

Assim, de acordo com Frosi (1996b), em 1975, inicia-se o **quarto período** sociolingüístico da RCI que se estende até os dias atuais. É o momento em que eclodem, em vários setores da sociedade da região, movimentos em prol da valorização das raízes da imigração e colonização italianas. Historiadores, sociólogos, lingüistas, literatos e artistas em geral movimentam-se em torno de um sentimento de "italianità", sufocado há algumas décadas. Instaure-se uma nova consciência no povo dessa região: reconhece-se a importância de retornar às raízes, buscando entender o processo de imigração e colonização italianas ocorridas na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, numa tentativa de resgatar o valor da gente pioneira, com seus usos e costumes, para firmar a identidade da região. Percebe-se que não é negando a sua história, mas promovendo o entendimento sobre as próprias raízes e o conhecimento efetivo dos costumes e valores típicos do grupo ítalo-brasileiro que se poderá conferir à população da RCI identidade própria no contexto nacional.

²⁷ Ver também GIANNI, E. (1977:10).

Não obstante essa aparente euforia, não vem sendo transmitido às novas gerações o dialeto italiano como língua materna, e, mesmo na zona rural, de um modo geral, isso é uma realidade. Neste sentido, estaríamos caminhando em direção à substituição da língua minoritária pelo português, ou seja, do bilingüismo, pelo monolingüismo. A anulação e a estigmatização da cultura italiana por muito tempo motivaram o abandono da forma de expressão oral dialetal italiana e, segundo Frosi (1996b:165), mesmo nas comunidades rurais é possível observar a "desintegração do patrimônio oral tradicional."

Mesmo que determinados grupos sociais da RCI confirmam grande importância à fala dialetal italiana - antes desvalorizada -, revestindo-a de prestígio social, isso não é suficiente para que essa fala continue viva no contexto atual da RCI. Na verdade, novamente de acordo com Frosi (palestra,1998), "a fala dialetal italiana perdeu o sentido, ela está intensamente mesclada, alterada pela interferência marcante da língua portuguesa que é a língua materna da maioria dos ítalo-brasileiros hoje".

As intensas manifestações de retorno às raízes refletem, de alguma forma, o sentimento de "perda de identidade cultural e lingüística" (Frosi, palestra,1998) e a tentativa de resgatar o que foi perdido. E mesmo que a fala dialetal italiana de falantes urbanos, em determinados momentos, soe artificialmente, "ela é usada como um instrumento para demarcar um espaço próprio, uma identidade cultural local, um perfil de determinado grupo ítalo-brasileiro regional" (Frosi, 1996b:165).

Na verdade, parafraseando Meneghello (1987:158), quando uma língua morre, não morrem somente as possibilidades de expressão das coisas, são as próprias coisas que deixam de existir. As novas gerações, principalmente as do meio urbano, já não têm a oportunidade de fazer uso da fala dialetal italiana, como também parece estarem distanciadas dos usos e costumes típicos dos colonos descendentes de italianos: a vida na colônia, a luta pela sobrevivência em terra inóspita, as canções típicas, a devoção religiosa, o valor do trabalho e tantas outras coisas que constituem a cultura típica desse povo. E, embora haja atitudes extremadas em relação à volta às raízes, como o desejo de ensinar o dialeto nas escolas da RCI, sem dúvida os movimentos de retorno às raízes instaurados na região refletem o desejo e o esforço de se preservar a heterogeneidade e a diversidade cultural da Região de Colonização Italiana.

O presente estudo pretende, por isso, compreender a dinâmica dessas relações, investigando, especificamente, os efeitos de uma criação cultural, o Radicci, veiculada através de um instrumento como o *cartum*.

3.3 A literatura em dialeto

Apesar do grande desenvolvimento da literatura italiana, a partir do século XIV, ela não foi trazida ao Rio Grande do Sul. Isso, principalmente, por duas razões. Primeiramente, o nível de analfabetismo na Itália, na época da emigração, por ser muito elevado, tornava o acesso à produção literária um privilégio de poucos letrados que, com raras exceções, não emigraram para o Brasil. Em segundo lugar, a literatura italiana usou como língua oficial o florentino, dialeto de alto nível formal. Como os italianos falavam essencialmente as variedades dialetais de suas províncias, e considerando o alto índice de analfabetismo, poucos tiveram acesso à literatura escrita oficial, de modo que foi transplantada para o Novo Mundo, predominantemente, uma literatura oral. Pozenato (1979:226), em relação a essa questão, diz que "não veio com ele [o imigrante italiano] a tradição literária escrita, e seriam necessários alguns passos culturais para que uma literatura escrita, com o cunho do imigrante, viesse a ser produzida aqui."

As manifestações da literatura oral ligam-se ao folclore, geralmente traduzidas pela palavra falada ou cantada. Neste sentido, a língua falada, de base dialetal, aparece com maior destaque nas narrativas e nos cantos; porém, também fazem parte da produção cultural oral da região as adivinhações e os provérbios.

Os cantos sempre estiveram presentes na vida do imigrante italiano. Apesar de haver algum registro dessas canções, a preocupação dos estudos parece ter sido sempre mais voltada à preservação do hábito de cantar e não a uma documentação científica das letras desses cantos. Poucas obras de compilação dessas canções podem ser citadas: *E cantavam...* - *Coleção de cantos populares da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, editada em Porto Alegre, em 1972, sob a coordenação do Pe. Giuseppe Corradini. A outra obra é *Canti italiani*, sem autoria e data, lançada pela editora São Miguel de Caxias do Sul. Cite-se, ainda, *100 - Cento canti italiani*, do Pe. Clementino Marcuzzo, editada

em 1989. Outros autores, estudiosos das questões da imigração italiana, têm dedicado espaço aos cantos dos imigrantes, porém como mais um dos aspectos dessa cultura e não como foco principal de estudo.

Quanto às narrativas orais, Pozenato (1979:226) afirma que não há documentos sobre essa manifestação cultural da região. Por não contarem com o suporte da música ou do aspecto formal dos versos, como também da fórmula verbal, as narrativas orais rapidamente se perdem, uma vez que "diluem-se as significações, por falta do apoio reiterativo para a memória." Um trabalho de pesquisa nessa linha, talvez, ainda, pudesse resgatar importantes registros de narrativas orais como manifestação cultural em fala dialetal italiana da RCI.

Os provérbios, outra expressão da produção oral da RCI, mereceram, por parte de Frosi (1989), aprofundado estudo. Em pesquisa de campo, a autora registrou 1554 provérbios dos dialetos vêneto e lombardo, posteriormente usados como *corpus* de trabalho para sua dissertação de Mestrado. Frosi (1996a:23) diz que o "provérbio é uma sentença sintética, apodítica, de sentido figurado, estruturado de modo a ser facilmente memorizável, monitória do viver e da conduta humana." Segundo ela, o provérbio se perpetua através do registro escrito, pois é uma forma de preservá-lo para as gerações futuras, entretanto, assegura que a oralidade é sua essência.

"O provérbio [...] mantém-se vivo enquanto verbalizado, expresso pela fala em comunidade. Ele renasce e se inova em cada atualização, ele adquire *status* ao se popularizar na sua forma oral. Em suma, o provérbio compreende, além de outras características, a pré-compreensão, a historicidade, a oralidade e a popularidade" (Frosi, 1998:63).

Toda vez que um provérbio é dito, ele traz à tona uma verdade prévia, que existe na mente humana, calcada no saber popular, resultado da experiência dos antepassados, o que lhe confere caráter universal. Além disso, entender provérbios e repeti-los nas mais diferentes situações parece uma prática bastante difundida na RCI, mesmo entre monolíngües. Se essa atitude não auxilia na manutenção da língua minoritária, ela, de alguma forma, parece manifestar uma valorização da identidade cultural da região. Vale conferir alguns provérbios da fala dialetal italiana da RCI, compilados, traduzidos e interpretados por Frosi (1998:65-73)²⁸:

²⁸ Frosi, em seu trabalho, apresenta várias versões dialetais para cada provérbio. Aqui, limitamo-nos a apresentar uma versão, com a tradução e interpretação dadas por Frosi.

Al can che 'l sbaia nol mòrde.

O cão que ladra não morde.

De sète ani s'é putèi e de setanta s'è ncóra quèi.

De sete anos se é criança e de setenta ainda criança.

El diàolo inségna a far la pignata ma nò el cuèrcio.

O diabo ensina a fazer a panela, mas não a tampa.

Tuti i grópi riva al pètene.

Todos os nós chegam ao pente

Traduz, de forma jocosa, a idéia de que quem muito ameaça vingança e ostenta que fará algo, em geral, não vai às vias de fato.

Exprime a idéia de que, no ciclo da vida, o estado inicial (o da infância) se identifica com o estado final (o da velhice). Determinadas características, como a dependência, a fragilidade, a necessidade de proteção e amparo, presentes no início de uma vida, repetem-se em seu período final.

Assevera que o diabo ensina a fazer ações ruins, mas não ensina a mantê-las escondidas ou a desfazê-las. O diabo ensina a roubar, mas não dá garantias quanto ao esconderijo do roubo. A astúcia e a malvadeza podem funcionar como recipientes para esconder as ações reprováveis, mas nunca são suficientes para mantê-las escondidas. O indivíduo que pratica atos recrimináveis ou más ações, às escondidas, sempre deixa algum vestígio que põe a descoberto esses mesmos atos ou essas mesmas ações.

Adverte contra a ocultação dos erros. Numa tecelagem, o pente retém todos os nós que vão sendo depositados no decorrer do trabalho, e que por fim acabam por aparecer e devem ser desfeitos. Os erros praticados não ficam, sempre, escondidos; os problemas devem ser resolvidos cedo, senão, mais tarde, serão descobertos, e as conseqüências exigirão seu pagamento.

A literatura escrita em dialeto italiano da RCI foi veiculada no dialeto comum, ou seja, na coine da região, e não num dialeto particular, a não ser por uma ocorrência de caráter exceptivo, que logo mencionaremos. A publicação de artigos e do primeiro livro nessa fala dialetal ocorreu no semanário *Correio Riograndense*, fundado em 1909, em Caxias do Sul, sob a denominação *La Libertà*. Esse jornal passa por várias outras denominações, todas em dialeto italiano, e, durante a Segunda Guerra Mundial, recebe o nome que o designa até hoje. Segundo Gardelin (1987), aconteceu, esporadicamente e sem continuidade,

de o *Correio Riograndense*, em seus primeiros números, publicar o mesmo artigo em vários dialetos diferentes para mostrar aos descendentes de italianos nascidos no Brasil que, na Itália, existiam muitos dialetos. De acordo com Pozenato (1979), esse veículo de comunicação, juntamente com outros periódicos de duração efêmera, podem ter contribuído para a formação dessa linguagem comum, pois esse jornal, que não era lido por todos, era ouvido por muitos que se reuniam em torno daquele que lia, sedimentando, com essa prática, uma fala comum.

Da literatura escrita nesse período, a obra mais importante, mais lida e mais conhecida foi *Nanetto Pipetta, nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*, de Aquiles Bernardi, Frei Paulino da Ordem dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul²⁹. De acordo com Massa (1975:159), a estrutura lingüística da obra baseia-se no dialeto vêneto, entremeado de vocábulos e expressões "emprestadas de outros dialetos comuns aos imigrantes, especialmente o cremonês, e de palavras portuguesas italianizadas". Escrita nos anos de 1924 e 1925, essa obra, inicialmente, foi veiculada em episódios semanais, no *Correio Riograndense* e editada, pela primeira vez em livro, no ano de 1937, com o título *Vita e stòria de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*.

De acordo com Santin (1996), ao criar o personagem Nanetto Pipetta, Aquiles Bernardi traçou o perfil antropológico-cultural dos imigrantes italianos da região, mesmo não tendo sido esse o seu objetivo ao escrever as histórias. Sobre essa questão, Santin (1996:103) ainda diz:

"...Nanetto é um anti-herói *sui generis*. Ele tem tudo para ser um fracasso total. Seu nascimento se dá em um *dí de luna calente*³⁰, um tipo de certidão de um indivíduo sem futuro. Sua biografia é pontuada por sucessivas trapalhadas. Mas o que torna esse anti-herói encantador é sua capacidade de reagir, de recuperar-se; após cada confusão, aparece ele alegre, festivo e triunfante, como se nada tivesse acontecido. Os insucessos não o abatem. Ele revive e retoma confiante o seu caminho (isto é, de todo o imigrante) em busca da *cucagna*."

Na verdade, o criador de Nanetto Pipetta, segundo Gardelin (1988), foi um grande observador, que soube ouvir as narrativas dos antigos imigrantes italianos e soube, como ninguém, transformá-las em episódios hilariantes e repletos de aventuras e infortúnios. Nanetto Pipetta, o anti-herói veneziano, vem para a

²⁹ BERNARDI, Aquiles. *Vita e stòria de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*. 9.ed. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1990. [1.ed. 1937].

³⁰ Dia de lua minguante (tradução minha).

América para fazer fortuna e, nas matas do sul do Brasil, vive as mais inusitadas peripécias. Gardelin (1988:12) diz ainda que a leitura desses episódios motivou os pais a contarem a seus filhos fatos dos primórdios da colonização. Ele comenta que

"Nanetto foi, neste sentido, um herói. [...] O pai de família volta da missa e traz o jornal. Convoca os filhos. E passa a ler ou manda que o mais expedito leia. Riem-se as crianças. E o pai, que viveu os dias da chegada ao novo mundo, recorda o nome do navio, as peripécias a bordo, a caminhada, a chegada ao lote, a construção da casa... [...] as duas gerações se abraçam na evocação do passado."

A ilustração que segue apresenta a capa do livro de *Nanetto Pipetta*, em sua 9. edição, a qual esteve a cargo do pesquisador da cultura italiana no Rio Grande do Sul, Rovílio Costa.

Em 17 de fevereiro de 2000, o ator, escritor e advogado Pedro Parenti lançava, no *Correio Riograndense*, o primeiro dos 90 capítulos do *El ritorno de Nanetto Pipetta*. O personagem do Frei Paulino retornava pelas mãos de Parenti, que lhe emprestou vida também no palco.

Nanetto Pipetta³¹

³¹ Pedro Parenti, vivendo o personagem Nanetto Pipetta. *Correio Riograndense*, nov. 2000, p.16.

Fundador e membro do Grupo de Teatro *Miseri Coloni*, o autor/ator Pedro Parenti encenou várias peças teatrais, sendo Nanetto Pipetta o personagem mais marcante de sua trajetória como ator. Em 8 de novembro de 2000, morre Pedro Parenti, interrompendo-se, assim, a publicação do seriado no *Correio Riograndense*. Moacir Molon (2000), diretor de redação do jornal, diz que "...tem confiança que o tempo e o potencial do personagem e de seu maior intérprete inspirem a continuidade do *El ritorno de Nanetto Pipetta*."

Em entrevista à pesquisadora, Iotti (2000) diz que o personagem Radicci, com suas características típicas e caricatas, surge como um anti-herói ítalo-gaúcho, através do qual os descendentes de imigrantes italianos da RCI podem se ver, e, em aceitando essa possibilidade, exercitar a capacidade de rir de si mesmos, de seus costumes, de suas tradições. Quando lemos as histórias do Nanetto Pipetta, as situações hilariantes e pitorescas pelas quais passa esse personagem, traz-nos à mente as histórias do Radicci, as quais nos fazem rir tanto quanto aquelas. Essa constatação nos remete a uma curiosidade interessante: seria possível considerar o Nanetto Pipetta, de Aquiles Bernardi, o precursor do Radicci, de Iotti?

É também de Aquiles Bernardi a obra *Stòria de Nino, fradello de Nanetto Pipetta*³². Em 1965, o *Correio Riograndense* começa a publicar histórias vividas por Nino, irmão de Nanetto Pipetta, escritas no mesmo dialeto com que foram escritas as histórias de Nanetto Pipetta, porém, com visíveis empréstimos da língua portuguesa. Essa obra situa-se no segundo estágio da colonização italiana: enquanto Nanetto foi essencialmente rural, Nino vive numa pequena localidade que vai se urbanizando. O autor, desencantado com a atitude do jornal que, sem nenhuma explicação, deixa de publicar os episódios, não completa a narrativa.

*Togno Brusafрати: braure de dô compari*³³, escrita por Ricardo Domingos Liberali, também padre capuchinho, é uma obra de cunho didático: tenciona ensinar ao colono que é importante a criança ir à escola, que ele não deve blasfemar e nem ligar-se à maçonaria. Há, entretanto, na obra, momentos em que o autor, sem a preocupação moralizante, consegue desenvolver páginas narrativas apreciáveis. Quanto à linguagem da obra, o autor, em depoimento aos editores da

³² BERNARDI, Aquiles. *Stòria de Nino, fradello de Nanetto Pipetta*. Porto Alegre: EST, 1976.

³³ LIBERALI, R. D. *Togno Brusafрати: braure de dô compari*. Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1975.

segunda edição, diz que, para agradar ao leitor, escreveu em dialeto "vicentinado", misturado a outros dialetos e a alguma coisa de português. O autor ainda alerta que a sua narrativa não se trata de histórias de *Frich-Froch*, numa clara alusão a que não só ele conhece essa obra vêneta, como pressupõe que os leitores a conheçam também. Pozenato (1979:228), em nota de rodapé, informa que Ciro Mioranza lhe passara algumas referências sobre esta produção, como o nome do autor, Monsenhor Giuseppe Flucco e a relação das histórias, cujos títulos sempre fazem alusão a Frich-Froch.

Stòria de Peder, escrita por Nanni Contastorie - pseudônimo de Frei Nicolau Lucien -, durante os anos de 1949 a 1954, foi semanalmente editada em episódios, no boletim paroquial *A Voz de Marau*, de Marau. A narrativa tem fundo histórico, baseada em fatos ocorridos na comunidade de Marau. Entretanto, o autor diz que se preocupava em "embelezar" os episódios. Ao iniciar a publicação dos episódios, o autor apresenta Peder (Bernardi, 1994:197): "Ma chi zêlo sto Peder? Peder o Piero el zera um omo, el quale el zera grosso [...] Poarin, i sô genetori no i lo gavêa mandá studiar e cosa volê?"³⁴

Em carta ao historiador Mário Gardelin (1988:98-70), Frei Nicolau Lucien diz que a história nasceu com a intenção de atrair leitores para *A Voz de Marau* e que buscava fazer rir, divertir os leitores. Em certa altura da carta, ele comenta: "Não tenho feito estudos teóricos sobre o humorismo; mas, como a nossa família tem tendência para o humor, quero crer que haja alguns dos leitores que gostem desta leitura, tanto mais que são fatos curtos e cada um, embora tenha uma seqüência, termina sempre com o mesmo desfecho cômico..." Quanto à linguagem da obra, ele diz que isso dificultou a leitura para aqueles que não conheciam o italiano. Sobre isso, Gardelin (1988:75) aponta que *Stòria de Peder*, "descontados alguns exageros, espelha um momento em que, pela força da escola, da guerra e do rádio incipiente, se começava a substituir o vêneta pelo vernáculo." Em 1977, Rovílio Costa coletou os originais para editá-los como obra. Dos trezentos episódios publicados no semanário, menos de cem foram recuperados: a paróquia de Marau não guardara as edições do jornal, e o próprio autor não o fizera. Em

³⁴ Mas quem é este Peder? Peder ou Pedro era um homem, o qual era gordo [...] Pobre, os seus pais não o tinham mandado estudar e o que vocês querem? (tradução minha).

relação a isso, o criador de Peder diz que o protagonista, hoje, está incompleto; tem início, mas não tem conclusão.

Em 1976, é publicada a obra *Poemas de um imigrante italiano*, de Angelo Giusti, composta de poesias recolhidas por Luis De Boni junto a amigos do autor, que os presenteara com seus poemas. Nascido na Itália, em 1848, foi um dos primeiros a habitar as terras da RCI, vivendo aqui até sua morte, em 1929. Era conhecido como “l'omo de la Veneta”, por seu poetar espontâneo em dialeto vêneto. “La Mérica”, poesia de Ângelo Giusti, tornou-se o hino dos imigrantes sul-brasileiros. Abaixo, transcrevemos o poema (p.65):

*Da l'Itália noi siamo partiti,
Siamo partiti col nostro onore.
Trenta sei giorni di mácchina e vapore,
E in America siamo arrivà.*

*Da Itália nós partimos³⁵,
Partimos com nossa honra,
Trinta e seis dias de navio,
E na América chegamos.*

*A l'América noi siamo arrivati,
Non abbiám trovato nè páglia, nè fieno,
Abbiám dormito sul nudo Terreno,
Como le bèstie abbiám riposà*

*À América nós chegamos,
Não encontramos nem palha, nem feno,
Dormimos no chão nu,
E como os animais repousamos*

*Ma la Mérica, l'è lunga e l'è larga,
E circondata da monti e da piani,
E com l'Industria dei nostri italiani,
Abbiám formato paesi e cità.*

*Mas a América, ela é longa e é larga,
E cercada de montes e de vales,
E com a Indústria dos nossos italianos,
Formamos regiões e cidades.*

Outra obra conhecida é a do Pe. Carlo Porrini, *Masticapolenta*³⁶. Nascido na Itália, Porrini vem ao Brasil em 1906, como missionário e, conforme Bernardi (1994), em 1916, tem a idéia de escrever um conto, usando o dialeto vêneto do Rio Grande do Sul. Os textos que compõem essa obra foram publicados no *Corriere d'Italia*, de Bento Gonçalves, e tinham como base o modelo educativo, voltado ao amor à pátria e à salvaguarda da tradicional religiosidade campesina. Em 1936, esses contos são compilados e, em São Paulo, para onde o autor fora transferido, é lançada a primeira edição da obra. Em 1978, as editoras UCS/EST (Caxias do Sul/Porto Alegre) lançam a segunda edição.

³⁵ Tradução minha.

³⁶ PORRINI, Carlo. *Masticapolenta*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1978.

Em 1981, ocorre, em Caxias do Sul, o lançamento do livro de poesias, escrito em vêneto, *Os pesos e as medidas*³⁷, de Ítalo João Balen. Não se trata de uma obra nascida ocasionalmente, mas fruto de pesquisa literária. De acordo com Gardelin (1987:500), "aquele dialeto maltratado por longos anos se revela agora, em condições excepcionais, um meio capaz de exprimir poesia verdadeira." Balen dá forma poética a fatos observados e diálogos ouvidos meio século antes, entre 1924 a 1928, quando Celeste Gobbato, o então administrador de Caxias do Sul, resolvera colocar ordem nos pesos e medidas da cidade. É ainda Gardelin (1988) quem diz que, se *Nanetto Pipetta* é a obra fundamental do mundo rural da colonização italiana, *Os pesos e as medidas*, em dialeto dos anos vinte, é uma resposta do meio urbano.

Outro gênero literário que começou a ser publicada a partir do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul são as memórias. Sabe-se que esse tipo de escrito tem sido, ao longo da história da literatura, importante matéria-prima para obras de ficção. Quanto às memórias escritas na RCI, elas podem ter, segundo Pozenato (1979), um duplo valor histórico-documental: o resgate do registro lingüístico de uma época e o testemunho de experiências humanas dificilmente encontrável em outras fontes. Um exemplo disso é a obra *La Mérica* (1977), em que Luis A. De Boni apresenta escritos dos primeiros imigrantes italianos da RCI. Infelizmente, apenas os escritos de Carlin Fabris não foram traduzidos, perdendo-se, assim, uma importante oportunidade de registro documental lingüístico. Outra obra de caráter memorialista é *Memórias de um imigrante italiano*, de Júlio Lorenzoni, publicada em 1975, com tradução para o português. Resultado de anotações de um diário, a obra relata fatos vividos ou observados pelo autor desde 1877, quando, aos quatorze anos, saiu da Itália em direção ao sul do Brasil, até 1914. Lorenzoni morre em 1934, sem ter podido realizar o sonho de ver seu diário transformado em obra publicada.

Vale registrar ainda os escritos de Darcy Loss Luzzatto, o qual tem buscado, com muita dedicação, registrar e divulgar a história, a cultura e a fala (vêneto brasileiro) dos imigrantes italianos do Rio Grande do Sul. Em 1985, lança *Ghen'avemo fato arquante*³⁸. Outra obra que merece menção é uma produção

³⁷ BALEN, Ítalo. *Os pesos e as medidas: poemeto épico da década de vinte*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes, 1981.

³⁸ LUZZATTO, D.L. *Ghen'avemo fato arquante*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1985.

bilíngüe, *L' mio paese l'è così*³⁹, lançada em 1987. Mais duas obras que o autor edita exploram a fala típica da RCI, o vêneto brasileiro, o *talian*, como o próprio autor designa. Uma é lançada em 1993, *El nostro parlar: e outras crônicas*⁴⁰, e, a outra⁴¹, em 1994, na qual o autor apresenta noções de gramática do *talian* (vêneto brasileiro), como também aspectos históricos e culturais da região.

É interessante observar que a produção literária do dialeto italiano da RCI aqui apresentada é predominantemente de cultura clerical. Alguns casos de letrados leigos podem ser observados, como o de Ângelo Giusti, entretanto, também ele teve sua vida marcada pela religiosidade e pela estreita amizade com padres da Ordem dos Capuchinhos. Para Pozenato (1979), não há como caracterizar uma produção literária de cultura leiga nesse período da colonização italiana, pelo número inexpressivo de seus representantes.

Depois das festividades alusivas ao centenário da imigração na RCI, em 1975, representantes dos mais diversos segmentos dessa sociedade têm trabalhado, no sentido de registrar a história dos pioneiros da colonização na região. Esses movimentos de retorno às raízes têm ensejado a publicação de muitas obras tanto nos campos histórico, lingüístico, sociológico, como literário. Eles representam uma nova etapa cultural da RCI.

3.4 O estudo do contato italiano-português no Brasil

Appel y Muysken (1996), na introdução de seu *handbook* sobre *Línguas em Contato e Bilingüismo*, levantam duas questões fundamentais para a reflexão que desejamos seguir: primeiramente, é necessário pensar como a história das línguas está intimamente ligada à história dos povos e das nações, e, em segundo lugar, é preciso ter consciência de quão pouco se sabe sobre línguas em contato. A julgar pelos inícios de desenvolvimento dessa área de estudos - *Languages in contact* (1953), de Uriel Weinreich, e *The Norwegian language in America* (1953), de Einar Haugen – a pesquisa é bastante recente, ainda mais em nosso meio.

³⁹ LUZZATTO, D.L. *L' mio paese l'è così*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1987.

⁴⁰ _____. *El nostro parlar: e outras crônicas*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1993.

⁴¹ _____. *Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história & cultura*. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1994.

Para Weinreich (1974:1), duas ou mais línguas serão ditas “em contato” quando usadas alternadamente pelos mesmos falantes, os quais, neste caso, serão considerados “bilíngües”. Segundo o autor, esses indivíduos bilíngües são o 'locus' do contato.

O estudo do contato italiano-português na região sul do Brasil⁴² encontra-se, neste contexto, em um estágio ainda bastante embrionário. As primeiras pesquisas de que se tem notícia, são as efetuadas por H. A. W. Bunse, as quais tratam de questões relativas ao papel das línguas de imigrantes na região sul do Brasil. Esses estudos, de acordo com Frosi & Mioranza (1983), podem ser registradas em três etapas: a primeira corresponde à obra publicada em 1969,⁴³ na qual Bunse apresenta uma metodologia para a pesquisa dialetológica do Estado e procura incentivar esses estudos; a segunda etapa evidencia-se na obra de 1975, na qual o autor apresenta, de forma genérica, um estudo sobre os dialetos italianos do Rio Grande do Sul, com base em investigação com coleta de dados em quatro localidades; e, por fim, na terceira etapa⁴⁴, Bunse (1978) realiza um estudo etnográfico-lingüístico sobre o vitivinicultor ítalo-brasileiro do Rio Grande do Sul.

Frosi & Mioranza iniciam um trajeto muito importante sobre a dialetologia da RCI, quando lançam sua obra *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira* (1975), na qual os autores apresentam um estudo geo-histórico-etnográfico que serviria de base para futuros estudos lingüístico-dialetais da região italiana.

Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul (Frosi & Mioranza, 1983) apresenta um mapeamento com registros etnográficos, geo-históricos e lingüísticos de 82 municípios da RCI. Orientados pelos critérios da dialetologia tradicional, os autores registram elementos lingüísticos dos falantes da amostra, buscando verificar aspectos diferenciadores dos dialetos ainda existentes na região, as interinfluências

⁴² Ver ALTENHOFEN (2000), para o contato português-alemão no Brasil.

⁴³ Ver obras de BUNSE, H.A.W. *Estudos de Dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1969. BUNSE, H.A.W. *Dialetos italiano no Rio Grande do Sul*. Instituto de Letras/UFRGS, 1975. BUNSE, H.A.W. *O vinhateiro: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/DAC/SEC, 1978.

⁴⁴ Ressalta-se, aqui, um aspecto inovador para a evolução da pesquisa lingüística para a época: coleta sistemática de dados empíricos.

dialetais, interferências recíprocas dos dois sistemas lingüísticos - dialeto italiano e língua portuguesa -, e traços dos dialetos italianos na fala do português da região.

Ainda cabe referir *Gramática e vocabulário do dialeto italiano riograndense*, de Alberto Víctor Stawinski, publicada como apêndice em *Vita e stória de Nanetto Pipetta*.

Outros estudos importantes realizados na área da interferência lingüística da RCI envolvem, sobretudo, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. É o caso dos trabalhos realizados por Neires Maria Soldatelli Paviani. Em sua dissertação de Mestrado, *O pronome ético: uma característica dialetal* (1992), a autora fundamenta o uso do pronome *me* enfático no português falado na RCI, tendo como referência o português falado na localidade de Nova Roma.

Na tese de Doutorado, *Atuação do professor de língua portuguesa em situações de bilingüismo* (1997), Paviani investiga condutas lingüísticas e procedimentos pedagógicos no ensino de Língua Portuguesa para descendentes de imigrantes italianos em situações de bilingüismo. O estudo busca, também, examinar a atuação pedagógica referente a processos e resultados, observando não só os aspectos lingüísticos, como também a situação social e cultural do aluno.

Outro estudo sobre transferências lingüísticas dentro da RCI é a dissertação de Mestrado de Eliana Gianni, *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngüe no Rio Grande do Sul* (1997). O trabalho se concentra nos aspectos relativos ao bilingüismo societal e diagonal resultante da situação de imigração de italianos para a região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, concebendo-se esse fenômeno em termos de grau, ou seja, considerando-se, inclusive, o conhecimento passivo de um dos sistemas. A autora analisa os casos de transferência não necessária de itens lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana, na comunidade bilíngüe de Santa Giustina, situada na RCI.

Significativamente mais numerosos são os estudos de cunho histórico e antropológico sobre a imigração e colonização italiana. Mesmo que aqui a língua, muitas vezes, não apareça como um fim em si, ela surge refletida no *corpus*, na medida em que a variável etnia (sociolingüística) ou dimensão dialingual (ponto de vista da dialetologia pluridimensional) constitui aspectos ou critérios de definição dos informantes que formam o *corpus* de dados.

Outros estudos, isolados, são publicados em periódicos e livros sobre o assunto. É o caso, por exemplo, do artigo *Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana (RCI) do Rio Grande do Sul*, de Dal Corno & Santini (1998), o qual apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada em uma zona rural de Caxias do Sul, que busca verificar a questão do preconceito em relação ao falar com sotaque italiano na RCI.

Também pode ser citado o trabalho de Santos (1998), *O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural*, no qual a autora apresenta um panorama do processo lingüístico da RCI desde o início da colonização até os dias atuais e aborda questões sobre identidade lingüística e ajustamentos sociais nos contatos intergrupais.

Dois artigos escritos por Frosi, dentre tantos outros, merecem ser mencionados: *I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto* (1987), e *Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana* (1987), ambos publicados na Itália. São artigos que analisam a presença do elemento italiano, com sua língua de imigrantes, no contexto da sociedade riograndense.

Existem, ainda, artigos que não se propõem dar uma visão geral, seja do estudo do vêneto no Brasil (como Cortelazzo, 1987), seja da situação desta coine italo-brasileira no Rio Grande do Sul (como em Clemente, 1999). Do mesmo modo, podemos citar Posenato (1999), que trata da identidade cultural em relação ao *talian*, ou mesmo estudos sobre a cultura italo-brasileira, como os de Costa (1975, 1976 e 1979), Battistel & Costa (1984), Pozenato (1979, 2000) e Ribeiro (1987).

É importante lembrar, ainda, o trabalho que vêm desenvolvendo os projetos *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* e *Variação Lingüística na Região Sul (VARSUL)*, macro-projetos que abarcam todo espectro lingüístico da região sul do Brasil. O Banco de Dados VARSUL, que congrega a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Paraná e a Pontifícia Universitária Católica do Rio Grande do Sul, apresenta um acervo de 288 entrevistas, 96 por estado da região sul. Os dados coletados subsidiam estudos variacionistas da fala urbana do sul do país, seguindo o modelo laboviano da sociolingüística quantitativa.

Com a mesma área geográfica, os três estados da região sul, porém priorizando a variação diatópica, o ALERS desenvolve, em uma rede de 275 pontos de inquérito, um levantamento de dados do português da classe menos escolarizada e busca cartografar as variantes fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais mais significativas dessa fala. A contribuição destes dois projetos para o estudo do italiano como língua de imigrantes em contato com o português dessa região reside na contextualização do problema no conjunto da variação lingüística aí presente e na base de dados que se constitui a partir dos levantamentos (v. Mapa 3).

Na mesma perspectiva, porém já mais direcionado para a RCI, encontra-se o projeto, recém iniciado em 2000, *Variação lingüística e bilingüismo: a fala na Serra Gaúcha*, da Universidade de Caxias do Sul (Departamento de Letras), sob a coordenação da professora Elisa Battisti. A proposta inicial do projeto é montar o Banco de Dados da Serra (BDSer), com o objetivo de contribuir para a descrição do português falado no Brasil, registrando e armazenando dados de fala da Serra Gaúcha, a fim de disponibilizá-los à comunidade científica.

Destacamos, também, o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo projeto Elementos Culturais da Imigração Italiana na Região Nordeste do Rio Grande do Sul (ECIRS), Universidade de Caxias do Sul, desde 1978, sob a coordenação da professora Cleodes Piazza Júlio Ribeiro. Este projeto, cujo objetivo é resgatar os elementos da cultura italiana da RCI, nas suas mais diversas manifestações, já conta com um acervo bastante relevante de registros da cultura desta região.

Outro projeto que merece ser citado, aqui, é o BDS Pampa, desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas. Trata-se de um banco de dados que objetiva armazenar entrevistas com falantes do extremo sul do Rio Grande do Sul e das zonas fronteiriças, onde o contato português-espanhol assume uma importância essencial.

Apesar desses estudos mais abrangentes e dos trabalhos que se ocupam especificamente com o contato italiano-português, são imensas as lacunas que ainda necessitam ser preenchidas pela pesquisa lingüística. Os temas que mais diretamente se ligam aos objetivos deste estudo – atitudes lingüísticas, identidade, *language shift*, interferências, educação bilíngüe, *code-switching* – muito de longe vem recebendo o tratamento à altura do que ocorre em países plurilíngües como Canadá, Suíça, Estados Unidos, dentre outros.

3.5 Português de contato e interferência lingüística na RCI

Weinreich (1974) observa que, quando ocorrem desvios das normas de uma das línguas faladas pelo sujeito bilíngüe, ocorreu "interferência", caracterizada como um fenômeno individual e, geralmente, involuntário. Esses fenômenos de interferência poderão ocorrer por determinado tempo e, depois, desaparecerem, como também fixar-se, pela reprodução freqüente. A introdução de elementos de uma língua na outra pode ocorrer em diversos níveis, a saber, como interferência fonológica, morfológica, sintática ou lexical. O falante de descendentes italianos da região de Caxias do Sul que diz *tera* em lugar de *terra*, por exemplo, está pondo em prática um processo de interferência fonética. Ele transfere para o português a vibrante simples usada na variedade do italiano, deixando de fazer a distinção com a correspondente vibrante múltipla, que goza de *status* fonêmico no português.

Weinreich afirma que o grau de diferenciação entre línguas ou dialetos não é levado em conta, quando se verifica o processo de interferência lingüística, visto que os mecanismos desse processo parecem ser os mesmos, não importando que seja entre o chinês e o francês, línguas bem diferentes entre si, ou entre as subvariedades de inglês. Assim, simples diferenças dialetais podem também ocasionar interferência. Pense-se no emprego de expressões como *pra eu vim* na produção escrita em português padrão. Para se processar uma análise criteriosa de interferência, é necessário, de acordo com Weinreich (1974), efetuar uma descrição rigorosa dos dois sistemas lingüísticos em questão, apontando semelhanças e diferenças em cada área - da fonologia, da morfologia, da sintaxe e do léxico - para determinar a sua homogeneidade ou heterogeneidade estrutural.

Se considerarmos o conjunto dos traços que caracterizam a fala do colono ítalo-brasileiro do Rio Grande do Sul, podemos conceber a existência de uma variedade de português de contato italiano-português que, segundo a literatura e as observações feitas na realidade, reúne os seguintes traços mais característicos de interferência, em parte específicos do falante de italiano, em parte mais genéricos da variedade gaúcha:

a) Realização da vibrante simples em lugar da correspondente múltipla, ou vice-versa (com hipercorreção). Exemplo: *caroça* por *carroça*; *arrame* por *arrame*.

b) Substituição do ditongo decrescente nasal final *ão* por *on*, e vice-versa (com hipercorreção). Exemplo: *coraçõn* por *coração*; *sãõ* por *som*.

c) No nível semântico-lexical, o emprego de determinados vocábulos de base italiana, como, por exemplo, os verbos *levar* e *trazer* que, em português, têm seu significado específico, sendo, porém empregados pelos falantes de italiano como se fossem sinônimos, numa clara interferência do verbo *portar*, da fala dialetal vêneta da RCI⁴⁵, que, acompanhado por advérbios específicos, pode apresentar tanto um quanto o outro significado. Exemplo: vêneta *portar via* significa 'levar', e *portar quá* significa 'trazer'.

Para citar mais um exemplo, o vocábulo *marmelada* que, em português, designa o 'doce pastoso, feito com marmelo'⁴⁶, é usado por falantes da RCI para nomear todo tipo de geléia, independentemente da fruta usada na composição do doce. Assim, a geléia de figo - a figada -, facilmente será identificada como a "marmelada de figo", a exemplo do que ocorre, inclusive, em "marmelada de marmelo", evidenciando a influência do italiano *marmellata*, cuja tradução para o português seria 'geléia'.

d) O uso do pronome *me* enfático,⁴⁷ recorrente tanto na fala de ítalo-brasileiros, quanto de pessoas de outras etnias que moram na região. Segundo Weinreich (1974:6) "quando o falante de uma língua x usa uma forma de origem estrangeira não como empréstimo ocasional da língua y, mas porque ele a ouviu em outras frases da língua x, esse elemento emprestado pode ser considerado, do ponto de vista descritivo, como parte da língua x."

No caso do *me* enfático, Paviani (1992:107-108) dá exemplos que comprovam a sua integração na língua x, comparando duas frases típicas do dialeto italiano (1) e (2) com duas frases do português corrente da RCI (3) e (4), enfatizando que as duas primeiras servem de "matrizes" para as estruturas (3) e (4):

⁴⁵ Ver STAWINSKI, A. V. *Gramática e vocabulário do dialeto italiano rio-grandense*. Porto Alegre: EST/CR/UCS, 1990. As referências a termos dialetais vênets, nesta seção, terão esta mesma fonte.

⁴⁶ Ver Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986:1095.

⁴⁷ Fenômeno estudado por PAVIANI (1992).

- “(1) 'El me putin, el no **me** dorme'.
 (2) 'El me fiol no **me** magna bem'.
 (3) 'Os guris **me** dormiram toda noite'.
 (4) 'Eles **me** comem bem feijão com arroz'.”

Segundo Paviani, os falantes da RCI que utilizam em sua fala esse fenômeno, parecem não ter consciência de que já se transformou num traço característico da fala local, diferentemente do observador externo, que facilmente percebe esse traço de interferência, a tal ponto de se observar casos em que não-descendentes de italianos que visitam Caxias do Sul utilizam, em sua fala, de forma intencional e com simpatia, estruturas com o pronome *me* enfático, como a demonstrar sua identificação com o interlocutor local.

e) Realização da fricativa alveolar /s/ e /z/ em lugar das correspondentes palatais /ç/ e /j/ do português, traço presente sobretudo na geração dos mais velhos e uma das marcas com as quais a população externa identifica “Cacia”, ou seja, Caxias do Sul. Exemplo: *zogo* por *jogo*; *deissa* por *deixa*.

f) Ausência de palatalização das consoantes dentais /d/ e /t/ diante de /i/ e /j/.

Repetindo Weinreich (1974), somente uma descrição minuciosa das línguas em contato poderá oferecer uma análise criteriosa de interferência. O que se buscou fazer nesta breve seção foi registrar alguns traços mais comumente verificáveis no português de contato da RCI, a partir da observação empírica. Uma comparação breve com os traços encontrados na fala do Radicci mostra que há uma identificação lingüística entre a fala do colono ítalo-brasileiro e a fala do personagem de Iotti.

Tal afirmação, evidentemente, se restringe aos traços básicos apontados na nossa análise, mas que são suficientes para as intenções de pesquisa que lançamos no início. O que transparece nas tiras do Radicci é um uso acentuado de elementos do italiano, o que está de acordo com as finalidades expressivas do *cartum*. Por outro lado, é curioso observar que fenômenos como a palatalização de /d/ e /t/ permanecem ocultos no Radicci, haja vista as condições de registro escrito, a não ser na forma oral dos programas de rádio.

Na harmonia da paisagem colonial,
a marca do progresso
de uma região.

CAPÍTULO 4

4 O CONTEXTO SOCIAL E GEOGRÁFICO DO RADICCI

"Non adianta sair da colônia se a colônia non sáí da zente. Questo pode explicar una porçon di cosa que a zente vê por aí em nostro stado do Rio Grande do Sul. Um monte di cosa buona e anca un monte de asneirra que non tem tamanho e é pior que ficá bevendo água em mezzo a una cantina. [...] Houve um tempo que sê colono em quest stato era una vergonha. Veramente era una vergonha ser colono e ter quello sotaque caregado, erando as parola e parlando cosas que denunciavam tua origine. [...] Dopo me ouve um tempo em que os colono começarro a ganha fiorin. Si, fiorin. Soldi. Dinheiro. Pilla. Como a zente lavorava molto e gastava poco, tanti coloni começarro a ficá rico. [...] De repente sê colono virrou moda. Sê colono virou cique, tanto que até a Patrícia (que teson!) Empillar e a Glória (outra gostosa) Pirres me vieram do Rio de Zaneiro pra aprendê a parlá il nostro sotaque. [...] Enton perchê ainda tem zente que se açã melhor ou pior que os outro? Deve ser perchê eles saíram da colônia ma a colônia não saiu deles" (Iotti-Radicci, 1996:14-15).

Se concordamos que há uma relação intensa entre língua e identidade, então é imprescindível rastrear a história do grupo social envolvido num processo de pesquisa, seus traços culturais, sua localização geográfica, pois isso é pensar a identidade desse grupo de indivíduos, do qual emerge a figura do Radicci, e, conhecendo essa identidade, poderemos entender melhor o uso da variedade lingüística do grupo no espaço, no tempo e na interação interpessoal dessa comunidade, compreendendo, além disso, como as atitudes lingüísticas são desenvolvidas, reforçadas ou inibidas nesse contato.

4.1 Aspectos históricos e geográficos da imigração italiana no sul do Brasil

O processo de imigração iniciado na Europa, no século XIX, vincula-se a mudanças estruturais relativas ao desenvolvimento do capitalismo e a novas

formas de produção que ocorriam no mundo ocidental, resultando na expropriação do camponês da terra e do desaparecimento do pequeno artesanato. Esse contingente populacional, sem terra e sem trabalho, se torna excedente em seus países de origem, preocupando governantes que buscam, na emigração, uma solução para a crise social e econômica por que passam. Além disso, há, por parte desses governos, a "perspectiva de retorno de capitais, pela formação de núcleos nacionais no exterior, que se ligariam por relações comerciais à pátria de origem" (Pesavento, 1980:156).

Assim, a emigração da Itália ocorre no momento em que trabalhadores rurais e camponeses evadem das zonas mais marcadas por traços remanescentes do feudalismo, "que, na via peculiar de desenvolvimento capitalista daquele país, impossibilitaram a expansão da indústria em um ritmo que pudesse oferecer emprego suficiente aos camponeses e artesãos expropriados" (Santos, 1980:136). No Brasil, o imigrante estrangeiro, fundamentalmente, foi solicitado como força de trabalho para as lavouras cafeeiras, substituindo a mão-de-obra escrava. Entretanto, no Rio Grande do Sul, a política de imigração seguiu outra orientação: os imigrantes ocuparam terras desabitadas, com concessão de posse, pois a intenção do governo brasileiro era povoar as terras virgens do sul do país, não usadas pelos latifundiários da pecuária, acarretando abertura de estradas e maior comunicação com outras regiões (Pesavento, 1980). Dessa forma, a imigração italiana, que iniciou neste Estado, em 1875, atendeu tanto aos interesses do governo italiano quanto aos do governo brasileiro, que financiava aos imigrantes italianos a passagem da Itália ao Rio Grande do Sul. Os lotes e outros eventuais subsídios como ferramentas, sementes, alimentos seriam pagos ao governo brasileiro pelos imigrantes num prazo de cinco a dez anos. Eles vinham ao Novo Mundo instigados pelo sonho da terra, vinham para a América para serem proprietários de terras no país "della cucagna",⁴⁸ esperançosos de construir um novo mundo repleto de fartura e bonanças. "No Novo Mundo seus habitantes passam a ser denominados de colonos, não porque estão ligados à produção agrícola, mas por habitarem uma colônia pertencente a uma determinada

⁴⁸ País da "fortuna, sorte" (STAWINSKI, A. V. *Gramática e vocabulário do dialeto italiano rio-grandense*. POA: EST/UCS, 1990). Ver também: POZENATO, J. C. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. RIBEIRO, C. M. P. J. Paese de cuccagna ou país de maravilhas. In: MAESTRI, M. (org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.186-189.

metrópole" (Giron, 1999:116).

Contudo, quem eram esses imigrantes italianos? Certamente, falar em italiano é recorrer a uma abstração, uma generalização, ou melhor, uma simplificação que não condiz com a diversidade inerente ao termo⁴⁹.

Mapa 1

Frosi & Mioranza, 1975:24.

⁴⁹ Ver Mapa 1.

Conforme mostram Frosi & Mioranza (1975; 1983), o Mapa 1 aponta que esses imigrantes procediam das mais diferentes regiões da Itália - mas principalmente de quatro regiões do Norte daquele país: Vêneto, com o maior contingente, Lombardia, Friuli-Venécia Júlia e Trentino-Alto Ádige (Tirol) - constituindo a base que originou a coine do vêneto brasileiro, conforme aludimos na seção 3.2.2. Com menor expressão numérica - em torno de 1,5% do total de imigrantes italianos -, também contribuíram para a colonização da região nordeste do estado do Rio Grande do Sul outras regiões italianas, como Piemonte, Emília-Romanha, Toscana e Ligúria.

Com a chegada de imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, em 1875, tem início, segundo Giron (1980), a última etapa do povoamento desse estado. É importante ressaltar que a imigração italiana iniciada no Rio Grande do Sul, em 1875, dá continuidade ao processo imigratório inaugurado pelo grupo pioneiro dos alemães, neste Estado, a partir de 1824.

Os imigrantes italianos vão ocupar as terras devolutas⁵⁰ localizadas na encosta superior do Planalto - na encosta da serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado, em uma região que, segundo Faé (1975: 62), é de uma

“desfavorável colocação dada aos primitivos colonos italianos no Rio Grande do Sul, já que, cinquenta anos antes, haviam aportado os alemães, ocupando as melhores terras, pela fertilidade e pela localização, estabelecendo-se nas proximidades do maior centro consumidor, a capital, e desfrutando das facilidades de transporte e da uberdade do solo nos vales dos rios principais.”

Manfroi (1975:69-70) reforça Faé (1975) quando afirma que "A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam essa região hostil e de difícil exploração." Mesmo assim, os vales e as encostas logo se cobriram de trigais e vinhas, transformando a paisagem antes repleta de louros, cedros, grapiúnas, cabriúvas, canjeranas e araucárias, numa região tipicamente

⁵⁰ "A Lei Geral n.601, de 18 de setembro de 1850, dá uma legislação definitiva à colonização. Esta lei define a significação de terras devolutas como sendo: '1) as que não se acharem no domínio particular por qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias ou outras concessões do governo geral ou provincial, não incursas em comisso, por falta de cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura; 2) as que não se acharem dadas por sesmarias ou outras concessões do governo que apesar de incursas em comisso, forem revalidadas pela lei; 3) as que não se acharem ocupadas por posses, que apesar de não se fundarem em título legal forem legitimadas pela lei; 4) as que não se encontrarem aplicadas a algum uso público nacional, provincial ou municipal (art.3)' " (Lazzari, 1980: 34).

italiana, e o binômio trigo e uva passaria a identificar a presença do imigrante italiano na região.

Frosi & Mioranza (1983:69) destacam que "O desenvolvimento sócio-econômico da RCI teve, como origem, o trabalho agrícola do imigrante italiano e o de seus descendentes." Esse desenvolvimento também foi fomentado pela indústria, localizada nas sedes municipais, e pelo comércio de mercadorias de primeiras necessidades, praticado nas sedes distritais. Para Frosi & Mioranza (1983:71), esse fato nos leva a considerar duas questões importantes, relativamente ao fenômeno lingüístico da região: "(a) de uma lado, a conservação mais acentuada, na área rural, de usos, costumes e tradições italianas, incluindo-se a preservação da fala dialetal; (b) de outro, o êxodo rural, afetando especialmente o grupo mais jovem, restringe a conservação dos usos, costumes e tradições italianas a certa faixa etária da população."

Essas colônias, no Rio Grande do Sul, ao serem fundadas, obedeceram ao critério de pequenas propriedades, como ocorrera com as colônias alemãs no início do século. Entretanto, os lotes coloniais que, em 1824 eram de 77 hectares, em 1848, já eram de 48 hectares, e, durante a colonização italiana, as colônias não passavam de 25 hectares cada (ver Manfroi, 1975:70).

Mapa 2

Legenda do Mapa

Colônias mais antigas
(1875).

Colônias de formação
imediatamente
posterior (1884).

Colônia de formação
posterior (1892).

Ocupação espontânea
de terras (avanços
fronteiriços).

Como se vê, as terras ocupadas foram divididas em linhas ou travessões e em lotes coloniais. Assim, a organização do espaço obedeceu a

"um único critério, sempre seguido de modo formal e sistemático, [que] foi o de ocupar as terras em direção norte, à medida que novas levas de imigrantes iam chegando. Esta ocupação geográfica deu-se na seguinte ordem: a) terras aquém do rio das Antas; b) terras além do rio das Antas; c) faixa areal entre os rios Carreiro e Guaporé, a oeste das colônias Dona Isabel e Alfredo Chaves" (Frosi & Mioranza, 1975:44).

No eixo tempo, reconhecem-se cinco fases de ocupação de terras, na RCI, nem sempre tão distintas, em função de algumas etapas de ocupação se sobreporem a outras. É o que mostra o Quadro 3⁵¹:

Quadro 3

Denominação	Colônia	Municípios atuais
Antiga Colônia I (1875 – 1885)	Barracão (Nova Milano) Caxias Dona Isabel (1875) Conde D'Eu	Farroupilha Caxias do Sul Flores da Cunha Nova Pádua São Marcos Bento Gonçalves Garibaldi Carlos Barbosa
Antiga Colônia II (1884 – 1896)	Antônio Prado (1884) Alfredo Chaves	Antônio Prado Nova Roma do Sul Veranópolis Cotiporã Nova Prata Nova Bassano
Nova Colônia	Guaporé (1892 – 1900) Encantado (inicia em 1882, com imigração interna, até 1900)	Guaporé Muçum Serafina Correa Casca Vila Maria (distrito de Marau) Encantado Nova Brésia
Novíssima Colônia (1900 – 1920 ±)	_____ (Expansões das diversas colônias anteriores).	Paráí Nova Araçá Ciríaco Davi Canabarro Marau Putinga Anta Gorda Ilópolis Arvorezinha

⁵¹ Adaptado de FROSI & MIORANZA, 1975:54.

Embora determinados períodos do processo migratório da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul tenham se sobreposto devido à concomitância dos fenômenos imigratórios com os migratórios internos⁵², (ver quadro anterior – Quadro 3 - adaptado de Frosi & Mioranza, 1975:54⁵³), é possível observar a progressão temporal ocorrida no assentamento dos imigrantes italianos e seus descendentes na RCI. A cidade de Caxias do Sul, foco central de nosso estudo, integra, com alguns outros municípios, a primeira Colônia Antiga, completando, em 2001, 126 anos de fundação. Essa observação remete-nos à questão cronológica que envolve esse processo. A idade da colônia teria determinado implicações no uso e posição social da variedade dialetal? As colônias mais antigas teriam mantido por mais tempo a sua fala e os seus costumes típicos, independentemente do estigma que cercou a fala dialetal italiana da região?

A migração interna ocorrida desde o início da colonização não se constituiu num fator de descaracterização da RCI em sua fala, usos, costumes e tradições. E, apesar da mobilidade diatópica do imigrante italiano "as colônias européias do RS viveram, durante muito tempo, isoladas do país dos gaúchos" (Manfroi, 1975:123). Assim, eles continuaram falando a língua de seu país de origem e a viver segundo seus costumes e tradições. Na verdade, aspectos como a melhoria das vias de comunicação, o desenvolvimento do intercâmbio com centros urbanos da região, o aprimoramento dos meios de transporte, a eletrificação das colônias e a conseqüente introdução do rádio e da televisão é que iriam interferir na cultura da região, provocando, por exemplo, "um recuo geográfico e social acelerado dos dialetos italianos da RCI" (Frosi & Mioranza, 1983:75). Segundo observam Frosi & Mioranza (1975), a região colonial italiana do nordeste do Rio Grande do Sul contava, na década de setenta, com 26 municípios. Hoje, conforme levantamento feito junto ao Setor de Documentação e

⁵² Como a porção de terras distribuídas aos imigrantes italianos era diminuta, e cada família, em média, era composta de não menos de dez pessoas, desde o início do processo da colonização, os filhos de imigrantes italianos buscaram novas terras, iniciando o fenômeno de migração interna da RCI.

⁵³ O quadro original não apresenta datas: esse acréscimo é encontrado em Battistel & Costa (1982:15). Os municípios de Nova Pádua, Nova Roma do Sul e Cotiporã são uma complementação de Frosi, em palestra proferida na XIII Semana de Letras da Universidade de Caxias do Sul - 26 a 28 de outubro de 1999. O Projeto ECIRS, da mesma Universidade, assinala mais dois municípios: Ibiraiaras e Vista Alegre. Apesar do surgimento desses novos municípios, o traçado externo da RCI não se modificou; as mudanças foram internas.

Disseminação de Informações do IBGE (2000), Porto Alegre, este número se elevou, conforme o quadro abaixo, Quadro 4, para 36 municípios.

Nome	Código	N. de habitantes	Superfície km ²
1. Anta Gorda	70	6.333	240,3
2. Antônio Prado	80	12.821	343,2
3. Arvorezinha	140	10.400	278,3
4. Bento Gonçalves	210	89.254	381,5
5. Boa Vista do Sul	225	3.104	95,2
6. Carlos Barbosa	480	20.334	208,1
7. Casca	490	8.536	270,8
8. Caxias do Sul	510	349.581	1.588,4
9. Ciríaco	550	4.985	277,8
10. Cotiporã(MonteVêneto)	595	4.101	183,5
11. Davi Canabarro	630	4.607	174,8
12. Encantado	680	18.826	140,8
13. Fagundes Varela	786	2.436	132,2
14. Farroupilha	790	56.664	393,9
15. Flores da Cunha	820	22.055	293,3
16. Garibaldi	860	28.007	272,6
17. Guaporé	940	20.095	312,7
18. Ilópolis	1.030	4.191	115,4
19. Marau	1.180	27.192	611,6
20. Monte Belo do Sul	1.238	2.670	67,7
21. Muçum	1.260	5.022	109,1
22. Nova Araçá	1.280	3.345	54,3
23. Nova Bassano	1.290	7.939	225,5
24. Nova Brésia	1.300	4.656	200,9
25. Nova Pádua	1.308	2.425	102,5
26. Nova Prata	1.330	17.636	259,1
27. Nova Roma do Sul	1.335	3.167	152,5
28. Paraí	1.400	5.915	121,2
29. Protásio Alves	1.517	2.129	172,4
30. Putinga	1.520	4.673	218,4
31. Santa Teresa	1.725	1.862	77,7
32. São Marcos	1.900	18.622	263,7
33. Serafina Correia	2.040	10.628	161,6
34. Veranópolis	2.280	19.440	276,6
35. Vila Flores	2.330	3.081	125,0
36. Vila Maria	2.340	4.206	184,7
	Total	810.936	9.087,3

Como já dissemos, não houve mudança na extensão geográfica ocupada pela RCI (9.087,3 km²), e sim uma nova configuração interna, por terem sido reconhecidos novos municípios.

Além disso, este quadro dá apenas uma amplitude relativa do espaço geográfico ocupado pelos imigrantes italianos e seus descendentes no nordeste do Rio Grande do Sul, uma área que, em termos dos objetivos deste trabalho, se situa mais próxima da gênese do Radicci, além de se constituir em uma zona de referência para a identidade ítalo-brasileira. Não obstante, conforme se depreende do perfil dos informantes do ALERS (ver Mapa 3), a presença do elemento italiano e, portanto, “o raio de ação” do Radicci, enquanto símbolo representativo do colono ítalo-brasileiro, se estende por toda região sul do Brasil, fornecendo o maior número de informantes entre os bilíngües entrevistados pelo mesmo ALERS.

Mapa 3

Le scandole
cobriam as casas
dos pioneiros imigrantes
italianos da RCI.

4.2 O espaço social da colônia italiana

Ao chegarem à colônia, os imigrantes italianos eram acomodados em barracões, onde aguardavam, muitas vezes, por meses, a divisão das terras feita por "engenheiros agrônomos contratados por autoridades competentes" (Manfroi, 1975:114). Cada família adquiria, em concessão, um lote rural ou um lote urbano nas sedes coloniais. De posse de suas terras, o imigrante e sua família - homens, mulheres e crianças - dedicavam-se incansavelmente ao trabalho, buscando construir uma estrutura básica que tornasse possível a sobrevivência nas novas terras: era preciso providenciar uma morada⁵⁴ e organizar as plantações o mais rápido possível, pois delas dependeria a manutenção da família. Ainda assim, apesar de toda dedicação, segundo Faé (1975), somente em princípios de 1877, as primeiras colheitas começaram a acontecer. Nesse meio tempo, a coleta do pinhão - fruto da araucária, existente em abundância na região, nessa época -, e a caça de macacos, papagaios, porcos e outros animais, propiciavam o sustento dos imigrantes.

As colônias, ao serem criadas, recebiam um diretor nomeado, com amplos poderes governamentais e policiais, vice-diretor, escrivães, e engenheiros para trabalhos internos de escritório e para os externos, como medição de lotes, traçados de estradas e tudo que fosse necessário para a organização física da colônia. Assim, em cada colônia, havia uma sede, na qual se estabelecia a direção e a administração, e, geralmente, localizava-se no centro da colônia, que era dividida em léguas quadradas, e cada Léguas, em Linhas, cuja extensão era em torno de seis a sete quilômetros cada e, em cujas laterais - à direita e à esquerda - estendiam-se os lotes coloniais numerados. De acordo com Azevedo (1975:173), os imigrantes dos lotes urbanos construíam suas casas com mais elegância do

⁵⁴ Logo que chegava ao lote a ele destinado, cada chefe de família abria uma clareira na mata e armava uma cabana com paus a pique, coberta com folhas de palmeira, que serviria como primeiro abrigo para a família. Passados cinco ou seis meses, ficava pronta a casa definitiva, toda de madeira, com telhado de tabuinhas rachadas - 'le scândole' (Lorenzoni, 1975). 'Scandole' eram tábuas lascadas "produzidas no local, em medidas que variavam de 50 a 60cm de comprimento e 20cm de largura com 1,5cm de espessura, dispostas de tal forma que o centro das 'tabuinhas' de uma fiada coincidia com a junta da fiada imediatamente abaixo e trespassada pela metade mais 8cm aproximadamente em seu sentido longitudinal..." Como a tabuinha possuía duração relativamente curta, foram gradativamente substituídas por placas de zinco, ou por telha canal, feita a mão, ou telhas francesas e planas (Bertussi, 1983:128).

que os da zona rural, ao longo da Linha, nos dois lados da estrada. Para Manfroi (1975), a Linha⁵⁵ determinou a estrutura social e a unidade orgânica do povoamento.

Um dos tópicos que Frosi & Mioranza (1983:118-119) analisam, ao falarem da questão lingüística da RCI, é o esquema de estradas no início da colonização. Eles destacam que

"cada comunidade possuía uma via de acesso à sede da colônia, mas o acesso às comunidades vizinhas só era possível através da sede colonial ou da estrada que conduzia a essa. A falta de comunicação mais expedita entre as pequenas comunidades perpetuou um isolamento das mesmas, só rompido num segundo momento, quando se buscou a interligação, com várias opções, das colônias entre si e, com principais aglomerados surgidos na Região."

De acordo com Sabbatini (apud Frosi & Mioranza, 1983), o traçado dos Módulos A e B (Mapa 4) mostra as "divisões-tipo" do loteamento efetuado na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. Ele, ainda, acusa a existência de áreas onde teria ocorrido, de forma pouco significativa, um tipo de loteamento misto (Módulo A + Módulo B) não definido, possivelmente devido a acidentes topogeográficos. A partir da análise desse mapa, pode-se perceber que famílias de linhas contíguas estavam fadadas ao isolamento entre si, pois tanto o Módulo A quanto o Módulo B não favoreceram a comunicação das diferentes comunidades das linhas e travessões entre si, e isso levou os imigrantes a viverem, inicialmente, em estado de isolamento geográfico e social; a criação de estradas vicinais viria a atenuar esse isolamento. Segundo os autores (id., ibid), o modelo de loteamento do Módulo A teria propiciado, pelo isolamento que acarretou, maior manutenção dos dialetos, e o modelo do Módulo B, por ter favorecido maior acesso a vias de comunicação, teria contribuído para a descaracterização das falas dialetais, tanto que as ilhas dialetais que subsistiram, quase sempre foram encontradas em regiões representativas do Módulo A.

⁵⁵ "A Linha era um caminho, muito estreito, traçado no meio da floresta virgem, através de todos os acidentes do terreno e reunia uma motanha a outra, um rio a outro ou dois sinais quaisquer tomados como ponto de partida e como ponto de chegada" (Manfroi, 1975:115).

Mapa 4

Frosi & Mioranza, 1983:119.

Legenda do Mapa 4

O colono que, na Itália, vivia em burgos, encontrou-se aqui privado de convivência e de trocas sociais a que estava acostumado, pois a vida associativa desenvolve-se no núcleo familiar, entre a cozinha e a morada da casa rural. Esse é o ambiente dos acontecimentos do dia-a-dia: dormir, preparar as conservas e as refeições diárias, fazer as principais refeições. É ali, também, que decorrem fatos como, "o encontro depois do trabalho, as orações da noite, a conversa, os nascimentos e a morte, os banquetes de casamento, os bailes, e, passados os primeiros anos, a recepção aos filhos e filhas que vêm do seminário e do convento" (Azevedo, 1975:180). Essas trocas sociais só eram ampliadas quando os imigrantes iam ao comércio, ao moinho ou à capela. Na verdade, nos primeiros tempos, as sedes coloniais foram o ponto de convergência de toda vida social das colônias, pois somente nelas são encontradas igrejas, casas comerciais, oficinas, repartições públicas. É ali que, aos domingos, acontece a missa, a confissão, a conversa com o padre, a consulta ao médico, o encontro com os compatriotas, os negócios, a feira em frente à igreja, a diversão. São as sedes, com seus lotes urbanos, que vão transformar-se, "mais de meio século depois, nas principais cidades da região" (Ribeiro, 1998:279).

Nos travessões, começam a surgir capelas, e cada uma daquelas pequenas igrejas de madeira com seu "campanile"⁵⁶ separado, assume logo o importante papel congregante da vizinhança. É ali que as pessoas vão se reunir para o culto religioso - ao qual o padre atende periodicamente -, para rezar o rosário, as ladainhas e para outras manifestações de fé. Bertussi (1983:133), quando fala das capelas coloniais, diz que "as primeiras foram construídas em madeira. Destas restam poucos exemplares. O mesmo espírito de fervor e competição que levou à proliferação foi também responsável pela substituição daquelas por novas, de alvenaria, numa tentativa de demonstração de progresso e agradecimento a Deus."

A igreja e o padre, com sua ascendência sobre o colono, foram fundamentais para o ajustamento do imigrante às novas condições de vida, tanto que "os colonos recém estabelecidos reclamavam mais o padre e a igreja do que a escola e os professores" (Azevedo, 1975:185).

⁵⁶ O "campanile" - campanário - "com sinos importados tinha de estar elevado para que seu som melhor se espalhasse pelos vales quando anunciava a hora da missa, ao meio-dia, a hora da ave maria, falecimentos e as cerimônias fúnebres" (Bertussi, 1983:134).

Na copa - pavilhão anexo à igreja - os colonos se reuniam para conversar e jogar cartas. Surgem, próximo à igreja, também como resultado do esforço comum, a escolinha de madeira, o cemitério, a cantina e a cooperativa; algumas moradias e raras casas de comércio⁵⁷ completavam esse conjunto social. Instaura-se, assim, uma típica vizinhança rural, passando a ser designada como capela⁵⁸. Ainda hoje, nos meios rurais da RCI, podemos encontrar homens conversando, jogando cartas em torno de copos de vinho, nos salões paroquiais - antigas copas⁵⁹.

Entretanto, raramente, encontramos, hoje, resquícios de uma outra manifestação religiosa, característica dos imigrantes italianos - o "capitel". À beira das estradas coloniais, era comum verem-se pequenas construções de madeira, pedra ou tijolo, cobertas com "tabuinhas", zinco ou telhas, de tamanhos variados que iam desde nichos até pequenas capelas, onde era possível realizar cerimônias religiosas. O capitel, construído para agradecer a algum santo uma graça recebida, abrigava a imagem do santo homenageado e se constituía num marco de devoção dos imigrantes italianos (Bertussi, 1983:135).

Nas sedes das colônias era possível encontrar alguma força policial armada. Em Caxias, essa força chegou a contar com um contingente de 50 soldados, comandados por um capitão, porém, por falta de verba, em 1878, ficou reduzido a dez praças e um alferes (Azevedo, 1975). Para manter a ordem, as casas comerciais eram fechadas às nove horas da noite, e os bailes só aconteciam com prévia autorização.

⁵⁷ Distantes de centros urbanos maiores, os colonos viram-se na contingência de produzir tudo que fosse necessário para a sua sobrevivência. Entretanto, produtos como sal, açúcar, café, fósforos, ferramentas, tecidos, a fatiota, sapatos, chapéu, selas eram adquiridos no 'baratilha', venda ou armazém. "A casa de comércio da linha, 'o baratilha' ou venda, articulava-se com o comércio de maior porte dos centros urbanos regionais, e estes 'exportavam' para centros urbanos maiores. Os agricultores entregavam suas reservas monetárias aos comerciantes das linhas, em troca de baixos juros. As grandes casas comerciais realizaram o que os colonos não conseguiram, isto é, acumular capitais..." (CUSTÓDIO, s.d.:11).

⁵⁸ Ver WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo: Nacional, 1940. Willems descreve e analisa capelas em colônias alemãs do sul do Brasil, cujas características se assemelham às encontradas em capelas de colônias italianas do Rio Grande do Sul.

⁵⁹ *Copa*, hoje, nos salões paroquiais, não só nos meios rurais, como também nos urbanos, é um compartimento que serve de bar, separado por um balcão do restante do salão, e, mais internamente, é o lugar onde são preparadas as refeições e onde se guardam as louças, os talheres e outros utensílios de cozinha. Nesses salões acontecem, ainda hoje, festas em homenagem ao santo padroeiro e outras festas da comunidade, geralmente promovidas e organizadas pelos fabriqueiros.

Já no meio rural, toda organização social ficava sob a responsabilidade da Sociedade da Capela: sob a autoridade do padre, os fabriqueiros⁶⁰ deveriam se incumbir das atividades ligadas à igreja, vigiar as atividades sociais, como bailes e outras festividades, prestar socorro aos atingidos por acidentes ou infortúnios, praticar a justiça, em casos de dissensões familiares, encaminhar ao padre os casos mais difíceis de serem resolvidos, apresentar à Prefeitura as necessidades da comunidade. E todas essas manifestações sociais e religiosas ocorriam, primordialmente, na fala dialetal italiana, até porque havia "autoridades brasileiras que, seguido, procuravam expressar-se na língua deles" (De Boni & Costa, 2000:7). Como sabemos, é somente a partir da campanha de nacionalização, decretada por Getúlio Vargas, que a fala dialetal dos imigrantes em geral começa a dar lugar à língua portuguesa. Mais tarde, essa mediação com os órgãos públicos passaria a ser efetuada por sub-prefeitos escolhidos entre os moradores de cada localidade, e as pequenas propriedade ou lotes rurais, não se sabe bem em que momento, passaram a ser identificadas como "colônias"⁶¹, significando um espaço geográfico diferente daquele ocupado pelos terrenos urbanos, situados junto à sede colonial. Giron & Bergamaschi (1996:63) assim se manifestam sobre a colônia:

"A colônia para os colonos era o lote que receberam, ou o lote que compraram, ou a possibilidade da compra de um lote. A aquisição de um lote representava a mudança de sua condição de 'servos da terra' para a de senhores da terra. A colônia era a terra que lhes pertencia, na qual poderiam plantar o que necessitassem para a sobrevivência de suas famílias. Na colônia, poderiam criar animais necessários para alimentação e locomoção. Mais do que um pedaço de terra, a colônia constituía um espaço de liberdade, na qual eram senhores para produzir o que desejassem".

Segundo as autoras, o colono desenvolveu um modo "próprio e contraditório de ser", pois, enquanto eram suficientemente corajosos para

⁶⁰ "Os cargos de fabriqueiros, em número de 4 ou 5, eram cobiçados como evidência de prestígio e fonte de poder na vizinhança rural; renovados cada dois anos, eram providos pelo vigário que os designava a seu juízo ou aceitava a indicação da assembléia da Sociedade da Capela. O padre exerce diretamente e por aquele meio uma forte autoridade sobre o grupo, ao mesmo tempo que se identifica de perto com o mesmo por sua origem numa família de colonos, pelo falar do dialeto, pela frequência dos lares, pelo convívio na copa" (Azevedo, 1975:184).

⁶¹ Sobre o conceito de colônia, ver GIRON, L. S. & BERGAMASCHI, H. E. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

enfrentarem o desconhecido, diante das autoridades e dos senhores sentiam-se intimidados, mesmo sentindo-se livres e donos da terra.

Maestri (2000:32) diz que "no sul os colonos cantavam: Nel Brasile non vi sono padroni/ Ognuno qui é padrone di sè/ In casa sua il colono comanda/ E si stima ugualmente un re"⁶². De alguma forma, cantavam a representação idealizada do imigrante italiano em terras desconhecidas, aquela mesma idealização que os trouxera ao Brasil para serem proprietários de terras, patrões e não servos.

Frosi (1987), por outro lado, diz que, apesar de a palavra *colono* significar, essencialmente, lavrador, esse termo, na RCI, sempre esteve carregado de um significado negativo. Assim, além de ser o cultivador da terra, o colono era também a pessoa ingênua e honesta, a qual se podia enganar; era o indivíduo ignorante, grosseiro e de condições econômicas, sociais e culturais inferiores. Giron & Bergamaschi (1996:68) reforçam essa idéia quando afirmam que, no momento em que o colono passa a ser habitante da colônia/lote, torna-se um homem livre, capaz de plantar e colher produtos agrícolas. Ainda assim continua sendo "cidadão de segunda categoria. A grande maioria sendo pobre, ignorante e estrangeira." Segundo as autoras, a condição subalterna a que os colonos, então, foram relegados marcou profundamente suas vidas e a de seus descendentes.

Iotti (25.04.00), ao falar da época em que criou a família do Radicci, comenta: "Lembro que as pessoas da Serra não diziam de onde eram, tinham vergonha em assumir a descendência italiana. Eu pensava: não adianta, colono acaba se entregando, escorrega em um erre, reclama preço."

Hoje, passados 126 anos de colonização da RCI, cabe perguntar: quem é o colono da região? "São descendentes de italianos das mais diversas faixas etárias, que valorizam sempre suas origens... e, mesmo ligados no mundo e na tecnologia, esses modernos descendentes de italianos cultuam as tradições", é o que diz Pontalti (2000:1), em seu artigo *Colono, sim senhor!* E expressões como *colono*, *gringo*, *gringo polenteiro*, *italiano*, *talian*, *italo-brasileiro* ou *italo-gaúcho* são denominações com as quais os descendentes de imigrantes italianos da RCI são reconhecidos⁶³.

⁶² No Brasil não existem patrões/ Cada um aqui é patrão de si/ Na sua casa o colono manda/ E se respeita como um rei (tradução minha).

⁶³ Ver, para tanto, Seyferth (1996), que analisa também colonos alemães, (*alemão batata*), poloneses (*polacos*) e outros.

Construções típicas
da Região de Colonização Italiana.

Casa e cozinha, mundos unidos
por um alpendre.

4.3 A organização familiar ítalo-brasileira

Os proprietários de lotes rurais - colônias - preocupavam-se em montar suas casas próximas de fontes de água - rios, córregos -, tornando-se a moradia um ponto de convergência para abrigo, proteção e sobrevivência, inclusive, inicialmente, para animais domésticos.⁶⁴ Grande cuidado envolvia as fontes de água potável, para que fossem preservadas de contaminação e, como, às vezes, elas se localizavam um pouco distantes da casa, era necessário trazer a água através do condutor⁶⁵ ou através do “bigolo”⁶⁶. Entretanto, o mais almejado pelas famílias imigrantes era poder dispor de um poço de água potável próximo da casa.

As casas, geralmente, eram grandes, com amplas salas onde se realizavam bailes, festas de casamento, velórios e outras reuniões, e com muitos quartos, pois a prole numerosa assim o exigia. Um dos dormitórios, geralmente transformado em despensa, dava acesso à parte superior da casa, o sótão, através de uma pequena escada. Esse pavimento era usado para a conservação de certos cereais como o amendoim, o feijão, a lentilha, que deviam ficar resguardados de umidade. Também servia como dormitório, principalmente em dias de festas familiares. Geralmente em formato retangular, as casas não recebiam maiores cuidados por parte dos proprietários, que as mantinham sem pintura, caracterizando os períodos iniciais da colonização na RCI.

A cozinha, com seu fogão primitivo,⁶⁷ era construída a alguma distância da casa, supostamente como forma de proteção contra possíveis incêndios; às vezes, as duas edificações eram unidas por um alpendre. Com o surgimento dos fogões a

⁶⁴ Contam as memórias e as tradições da região que era comum as casas serem invadidas por animais estranhos - onças, cachorros selvagens, porcos do mato, tamanduás, raposas, cobras, lagartos - que vinham em busca de alimento ou perseguindo outros animais.

⁶⁵ "As residências localizadas nas ascensões, para ficar longe da umidade dos rios e córregos, e que tinham suas fontes potáveis nas baixadas, costumavam armar cordões de fios de arame para descer os baldes até as fontes e, depois, puxá-los para dentro da própria residência, sem o trabalho de buscar, manualmente, a água" (Costa et al., 1986:25).

⁶⁶ A palavra *bigolo* não encontra tradução em língua portuguesa e designa um instrumento usado "para levar água à distância, nas zonas montanhosas [...] Trata-se de um dispositivo de madeira, geralmente um galho de árvore um pouco vergado, com dois dispositivos nas extremidades para afixar um balde ou cesto em cada lado. Posto nos ombros, dá maiores condições para transportar água a longas distâncias" (Costa et al., 1986:25-26).

⁶⁷ O fogão primitivo eram as lareiras ou “focolari”. Os primeiros imigrantes não conheciam o fogão. Suas lareiras consistiam num caixão retangular, revestido de madeira e, no seu interior, colocavam terra batida, com leve declive no meio, onde estava localizado o fogo. Para cozimento de comidas, especialmente a tradicional polenta, as panelas eram suspensas por uma corrente, chamada “la catena” (Ver Costa et al., 1986:28).

lenha, o fogo deixou de ser uma preocupação para os moradores, e isso fez com que a cozinha, gradativamente, fosse incorporada à casa. Na cozinha, as pessoas preparavam e faziam as refeições, guardavam alguma comida, reuniam-se para conversar e rezar, tomavam banho e lavavam a roupa, aproveitando o calor do fogão como o de uma lareira (Gardelin, 1960).

A parte inferior da moradia era usada como cantina, onde o vinho era fabricado e armazenado em grandes pipas.⁶⁸ Também era o local onde se carneavam animais domésticos, onde se guardava algum tipo de cereal e se conservavam alimentos como toucinho, banha, salame, presunto, leite, manteiga, queijo, conservas, o pão, feito uma vez por semana, geralmente aos sábados, que eram fonte de abastecimento não só para a família, como também para os centros urbanos mais próximos.

Em torno da casa, viam-se modestos jardins e árvores esparsas. Árvores frutíferas - ameixeiras, caquizeiros, pereiras, bergamoteiras, laranjeiras, marmeleiros, figueiras, limoeiros - eram plantadas em locais de fácil acesso, cujos frutos eram consumidos como alimento natural ou transformados em compotas ou geléias – “la marmellata”. À pequena distância, estava a horta, indispensável para as refeições do dia-a-dia. Na seqüência, eram construídos, em madeira, estábulos – “le stalle”- para as vacas e para as mulas e cavalos, separadamente, o chiqueiro, o galinheiro, uma varanda coberta onde se guardavam a carreta e os arreios, o coberto que abrigava o forno de barro para cozer o pão. E “tudo podia também encontrar-se reunido num só galpão com divisões internas ” (Azevedo, 1975:175). O rebole era um objeto singular, comumente afixado a uma árvore para permanecer sempre firme. O pombal, recortado no horizonte, juntamente com as medas de feno, completava o bucolismo da paisagem.

Mudas trazidas da Itália e outras conseguidas com colonos alemães possibilitaram o plantio da videira. Os parreirais, em sua imensidão, formavam um mar verde: o colono realizava o sonho de plantar em terra própria e colher o fruto de seu esforço. Em alguns anos, o vinho fabricado pelos colonos, não só regava as suas refeições, como também começava a conquistar o mercado fora dos limites rurais. Grandes cantinas de vinho como a de Luiz Michielon e Filhos e a de Luiz Antunes, em Caxias do Sul, foram tão importantes para o desenvolvimento da

⁶⁸ Essa produção, inicialmente, foi realizada artesanalmente: a uva era depositada em barricas, e o colono amassava-a com os próprios pés; o sumo resultante desse trabalho era transformado em vinho.

região, que serviam como referência para visitação turística, principalmente na década de sessenta.

Mais além, podiam-se ver as plantações do milho, revesadas pelas culturas de inverno - a cevada, o centeio, o trigo. O arroz, a batata, o feijão, a aveia também faziam parte das lavouras da colônia italiana do sul. As massas –“la pasta” - dos mais variados tipos e a polenta frita - “brustolata” - são pratos que identificam a culinária típica dos imigrantes italianos, ainda hoje presentes nas mesas da região.

4.4 O homem da colônia: traços culturais do colono italiano representado pelo Radicci

"Se a cultura é o fazer, este fazer está implantado em meio de outros afazeres. E um fazer representa sempre uma opção entre dois afazeres potenciais" (Hohlfeldt, 1979:210).

No Rio Grande do Sul, o colono italiano é um elemento humano reconhecido como símbolo do trabalho. Aliás, isso parece caracterizar o imigrante em geral. Ao chegarem às suas novas terras, os imigrantes italianos, para vencerem os obstáculos que se lhes impunham, duplicavam sua capacidade de trabalho, cumprindo, de certa forma, os termos do decreto do Governo Geral, de 17 de junho de 1874 (apud Ribeiro, 1998:279), segundo o qual os trabalhadores europeus destinados a ocuparem as terras devolutas nacionais deveriam ser "agricultores sadios, laboriosos e moralizados."

Inicialmente, e por um longo tempo ainda, a situação que os colonos enfrentavam era tão adversa, que a solidariedade entre eles significava poder sobrepujar o abandono, a solidão, a saudade de familiares e amigos que haviam permanecido na Itália e tornar a sobrevivência possível. Costa et al. (1975:63) destacam a frequência com que os primeiros imigrantes se visitavam "e se auxiliavam na construção da casa, na organização da lavoura, da horta; na organização da lareira e do forno." Entretanto, isso não substituía o trabalho duro, solitário, penoso e estafante do indivíduo e da família. Manfroi (1975:121) diz que o "imigrante italiano foi um trabalhador incansável, rude e persistente", e isso teria

sido um dos fatores que determinou o êxito da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Ainda segundo Manfroi, outro aspecto significativo que justifica esse sucesso foi o patrimônio cultural trazido da Itália, cultivado em meio às florestas virgens, principalmente em torno da religião, que permitiu ao imigrante italiano superar os obstáculos dos primeiros tempos e fazer dessa região sua nova pátria. Sponchiato (1974, apud Manfroi, 1975) coloca a igreja ou religião como elemento determinante para que os imigrantes não tenham sucumbido às adversidades a que estavam sujeitos. De acordo com o autor, enquanto os imigrantes alemães se uniam em sociedades para as mais diversas atividades sociais e para defenderem suas escolas, os italianos não tinham nada disso. Faltavam-lhes cooperativas, sindicatos, sociedades recreativas, e, quando as fundavam, as brigas e as rivalidades não permitiam que elas prosperassem, e as escolas não lhes interessavam. Assim, o individualismo e a desunião que dominavam os indivíduos nessas ocasiões só puderam ser superados, também conforme Manfroi (1975:193), através da igreja que fomentou a "solidariedade indispensável para enfrentar todas as dificuldades materiais e psicológicas dos primeiros tempos."

Por conta dessa solidariedade, havia famílias que se reuniam para confraternizar e rememorar acontecimentos do seu dia-a-dia. A música, a poesia e o humorismo, traços típicos do imigrante italiano, conjugados à comida e à bebida, marcavam esses encontros de integração. Hohlfeldt (1979:212) diz que o imigrante italiano, diferentemente do alemão, não "estava marcado por uma escatologia que falasse demasiadamente da morte ou se mostrasse impressionada negativamente com os desafios". Na verdade, a tradição do colono italiano é marcada pelo canto, pela música, através dos quais extravasa seus sentimentos, sejam eles de alegria ou de tristeza. Muitos cantos enalteciam a comida, a bebida - o vinho -, a alegria e a amizade. No canto "Mangè, bevè, bei giovani! Non stè pensar di mè! / Mangè, bevè, bei giovani, oi cara la mia nina, no stè pensar di me. / Io non mangio, io non bevo. - Lerà! / Solo penso di te, oh! Cara la mia Nina, / Ti comprerò um vestito, di trentasei color / E lo farò tagliare, da un giovanin d'amor"⁶⁹ (Corradin, 1972, apud

⁶⁹ Comam, bebam, belos jovens! Não pensem em mim! / Comam, bebam, belos jovens, oi, minha cara amada, não pense em mim. / Eu não como, eu não bebo - Olá! / Somente penso em ti, oh! Minha cara amada, / Te comprarei um vestido, de trinta e seis cores / E o farei talhar por um jovenzinho de amor (tradução minha).

Costa et al., 1975:62), o enamorado convida todos a beberem e a comerem, enquanto ele só pensa na amada. Manfroi (1975:194) diz que "Os primeiros imigrantes e a primeira geração viviam cantando, em todos os lugares e em todas as circunstâncias. Cantavam os homens, as mulheres e as crianças. Cantavam no trabalho, na igreja, nas festas, nas estradas e em casa. Cada família era um coral."

Massa (1975:29), discorrendo sobre as festas típicas dos imigrantes italianos, fala da vindima como sendo uma festa de cores, sons e cantos, pois os lenços na cabeça ou no pescoço, os chapéus de abas largas, protegendo o rosto do sol e os sons e cantos davam ao trabalho da colheita da uva um colorido de festa. E, enquanto cantavam, os colonos recolhiam a uva, com a ajuda das crianças que colocavam os cachos nos cestos sobre as carroças. Os cantos enalteciam o vinho como fonte de alegria e encorajamento para enfrentar as adversidades da vida de forma natural: "L'acqua marcisce i pali. / Il vino mi fa cantare. / Vin bon e plebeo; / gloria in excelsis Deo. / Bevi il gotto de vin / e lassa correr l'acqua al so mulin."⁷⁰

Em outros momentos, sentimentos como a rivalidade e a emulação, como manifestações de orgulho por pertencer a determinada comunidade, são expressos nos cantos. "A consciência de comunidade manifesta-se na solidariedade em determinados momentos e em certo orgulho de pertencer à mesma: Quá in San Giacomo / son tutti insieme. / Come noi altri / non güe ne altri / E se güe ancora / Chi vigné fora"⁷¹ (Azevedo, 1975:185).

De acordo com Hohlfeldt (1979), outro modo de o imigrante italiano manifestar seus sentimentos era através da blasfêmia, "bestema", em dialeto italiano. Segundo Stawinsky (1990:41),⁷² a "bestema" é "ultraje, ofensa a Deus, ou às coisas sagradas", e se configura em expressões como *Porco Dio! Porca Madona! Can del Ostrega!*,⁷³ por isso mesmo um comportamento condenado pelo padre que se incumbia de exigir uma larga "penitência" ao blasfemador, quando este se confessava. Outras expressões sem as palavras sacras, tão intraduzíveis

⁷⁰ A água apodrece os postes. / O vinho me faz cantar. / Vinho bom e plebeu; / glória a Deus nas alturas. / Bebe o teu copo de vinho / e deixa correr a água ao seu moinho (tradução minha).

⁷¹ Aqui em São Giacomo / somos todos unidos. / Como nós / não há outros / E se ainda houver / que apareçam.

⁷² STAWINSKY, Alberto Vitor. Gramática e vocabulário do dialeto italiano rio-grandense. Apêndice da obra: BERNARDI, Aquiles. *Vita e stória de Nanetto Pipetta*. Porto Alegre: EST/CR/UCS, 1990.

⁷³ Expressões intraduzíveis, cuja expressividade reside no próprio dialeto que lhes deu voz.

quanto as anteriores, também figuravam entre as imprecensões que davam vazão aos sentimentos. Entre as mais comuns, podem-se destacar: *Orco zio! Porco zio! Fiol dun can! Ol dun can! Magna rospi! Bruta béstia!* Segundo Battistel (1981:35-36), a blasfêmia era uma espécie de auto-afirmação. Entre os adolescentes, blasfemar era motivo de orgulho, porque “homem grande é que blasfema”. O autor comenta que, ao entrevistar pessoas sobre isso, elas lhe confessaram que blasfemavam porque era hábito, que isso acontecia naturalmente, de forma inconsciente, sem a intenção de ofender diretamente a Deus. O autor comenta que, com a difusão e o aprendizado da língua portuguesa entre os imigrantes italianos, a blasfêmia foi tendendo a desaparecer. Mas não teria sido justamente a blasfêmia que ofereceu maior resistência à *language shift*? Na verdade, ainda hoje, em Caxias do Sul, é possível ouvirem-se pessoas usando expressões caracteristicamente de blasfêmia, de forma natural e muito espontânea.

Desde o início da colonização, como já vimos, a luta pela sobrevivência levou os imigrantes a se dedicarem incansavelmente ao trabalho. Assim, muito rapidamente, qualquer tentativa de instrução foi suplantada por essa necessidade. A criança da colônia, desde a mais tenra idade, participava do processo produtivo, dedicando-se aos afazeres domésticos, ao trato dos animais, ao plantio e à colheita e, somente quando cumpridas essas tarefas, poderia freqüentar a escola, tornando-se a sua aprendizagem precária e fragmentada. Ocorria, também, de irmãos se revezarem na ida à escola: em certos períodos, alguns filhos iam, e, em outros momentos, outros a freqüentavam, ficando, assim, assegurada a continuidade do trabalho na colônia.

Essa questão é evidenciada por Manfroi (1975), quando ressalta que os colonos italianos não demonstravam interesse pela instrução de seus filhos, tanto que, ao se instalarem nas colônias, solicitavam, conforme afirma também Azevedo (1975), o padre e a igreja, mas não a escola e o professor. O padre significava, como já foi salientado, o apoio moral e emocional de que os imigrantes necessitavam naqueles primeiros tempos de vida em terras estranhas e inóspitas. A escola, por outro lado, significava menos braços para a lavoura e os demais afazeres do dia-a-dia. E, apesar da ascendência de que gozava a pessoa do padre sobre a comunidade de colonos italianos, ao sugerir a fundação de uma escola, ele tinha sua sugestão rejeitada. Assim, não houve por parte dos governos italiano e brasileiro, tampouco por parte do imigrante italiano, preocupação com a criação

de escolas. Embora Costa (1979) aponte que os primeiros imigrantes italianos se constituíssem de cidadãos letrados, que teriam trazido uns poucos livros da Itália, através dos quais se praticava a leitura, também ressalta que o trabalho árduo e a honestidade foram os valores que sobrepujaram todos os outros, pois a luta pela sobrevivência colocou de lado qualquer busca de instrução, o que levou as gerações seguintes a serem semiletradas. De Boni & Costa (1984:87), falando da educação na região nos primeiros anos da colonização, assim se manifestam:

"Muitas escolas do interior foram, de início, 'scuole serale', aulas noturnas, ministradas em casa, geralmente durante o inverno, por um colono um pouco mais instruído. Mais tarde, passaram ao âmbito de ação da capela, mas sempre lutando contra toda espécie de dificuldades, desde a falta de material até o desinteresse da comunidade".

Hohlfeldt (1979), quando retoma aspectos importantes da história da colonização italiana, discorrendo, principalmente, sobre o desenvolvimento cultural do colono italiano, salienta que a exacerbada dedicação ao trabalho determinou que as gerações posteriores de descendentes de imigrantes italianos não alcançassem as primeiras letras, o que propiciou o desenvolvimento de uma tradição cultural de caráter popular, não letrada, transmitida oralmente. Isso nos leva a conjecturar que, se, por um lado, o colono distante da escola perdia a chance de se instruir, por outro, de alguma forma, esse aspecto fomentou, nos meios rurais, a manutenção da fala dialetal, usos e costumes da tradição cultural italiana dos imigrantes por mais tempo. Azevedo (1994:33), em anotação referente à data de 12 de janeiro de 1955, referindo-se a uma conversa com Frei Vital sobre o povo de Caxias do Sul, escreve: "É de opinião que o trabalho, aqui, atrofia a cultura do povo; este, preocupado com o trabalho, não se instrui". De Boni, em sua obra *A Itália e o Rio Grande do Sul - IV* (1983), apresenta dois relatórios de autoridades italianas sobre a colonização italiana em terras gaúchas. Umberto Ancarini, autor de um dos relatórios (1905), ao falar sobre a Administração Municipal, entre outros aspectos, relata: "Os eleitores, segundo censo de 1890, são 2167, mas seu número se reduzirá a cerca de 700, pois uma nova lei, aprovada pelo Congresso, no Rio de Janeiro, estabelece que os analfabetos não podem ser eleitores."⁷⁴ Como se observa, apenas um terço da população se

⁷⁴ Este fragmento encontra-se em De Boni (1983:51).

constituía de pessoas letradas, o restante do contingente populacional era formado por pessoas analfabetas.

É ainda a partir das anotações de Azevedo (1994) sobre Caxias do Sul, à época de 1955, em conversa com o Dr. José Zugno, atendente da Prefeitura Municipal, com o geógrafo norte-americano Stuart Clark Rotwell e com o diretor do *Correio Riograndense*, Frei Armindo, que temos alguma idéia sobre classes sociais de Caxias. Azevedo (1994:28) registra:

"O Superior, Fr. Armindo, acha que em Caxias não há distinções de classe muito nítidas. Zugno confirma. Stuart diz que aqui não há uma estratificação nítida como na Bahia. Zugno, confirmado por Stuart, diz que isto vem do fato de que os atuais chefes de comércio e indústria foram operários e agricultores que se desenvolveram. Noventa por cento das fábricas derivam de pequenas oficinas que se ampliaram; somente uma fábrica - diz Stuart - foi fundada por estranhos que trouxeram seus capitais de fora."

Ainda a respeito deste assunto, Azevedo (1994:41) registra a opinião de Mário Belincanta, cidadão catarinense, residente em Caxias do Sul há seis anos na época da entrevista (1955):

"A sociedade de Caxias pode ser dividida nas seguintes camadas:
 I - alta - daqueles que têm bens e cultura;
 II - a que se aproxima da alta - dos que têm cultura e menos dinheiro; os formados entram aqui; parece-se mais com a alta do que com as inferiores;
 III - a média - dos que têm dinheiro mas não têm cultura; é a mais numerosa;
 IV - a baixa - isto é, o povo em geral. [...]
 A maioria do operariado faz parte da camada média, possuem sua casa, vivem mais ou menos bem."

O que chama a atenção nesse depoimento é o lugar dado à educação: mesmo tendo menos dinheiro, por "ter cultura e ser formado", a pessoa pertence à classe que se aproxima à alta. A classe média, que é o terceiro escalão apontado nessa classificação, tem dinheiro, mas não tem cultura. Isso, de certa maneira, parece vir de encontro àquilo que aparece na literatura sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul, ou seja, que o descendente de imigrantes italianos não tinha maior preocupação com a educação dos filhos.

É também Azevedo (1994:289) que, usando palavras de T. Lynn Smith, nos dá conta de que "existe uma classe média agrícola quando o lavrador é (1) trabalhador lavrando a terra com sua família e não é assalariado nem paga assalariados; (2) capitalista, financiando seus próprios empreendimentos; (3) empresário ou gerente de sua propriedade."

Essa declaração encontra eco na afirmação de Duminiense Paranhos Antunes (1957, apud Azevedo, 1994:348), que diz:

'Somos, segundo nos parece, uma sociedade dinâmica. E, embora possamos dividir a sociedade da região italiana, nos três grupos clássicos: ricos, remediados e pobres, em verdade possuímos apenas uma grande classe média, pois as exceções são ridículas percentualmente; temos uma mentalidade generalizada de classe média, ainda estribada num sentimento forte de família, na concepção de uma sociedade equilibrada na distribuição da riqueza e num consenso geral de progresso das nossas cidades e das nossas vilas.'

4.5 O local e o universal no Radicci

Concluindo, vale ressaltar a importância de percorrer o ambiente social e geográfico ao qual remetem as historinhas do Radicci, presente no personagem, não apenas através da língua, mas também por meio de um conjunto de outros aspectos culturais, como o vinho, a comida, os cantos, a religiosidade, a blasfêmia. Embora o foco principal deste estudo não se coloque nessas questões mais gerais, não podemos esquecer que a cultura e a língua estão profundamente interligadas, porque a cultura é traduzida e, sobretudo, transmitida através da língua. É preciso nominar as coisas, dar-lhes expressão e significado, identificando-as historicamente.

Iotti, quando dá voz ao Radicci, permite que o passado se renove, que a história da região de colonização italiana se torne presente. A identidade, que não se traduz somente pela língua, encontra referência na própria região. Quando falamos em “colônia italiana”, estamos demarcando um terreno de identidade própria, ou seja, uma região com os traços culturais que identificam a presença dos descendentes dos imigrantes italianos. Entretanto, isso não quer dizer que, na produção artística à qual Iotti se propõe, haja um isolamento, que ela nasça e se encerre dentro dos limites dessa região. O próprio Iotti, como mencionamos no capítulo 3, parafraseia Tolstói, dizendo que “basta cantar a própria aldeia para ser universal”. Na verdade, na história dos imigrantes italianos da RCI, repete-se a história de tantos outros homens e mulheres que ousaram sonhar com um mundo novo. Iotti canta, neste sentido, a universalidade de sua aldeia.

Em torno à mesa,
a história se refaz: alimenta-se o corpo
e também a alma.

Parte 2

A Influência

CAPÍTULO 5

5 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

5.1 A perspectiva da dialetologia pluridimensional

Para os objetivos desta pesquisa, tenciona-se explorar um caminho não muito comum no tipo de estudo que pretendemos empreender, e que se ressent de uma contribuição teórico-metodológica mais substancial. Esse caminho é dado, aqui, pela moderna Dialetologia Pluridimensional. Seu princípio básico está pautado na pluridimensionalidade da análise, a qual se define por considerar tanto aspectos da arealidade (dimensão horizontal), quanto da socialidade dos fenômenos lingüísticos no meio social (dimensão vertical).⁷⁵ Em outras palavras, incorporamos aos nossos objetivos a noção do espaço na análise da influência do personagem Radicci sobre a fala do colono ítalo-brasileiro de Caxias do Sul. Onde, como, quanto e quem reflete mais precisamente maior ou menor influência, e de que tipo? Bellmann (1999:7) define a arealidade como

"um traço que se relaciona com as características de distribuição, no espaço, dos recursos lingüísticos de uma língua isolada, ou de um dialeto de uma língua isolada, e que, em consequência, serve de auxílio para fazer afirmações sobre áreas parciais específicas para os recursos lingüísticos, quer dizer, sobre restrições da validade e da ocorrência, as quais são atestadas no plano horizontal..."

A socialidade, por outro lado, remete "à quantidade de contrastes lingüísticos que podem ser identificados para cada localidade pesquisada da referida projeção horizontal...", sendo que esta dimensão sociolingüística ou "vertical" pode ser imaginada como um "plano perpendicular posicional sobre a dimensão da arealidade" (p.8).

⁷⁵ Cf. BELLMANN (1999).

Em nosso estudo, a dimensão areal restringiu-se, timidamente, à interface meio rural-meio urbano (cf. 5.2.1). Para a contribuição que se pretende prestar a esses estudos pluridimensionais, no entanto, está-se lançando uma semente para macro-sínteses no âmbito de atlas lingüísticos. Afinal, é possível cartografar atitudes lingüísticas e identidades?

Segundo um balanço de Radtke & Thun (1999:33), relatando os principais aspectos apresentados durante o Simpósio *Novos Caminhos da Geolinguística Românica*, realizado em Heidelberg e Mainz, em 1996, a geolinguística românica encontra-se dividida; verificam-se os esforços de alguns em experimentar "novos parâmetros, métodos e também meios técnicos, enquanto outros ainda seguem comodamente na via única da variação diatópica".

Os novos parâmetros são discutidos à luz dos projetos apresentados durante o Simpósio. A ampliação mais evidenciada foi a que trabalha concomitantemente o parâmetro diatópico com o diastrático e o diageracional. Vários projetos avançados seguem essa perspectiva, entre eles o Atlas Lingüístico da Renânia Central (MRhSA), de Bellmann e seus colaboradores, e o Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)⁷⁶, sob a coordenação de H. Thun e A. Elizaincín. De fato, a dimensão diageracional tem se mostrado mais operacional do que o parâmetro diastrático, no qual nem sempre ficam muito claros os critérios de definição dos estratos/classes sociais. Os resultados parciais sobre um estudo de adaptação de um grupo de montevideanos em sua nova residência, a cidade de Rivera, apresentados por Thun, evidenciam a relevância do parâmetro diageracional, associado ao diastrático. Esses resultados mostram que "o grupo que mais se acomoda é o da geração de jovens de classe sociocultural baixa; o que menos se adapta [às mudanças] é o da geração mais velha de classe sociocultural alta" (Radtke & Thun, 1999:37).

A dimensão biológica ou diassexual, apesar de toda emancipação alcançada pela mulher, é considerada em um número pouco expressivo de atlas; dos atlas lingüísticos românicos publicados, não se tem notícia de que algum presente, de forma explícita e sistemática, a dimensão diassexual, embora alguns atlas em planejamento pretendam incluir essa dimensão na sua análise. Esse parâmetro tem repercussão também sobre a definição dos inquiridores, ou seja,

⁷⁶ Dois primeiros volumes lançados em 2000.

homens entrevistam homens, e mulheres entrevistam mulheres, aliás, um procedimento sobre o qual se têm debruçado com mais atenção as técnicas de levantamento de dados. Radtke & Thun (1999:39) acreditam que os atlas que surgirem doravante deverão representar a dimensão diassexual "de maneira explícita e contrastiva em seus mapas". Dessa forma, afirmações da sociolingüística e da psicolingüística sobre esse aspecto poderiam ser confirmadas ou corrigidas pela geolingüística.

A variação diafásica ou estilística, por fim, reveste-se de grande importância e complexidade nos estudos da área. Tal se evidencia especialmente na necessidade de ajustes metodológicos e aprimoramento de técnicas de gravação, para que o material coletado se constitua em efetiva documentação da geolingüística. Radtke & Thun (1999:40) afirmam que "uma grande parte do registro da variação diafásica, devido justamente à comparabilidade dos dados, fica reservada ao aprofundamento por estudos monográficos, ou seja o mapa como indicativo de problemas lança o desafio à monografia pontual". Para os autores, ainda mais desafiante seria registrar e cartografar sistemática e contrastivamente o saber metalingüístico de falantes. Eles afirmam que ainda não há uma terminologia que designe a variação resultante das relações diversas entre "postura com respeito à língua" e "conduta lingüística". Elizaincín e Thun, nesse sentido, procuram demonstrar que "opinar" e "falar" guardam relação entre si.

Em um curso livre ministrado em agosto de 2000, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o título *Da superfície ao espaço lingüístico: lingüística moderna, variação e mudança lingüística*, H. Thun focalizou as linhas gerais que fundamentam a constituição e evolução dessa que para ele seria "uma ciência ampla da variação lingüística".

Ao fixar as origens remotas desta ciência no trabalho de Dante Alighieri (1265-1321), Thun destaca que este buscava uma variedade que pudesse ocupar o lugar do latim como língua italiana culta escrita. Na verdade, durante sua busca, Alighieri encontra, em cada variedade de língua da Itália, aspectos que considera as melhores partes dos dialetos com as quais forma a língua italiana por ele idealizada. São mais de mil as variedades da Itália apontadas por Alighieri em uma lista considerada válida até os dias atuais. Alighieri distingue entre as falas dos jovens e dos velhos, as profissões, os estilos, os sexos, utilizando, portanto, noções equivalentes, em outras palavras, às dimensões diageracional, diastrática,

diassexual, diafásica. Enfim, para Alighieri, a dialetologia não se restringia à perspectiva areal ou diatópica, e sua obra, que propôs uma teoria sobre a variação, manteve-se absoluta até o início do século XIX. Bellmann (1999:9), ao falar da dialetologia alemã, mostra, similarmente, que "o conhecimento em torno da bidimensionalidade da língua falada tem na Alemanha uma tradição considerável" desde o final do século XVIII, feito que teria se acentuado em 1821, com o iniciador da dialetologia alemã, Johann Andreas Schmeller, autor do primeiro mapa geolingüístico de uma região dialetal do alemão.

Thun (2000) lembra que a perspectiva pluridimensional da dialetologia esboçada por Dante Alighieri no século XIV perde o interesse como campo de estudo no século XIX, dando lugar à monodimensionalidade. Uma justificativa para tal atitude estaria na revolução industrial do século XIX, ao fazer com que o universo rural perdesse prestígio em relação ao urbano, levando os estudiosos a acreditarem que os atlas lingüísticos monodimensionais seriam uma forma de conservar dialetos rurais que tendiam a desaparecer.

Thun cita, ainda, o trabalho de Tomás Navarro, de 1966, *Español en Puerto Rico*, que reconhece três fases na evolução da dialetologia. A primeira fase, que ele denomina de "monodimensional", explora a dimensão diatópica, caracterizando-se pela representação geográfica das diferenças da fala popular da classe baixa. A segunda fase, a "pluridimensional", leva em conta as dimensões diageracional, diastrática e diassexual no estudo do espanhol de centros urbanos e rurais. Por fim, a terceira fase engloba as "redes comunicativas", onde se combinariam atlas lingüísticos com atlas demográficos, levando em conta relações complexas de interação. Para Thun, embora a grande parte dos trabalhos da geolingüística se encontre ainda na primeira fase, verifica-se uma forte corrente de projetos pluridimensionais, reservando-se para um futuro próximo a concretização da terceira fase, de pesquisas envolvendo redes comunicativas. É nessa direção que o nosso estudo pretende caminhar, de forma, no entanto, ainda embrionária, visto que recém estamos iniciando nossos estudos neste campo.

5.2 Dimensões de análise da pesquisa

Ao definir as dimensões de análise da variação lingüística, ou seja, de comportamentos lingüísticos diversos, que interessam mais diretamente aos

propósitos deste estudo, estamos definindo, conseqüentemente, os critérios de definição dos (grupos de) informantes da pesquisa, usuários reais da língua.

5.2.1 Arealidade da pesquisa: o espaço ocupado por Caxias do Sul

Conforme frisamos anteriormente, o espaço geográfico de análise de variação lingüística, envolve, no nosso estudo, uma área restrita ao binômio campo-cidade, meio rural e urbano. Em certo sentido, esse binômio corresponde ao contraste bilíngüe vs. monolíngüe [+italiano] vs. [+português], colono vs. citadino. Sem a noção do espaço, o estudo do contato lingüístico, nessa realidade, seria parcial, pois falaríamos do bilingüismo de Caxias do Sul, sem distinguir graus de bilingüismo e, conseqüentemente, diferenças nas relações entre os membros de ambas as realidades.

Deste modo, fixou-se, para a dimensão diatópica, dois parâmetros comparáveis: o meio rural, e o meio urbano de Caxias do Sul, investigando um total de 32 informantes, 16 de cada meio. Esse contraste rural e urbano tem sua relevância, portanto, na própria figura do colono italiano como um indivíduo essencialmente associado ao ambiente rural, interiorano do município, que também preserva um grau maior de bilingüismo em português e italiano. Portanto, em termos concretos, nosso ponto de inquérito se desmembra no núcleo urbano Caxias do Sul e em uma comunidade rural, distrito de Vila Seca.⁷⁷

Com uma população de 349.581 habitantes (IBGE, 2000), distribuídos numa área de 1.588,4 km², Caxias do Sul constitui-se num dos principais pólos industriais do Rio Grande do Sul.

Situada cerca de 120 km da capital, Porto Alegre, Caxias do Sul localiza-se entre o norte e o leste do estado do Rio Grande do Sul, na chamada Encosta Superior do Nordeste. Limita-se, ao norte, com São Marcos, Flores da Cunha, Vacaria e Campestre da Serra; ao sul, com Nova Petrópolis e Alto Feliz; a leste, com São Francisco de Paula, Canela e Gramado, e, a oeste, com Farroupilha. Como se percebe, apenas três cidades da RCI são limítrofes de Caxias do Sul.

A localidade da zona rural, distrito de Vila Seca, situa-se a 26 km do núcleo urbano de Caxias do Sul. De acordo com o censo de 1996, 1600 indivíduos

⁷⁷ Ver Mapa 5.

constituem a população do distrito, distribuídos numa área de 13.785 ha que correspondem a 11% da área rural do município de Caxias do Sul. Vila Seca limita-se ao norte com São Marcos e Criúva; ao sul, com Fazenda Souza e Represa do Faxinal; a leste, com São Francisco de Paula; e, a oeste, com Ana Rech.

Caxias do Sul é também a cidade natal do Radicci e de seu criador, Carlos Henrique Iotti. A história da cidade inicia em 1876, quando é fundada a Colônia Fundos de Nova Palmira. Em 1877, essa colônia passa a chamar-se Colônia Caxias, e sua emancipação da situação colonial ocorre em 1884, quando é designada 5º Distrito de São Sebastião do Caí. Alcança o *status* de município autônomo em 1890, passando a denominar-se Caxias, e, finalmente, em 1910, a sede é elevada à categoria de cidade. É em 1944 que a cidade, finalmente, recebe o nome de Caxias do Sul, para distingui-la de outros dois municípios brasileiros com o mesmo nome.

Mapa 5⁷⁸

⁷⁸ Fonte: Geomaps Editora de Mapas e Guias Ltda., 1995 (adaptação).

Caxias do Sul no início do século XX.

Caxias do Sul nos dias atuais.

5.2.2 Demais dimensões de análise dos dados

Adicionalmente à dimensão espacial, fixaram-se mais quatro dimensões verticais de análise. Em primeiro lugar, a dimensão diageracional envolveu dois grupos etários: a geração I (GI), atingindo falantes de 18 a 30 anos, e a geração II (GII), com falantes a partir de 50 anos. Por que trabalhar especificamente essas faixas etárias? Conforme apontado anteriormente, a campanha de nacionalização iniciada pelo Estado Novo, na década de 30, suscitou sentimentos de medo e resignação por parte de imigrantes italianos (e de outras nacionalidades também), que se viram obrigados a abandonar sua língua de imigrantes em favor do uso exclusivo da língua portuguesa. Esse período de repressão, como sabemos, sedimentou o estigma que cercou a fala e a cultura do colono da RCI, mais acentuadamente, até meados da década de 70. A partir do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, o movimento de retorno às raízes deflagrado na RCI, promoveu, nestas três últimas décadas, a valorização dos pioneiros dessa região e de seus descendentes. É de se supor, então, que pessoas nascidas neste período, estejam mais inclinadas a sentir orgulho de sua descendência de imigrantes italianos, diferentemente daquelas da geração II.

O contraste campo-cidade, periferia-centro, dado pelos parâmetros rural-urbano, levanta adicionalmente a questão do outro, no contato lingüístico. Ao pretender, nos objetivos primordiais, investigar o papel da identidade no uso da fala dialetal, bem como a noção do *colono*, representado pelo Radicci, também pareceu ser sintomática, em termos de tendências do comportamento lingüístico, a noção de ítalo-brasileiro e não-descendente (não-ítalo-brasileiro) em contato na área de estudos. Assim, convencionou-se como dimensão diagrupal⁷⁹ a que envolve a origem étnica dos informantes, os quais, portanto, foram distribuídos em dois grupos: o grupo dos descendentes de imigrantes italianos⁸⁰ e o dos não-descendentes de italianos, preferentemente de descendência lusa. Vale ressaltar que, inicialmente, cogitava-se captar esses contrastes em termos da dimensão

⁷⁹ Termo cunhado por nós para designar grupos sociais de diferentes descendências.

⁸⁰ Poderá ser informante também a pessoa que apresentar somente descendência italiana paterna ou materna.

dialingual, como investigada no ADDU, porém, tendo em vista os objetivos de nossa pesquisa, optamos pelo parâmetro descendente/não-descendente.

A dimensão diassexual foi incluída na definição dos informantes, levando em consideração a importância tanto da visão masculina quanto da visão feminina a respeito do Radicci. Esse personagem, que configura o tipo machista, com hábitos higiênicos bastante discutíveis, vive ao lado da mulher Genoveva, que lê Rose Marie Muraro e Marta Suplicy. Como se percebe, temos aqui duas figuras que dividem o mesmo espaço físico, porém não compartilham da mesma visão de mundo. Esse processo, sem dúvida, merece o olhar inquiridor tanto do mundo masculino, quanto do feminino.

Por fim, a visão do outro aparece ainda investigada por meio da dimensão diarreferencial, estudada seletivamente através de comentários metalingüísticos de um grupo de informantes sobre o outro grupo. Na verdade, esta dimensão contempla os objetivos centrais de nosso estudo que dizem respeito, essencialmente, a atitudes em relação a sua fala e à fala do outro.

Na matriz de definição dos informantes excluiu-se a dimensão diastrática. Quando iniciamos a investigação, percebemos a dificuldade em encontrar o mesmo número de informantes com escolaridade alta e baixa, tanto no meio urbano, quanto no rural. Optamos, então, por registrar a escolaridade da pessoa inquirida, sem que esse aspecto fosse pré-requisito para ser ou não um informante. Esse parâmetro poderá aparecer na análise dos dados de maneira informal, não seguindo nenhum critério estabelecido *a priori*.

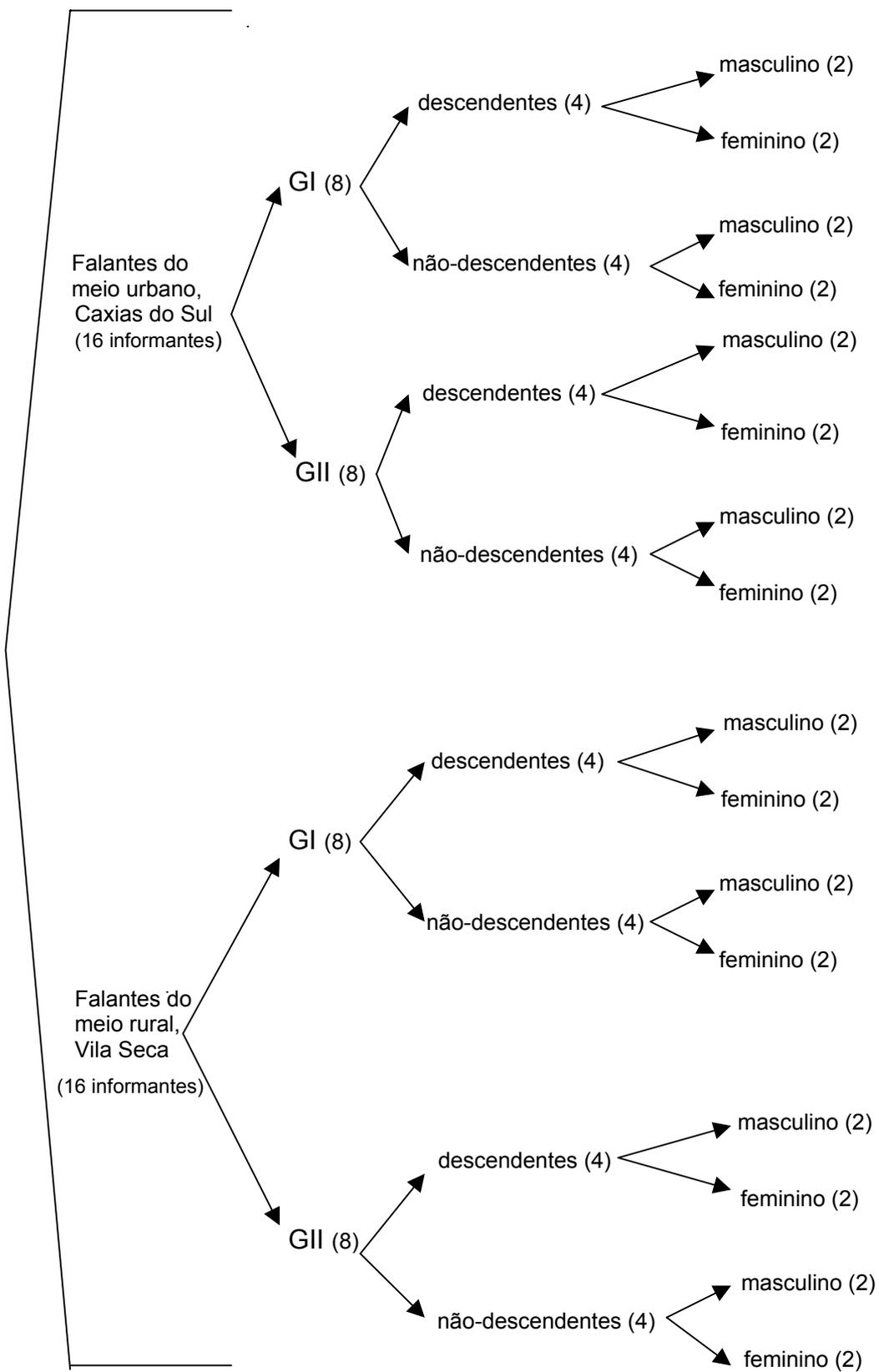
Quadro 5⁸¹

Dimensão	Parâmetros
Diatópica	Falante do meio urbano (Murb) de Caxias do Sul (nascido na cidade ou com 3/4 da vida morando na cidade).
	Falante do meio rural (Mrur) de Vila Seca.
Diageracional	Geração I (GI) = 18 a 30 anos.
	Geração II (GII) = acima de 50 anos.
Diagrupal	Descendentes de imigrantes italianos (D) (parcial ou totalmente).
	Não-descendentes (nD) (preferencialmente Lusos).
Diassexual	Falante do sexo masculino (M).
	Falante do sexo feminino (F).
Diarreferencial	Estudada seletivamente através de comentários metalingüísticos (aquilo que um grupo de informantes fala do outro).

5.3 Definição dos informantes da pesquisa

A pluridimensionalidade estabelecida acima resultou em um conjunto de 32 informantes, 16 do meio urbano e 16 do meio rural, distribuídos em um número mínimo de dois informantes para cada parâmetro, segundo a seguinte matriz de definição dos informantes da pesquisa:

⁸¹ Quadro das dimensões de análise da pesquisa.

Quadro 6⁸²

⁸² Matriz de definição dos informantes da pesquisa.

Como se vê, a partir do quadro 6, acima, a representatividade dos dados coletados cresce da direita para a esquerda, considerando a quantidade de informantes entrevistados, que vai aumentando progressivamente. Fica também perceptível o efeito multiplicador da pluridimensionalidade no sentido de duplicar, triplicar ou mesmo quaduplicar a quantidade de entrevistas, a ponto de pôr em risco a exequibilidade do projeto. Se isso é verdade e deve ser devidamente avaliado e delimitado pelo pesquisador, também é verdade que garante um poder de explanação maior à análise posterior dos dados.

5.4 Realização das entrevistas

Em geral, a pesquisa de campo envolve dificuldades naturais no que se refere ao acesso aos informantes. Vale, por isso, aproveitar a experiência de pesquisas similares e buscar, a partir dessa observação, o que mais se ajuste à própria pesquisa. Labov (1978) sugere como uma das estratégias que facilitam o acesso do pesquisador a uma comunidade lingüística, contatar indivíduo(s) que se disponibilize(m) a auxiliar no estabelecimento de novos contatos. Tal engloba, principalmente, pessoas ligadas a instituições sociais, como a igreja e a escola, que, além de conhecerem um grande número de indivíduos, também gozam do respeito e credibilidade dos mesmos, o que facilita grandemente o trabalho.

No meio urbano, contribuiu para a pesquisa o fato de a pesquisadora ser nascida em Caxias do Sul, o que facilitou a reunião de informantes para as entrevistas. Além disso, o meio universitário, onde desempenha a função de professora, proporcionou o acesso mais fácil a informantes potenciais entre alunos e colegas professores.

O contato com a comunidade do meio rural não se efetuou tão rapidamente; a primeira comunidade contatada teve contra si o fato de as pessoas não acompanharem o trabalho do cartunista Iotti e não conhecerem suficientemente o Radicci, não podendo, por isso, ser informantes. Houve uma segunda comunidade com a qual se procurou estabelecer contato, porém a pessoa que se propôs promover o encontro inicial com as demais pessoas da localidade, ao final não concretizou esse intento. Assim, só foi possível começar o trabalho de coleta de dados na comunidade rural, quando estabelecemos contato com uma aluna do

Curso de Letras, da Universidade de Caxias do Sul, onde a pesquisadora atua como professora de Língua Portuguesa. Na sua localidade, que veio, então, a ser Vila Seca, a aluna integra um grupo de canto italiano, além de fazer parte da equipe de liturgia da Igreja local, o que a torna uma pessoa muito aceita e respeitada pela comunidade. Além de concordar em ser informante da pesquisa, a aluna prontificou-se a sensibilizar as demais pessoas de sua família a participarem da pesquisa, bem como outros indivíduos da comunidade, residentes em Vila Seca, zona rural de Caxias do Sul. Isso minimizou o efeito de estranhamento que a pesquisadora teria provocado, uma vez que foi apresentada não como tal, mas como amiga/conhecida da aluna, membro da comunidade. Visitamos várias famílias diferentes, durante quatro fins-de-semana sucessivos, momento em que tanto os informantes quanto a pesquisadora podiam dispor de tempo para as entrevistas.

Inicialmente, foi explicado a cada informante que ele estaria participando de uma pesquisa em nível de pós-graduação sobre o Radicci, personagem do cartunista caxiense Carlos Henrique Iotti. Essa informação foi necessária ao entrevistado, pois, como já frisamos, se ele não conhecesse o personagem Radicci, não poderia ser informante. Não se falou sobre as questões sociolinguísticas que envolvem o estudo, pois isso poderia inibir o entrevistado e afetar a sua naturalidade.

A pesquisadora utilizou para entrevistas um questionário que funcionou como roteiro de perguntas para obtenção de dados comparáveis.⁸³ Durante a conversa, foi possível preencher por escrito apenas os itens de assinalar; as questões com resposta livre foram preenchidas posteriormente, a partir das gravações em áudio, facilitando a transcrição dessas respostas para a análise final. Esse procedimento garantiu o controle detalhado da entrevista de cada informante, conferindo, com isso, maior confiabilidade aos dados coletados.

⁸³ Para a elaboração do questionário, serviram de ajuda questionários prévios como o de Göz Kaufmann, para o estudo de atitudes linguísticas, na fronteira entre Brasil e Uruguai.

5.5 Instrumento de coleta dos dados

O instrumento de coleta de dados básico (ver Anexo 1) utilizado para os objetivos deste estudo segue uma ordem de perguntas tal que permitiu a informalidade de uma conversa livre, sem prejuízo da comparabilidade e quantificação dos dados para a análise posterior.

Para evidenciar as questões que se pretende discutir na análise dos dados, o instrumento de coleta de dados foi dividido em seções, as quais serão apresentadas a seguir, acompanhadas de um breve comentário. Iniciando pelos dados de identificação que dão o perfil sociolinguístico do informante entrevistado, temos o seguinte:

A INFLUÊNCIA DO RADICCI NO CONTATO ITALIANO-PORTUGUÊS DA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL
Identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilingüismo

(Pesquisa de Campo: Questionário)

Obs.: Na apresentação, a pesquisadora explica que está fazendo uma pesquisa sobre o Radicci e gostaria de ouvir o informante a respeito.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE	
Nome: _____	
Dimensão diatópica:	<input type="checkbox"/> meio urbano <input type="checkbox"/> meio rural
	Bairro: _____ Localidade: _____
Dimensão diassexual:	<input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino
Dimensão diageracional:	<input type="checkbox"/> G II <input type="checkbox"/> G I
Dimensão diagrupal:	<input type="checkbox"/> italiano (pai-mãe) <input type="checkbox"/> italiano (só pai) <input type="checkbox"/> italiano (só mãe) <input type="checkbox"/> não-italiano
Dimensão diastrática:	Escolaridade: _____

(a) Seção I:

I. CONTATO COM O RADICCI

1. Você gosta do Radicci?

sim. Por quê? _____

não. Por quê? _____

2. Você costuma ler o Radicci? não sim. Quanto? _____
 todos os dias às vezes uma vez por semana jornal *Gibizon*
3. Você costuma ouvir o Radicci na rádio? não sim. Quanto? _____
 todos os dias às vezes uma vez por semana
4. Você costuma assistir ao Radicci na TV? não. sim. Quanto? _____
 todos os dias às vezes uma vez por semana

O primeiro bloco da entrevista refere-se ao grau de contato que o entrevistado estabelece com o personagem Radicci, veiculado nos diversos meios de comunicação. Deseja-se saber através de qual veículo de comunicação o personagem consegue maior penetração no público, e com que intensidade isso acontece.

(b) Seção II:

II. BILINGÜISMO DO INFORMANTE

5. Quanto ao italiano, você

- fala entende lê escreve canta
 imita blasfema xinga reza faz contas

No segundo tópico, procura-se verificar as funções internas no uso do italiano pelo informante, a fim de saber qual o grau de bilingüismo do informante. Saber falar, ler, escrever e fazer contas em italiano remetem a um bom domínio da língua; somente entender o italiano, por outro lado, coloca o informante na condição de bilíngüe passivo (Beardsmore, 1986). Os outros itens sugeridos na questão 5 estão atrelados ao ato de imitar ou repetir, sem necessariamente exigir do informante maior entendimento da língua.

(c) Seção III:

III. A FALA DO RADICCI EM RELAÇÃO À FALA DO COLONO DA REGIÃO: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

6. E o Radicci, que tipo de língua ele fala? _____
 Acha legal? _____

Outras opções:

- grosseira bem italiana engraçada humorística errada
 feia bonita outras _____

7. Você pode dar exemplos da fala do Radicci? _____

8. Você conhece pessoas que falam como o Radicci?

- não sim Quem? _____

A terceira seção, ao analisar os aspectos lingüísticos que envolvem a fala do Radicci em relação à fala do colono italiano da RCI, busca verificar o grau de aceitação dessa fala por parte do informante, determinando se os julgamentos envolvidos são positivos ou negativos.

(d) Seção IV:

IV. IDENTIDADE "LINGÜÍSTICA" ENTRE O RADICCI E O COLONO ÍTALO-BRASILEIRO

9. Você acha que a maneira de falar do Radicci e da família dele representa o modo de falar típico dos colonos descendentes de italianos?

- sim Por quê? _____
 não Por quê? _____

10. Como é, para você, o modo de falar do pessoal da colônia? _____

11. E do pessoal da cidade? É diferente? _____

O quarto segmento trabalha com a questão da identidade lingüística estabelecida entre o Radicci e o colono da região descendente de italianos. Que comparações/contrastos o informante estabelece entre as falas das pessoas moradoras da zona rural e as do meio urbano? Há maior valorização de uma ou de outra? Afinal, qual a visão do informante a respeito do português de contato e do bilingüismo italiano-português da região?

(e) Seção V:

V. A INFLUÊNCIA DO RADICCI SOBRE O USO DO ITALIANO

12. Você acha que o personagem Radicci ajuda a valorizar a fala e os costumes do colono italiano? sim não Por quê? _____

13. Você conhece alguma pessoa que, depois de ter lido ou ouvido o Radicci, teve vontade de estudar italiano? sim não

14. E você sente vontade de estudar italiano? sim não Porquê? _____

15. Pensando no modo de falar do Radicci, você acha importante falar italiano?

sim não Por quê? _____

16. E o que acha da pessoa do Radicci? Como o qualifica?

grosso machista interesseiro alegre sério limpo

festeiro organizado trabalhador irônico outro _____

A quinta seção procura verificar a ascendência do personagem Radicci sobre o público: em que medida esse personagem é percebido como “alguém” que sedimenta uma marca positiva do colono italiano, de seus descendentes, de sua fala, de sua cultura, a ponto de estimular os membros da comunidade a estudarem o italiano?

(f) Seção VI:

VI. ENSINO DO ITALIANO: PADRÃO X DIALETO

17. E, na sua opinião, deveria ter ensino de italiano na escola?

sim não Por quê? _____

18. E se fosse ensinado o italiano dialetal? _____

19. O que acha melhor:

alguém que fala português com sotaque como o Radicci, mas não fala italiano

alguém que fala italiano, mas o dialeto

A sexta parte trata da questão do ensino da língua italiana nas escolas da RCI. Na percepção do informante, esse ensino é válido? Deveria ser obrigatório o ensino de italiano ou seria adequado que a comunidade optasse por qual língua os alunos deveriam ter no seu currículo escolar? Deve-se oferecer ao aluno a opção de estudar a variedade dialetal italiana da região, ou apenas a língua *standard* entraria nessa discussão?

(g) Seção VII:

VII. MANUTENÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO DO ITALIANO

No caso de G II

20. Fez questão de passar o italiano para os filhos?

sim não Por quê? _____

No caso de G I:

21. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?

sim não Por quê? _____

O bloco VII reúne duas questões relevantes para uma análise mais precisa do processo de manutenção ou da substituição do italiano pelo português.

(h) Seção VIII:

VIII. INTERAÇÃO COM O RADICCI: CONVERSA LIVRE

22. Poderia ler uma historinha do Radicci pra gente? (Conversa livre). _____

A última seção equivale ao momento em que a pesquisadora solicita ao informante que leia alguma história do Radicci, estabelecendo, a partir daí, condições para uma conversa livre e espontânea, que permita ao informante dizer tudo que pensa desse personagem, o que ele representa, juntamente com os outros personagens da família Radicci, quais aspectos sociais, culturais, humanos estão presentes nessas histórias, enfim, abrindo um espaço para referência a aspectos que talvez tenham fugido à percepção da pesquisadora.

É importante ressaltar que o questionário apresentado se volta às questões centrais da pesquisa, quais sejam, investigar as atitudes lingüísticas em relação à fala do Radicci no contato italiano-português na região de Caxias do Sul, a identidade lingüística entre o Radicci e o colono ítalo-brasileiro, bem como o possível impacto do Radicci sobre a manutenção do bilingüismo nessa região.

CAPÍTULO 6

6 A RELAÇÃO ENTRE O RADICCI E O COLONO ITALIANO

6.1 Contato com o Radicci

Ao analisar a relação entre o Radicci e o colono ítalo-brasileiro, a primeira questão que se impõe é a relativa ao grau de aceitação do personagem de Iotti entre os informantes da pesquisa. As respostas à pergunta se estes gostavam ou não do Radicci, mostram uma positiva recepção do personagem, pois, de um universo de 32 informantes, apenas três disseram não gostar do personagem. Destes, um é do meio rural, e dois são do meio urbano, todos da GII, sendo um do sexo feminino e não-descendente, e os outros dois, homens descendentes de italianos. Poder-se-ia, diante disso, cogitar de uma certa tendência de os homens da geração mais velha e descendentes de italianos serem mais resistentes ao Radicci, verem com mais negatividade o personagem, pois tanto o meio urbano quanto o meio rural estão aqui representados. O que levaria esses informantes a não gostarem do Radicci? Entre as causas levantadas para tal, a blasfêmia e a linguagem grosseira que este usa, principalmente na rádio, são as mais apontadas; no jornal, consideram-na aceitável. De qualquer forma, é incontestável o alto índice de aceitabilidade do Radicci.

Depoimentos de jovens do meio urbano enfatizam que o Radicci é um personagem típico da região, inspirado “em nosso povo”. Ele vivencia situações do dia-a-dia “de um jeito engraçado, irônico”(FDGIurb). Outra informante descendente da GI afirma com respeito ao autor: “Gosto dele porque, além de ser cartunista, eu acho que ele retrata muito bem a origem dele [...] ele retrata perfeitamente o estilo de vida do que é o italiano na nossa região”. Entre os informantes da GII, descendentes, também evidenciaram-se comentários sobre a questão cultural que o personagem retrata, principalmente em relação à linguagem com sotaque típico da região. Além disso, ressalta-se o humor do personagem, como comentou um

informante descendente da GII: “Ele é gozador, brincalhão e é doente pelo Caxias,⁸⁴ por isso eu gosto dele.” Entre os não-descendentes do meio urbano, os comentários ressaltaram a questão cultural da região que o Radicci caracteriza, além de salientarem que ele faz isso com muito humor. Um informante da GI diz: “... ele mistura um pouco do rural com o urbano, na verdade, ele é a mostra daquele italiano que mora em Caxias do Sul [mas que também mora na colônia] ...é a mistura do urbano com o interior, o jeito dele falar um pouco português, um pouco gringo.” Outro comenta: “Gosto dele porque ele defende muito a cultura de Caxias [...] ele atinge a camada social desde a mais simples até a pessoa mais rica com as suas piadas, com seu dialeto, digamos, grosseiro, de certa forma, mas que consegue fazer todos rir.” Para uma informante da GII, “... como o Radicci não tem outro, é o melhor; outros quiseram imitar, mas não tem...”.

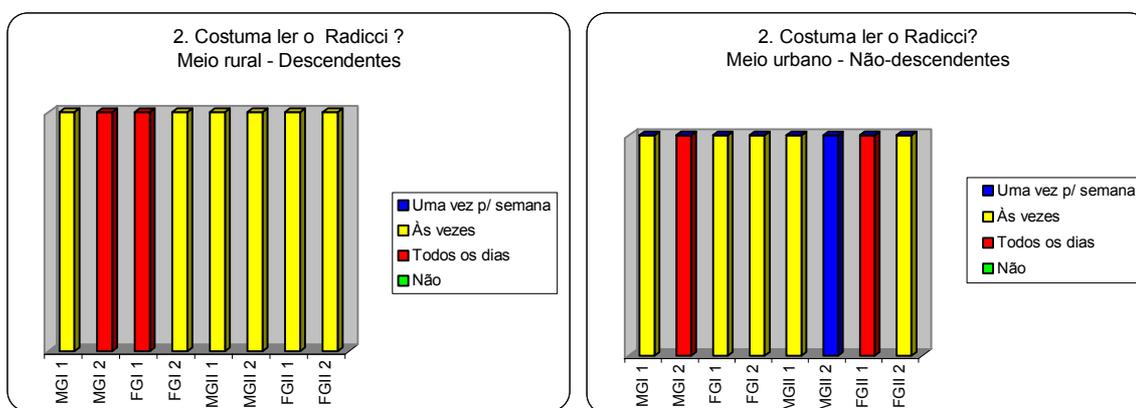
No meio rural, os jovens enfatizam que gostam do Radicci pelo seu humor e também pelo resgate da cultura regional que se evidencia através dele. Um informante descendente do grupo jovem diz: “Gosto, porque, de uma maneira humorística, ele mostra a cultura de Caxias, de vários lugares italianos da região”. Também as duas informantes descendentes destacam o humor do Radicci como algo aprazível, entretanto enfatizam não gostar dos palavrões e blasfêmias usadas pelo personagem. Isso suscita um questionamento: o personagem atingiria o mesmo efeito humorístico típico da região se ele não fizesse uso dos palavrões e da blasfêmia? Um jovem não-descendente enfatiza: “Gosto, porque ele é identificado com a região...” Outro diz: “Gosto, porque ele é brincalhão, as piadas que ele faz, é legal.” No grupo de informantes da GII, descendentes, uma informante chama a atenção pela sua observação em relação à fala do Radicci: “Eu adoro ele pelas fala diferente, porque elas se tornam um pouco diferente da minha, mas eu adoro, ele é engraçado, faz as pessoas se alegrar, é muito bom ouvir ele”. Também em relação à fala do personagem, outra informante comenta: “Ele fala mais ou menos que nem nós falamos”. Outro informante desse grupo considera que o Radicci foi “a única pessoa aqui que conseguiu entrar no esquema de reviver nossas tradições e o nosso sistema de falar, sistema de tudo do italiano que veio pra cá... [...] ...ele se dispôs a ser uma pessoa que, embora criticado, que eu sei que tem quem critique, ele se dispôs a trabalhar em cima do nosso lado.”

⁸⁴ S.E.R. Caxias, um dos times de futebol de Caxias do Sul, grande adversário de outro time da cidade, o Juventude.

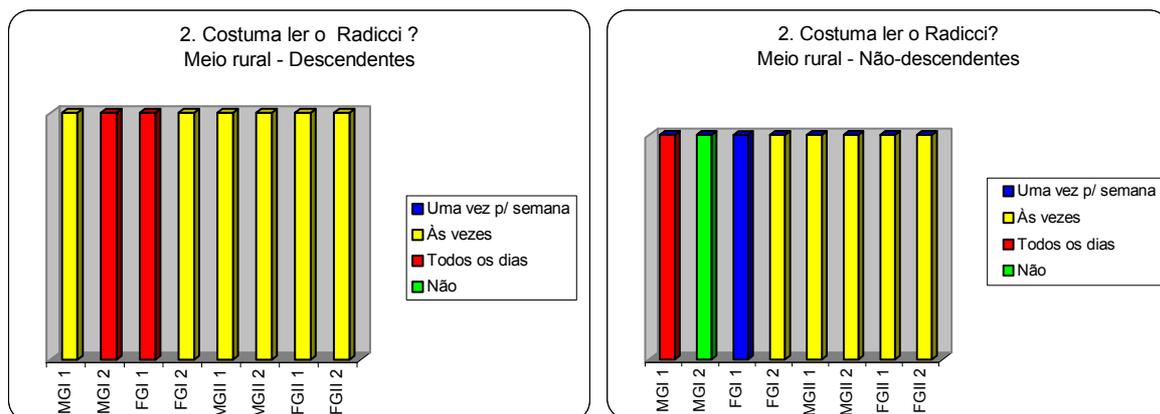
Entre os informantes da GII, não-descendentes, um informante destaca que gosta do Radicci porque ele é “uma pessoa que tá colocando coisas boas... [...] ... afinal eu não sou italiano, mas eu gosto de ler as piadas dele, tudo que ele faz...”. Outro informante desse grupo diz que admira a simplicidade do personagem, “com uma linguagem de colono da região italiana.” Enfatiza que deveria ter mais gente como o Radicci nas rádios de Caxias do Sul. Enfatiza, ainda, que “nessas rádio de Caxias devia ter um italiano pra dialogar mais um pouco, pro povo ficar mais dentro da cultura e da língua italiana, que a língua italiana não tem quem não gostaria de aprender, todo mundo gostaria de aprender.” Como se percebe, a “linguagem” do Radicci foi bastante destacada pelos informantes, como fonte de humor e identificação com os traços próprios da cultura da região, o que nos leva a supor que o significado maior da fala do personagem reside na forma como ele a usa, aspecto que provoca o efeito de humor que tanto cativa as pessoas.

No tocante aos meios de contato com o Radicci, os dados mostram ser a leitura o mais difundido, sobretudo através do jornal.

No meio urbano, sete pessoas lêem o *Gibizon*, possivelmente por ser maior a difusão em bancas de revistas, livrarias, facilitando o acesso, enquanto, no meio rural, apenas dois informantes dizem ter lido o *Gibizon*. Assim, a frequência de leitura incide sobre o jornal, pois, mesmo no meio rural, é possível as pessoas disporem de assinaturas, possibilitando, mais facilmente, o acesso a esse tipo de canal de comunicação.

Gráficos 1⁸⁵

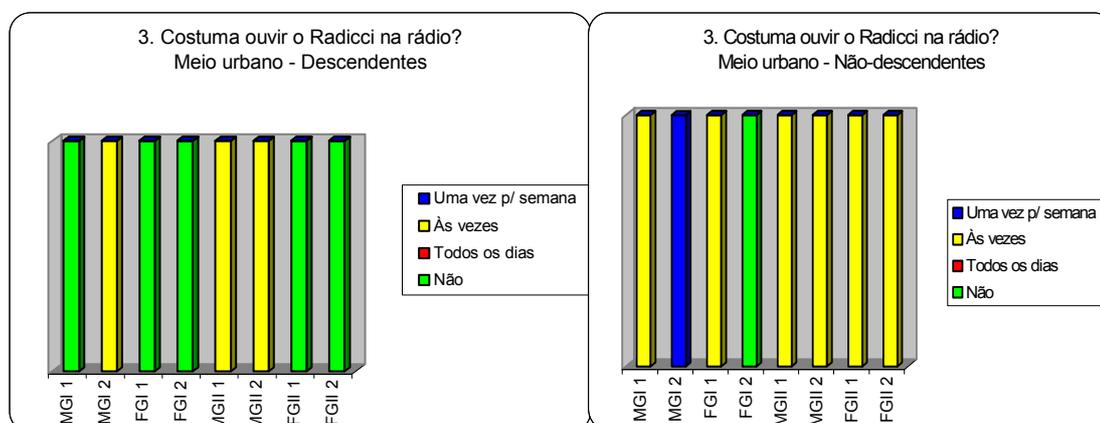
⁸⁵ A diatopia e a dimensão diagrupal constarão no título dos gráficos. Cada informante será identificado mediante os parâmetros masculino (M)/feminino (F), geração I (GI)/geração II (GII), informante (1)/informante (2), em cada conjunto de gráficos.

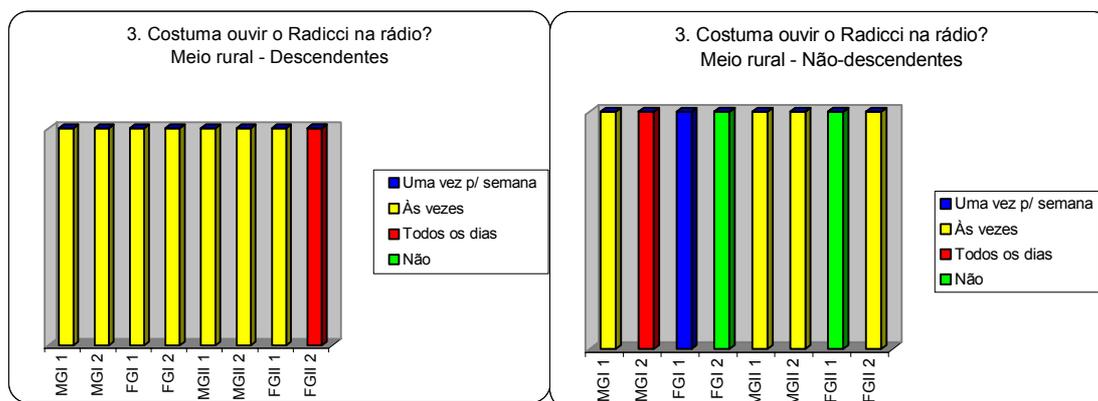


A totalidade de informantes do meio urbano e quinze do meio rural lêem o Radicci, prevalecendo a incidência "às vezes". Quanto a ler o Radicci "todos os dias", houve seis informantes que apontaram essa opção, sendo três do meio urbano, e três do meio rural, tanto pessoas descendentes como não-descendentes, tanto da GI, quanto da GII, e, também, homens e mulheres apontaram essa opção. Chamou a atenção que no meio rural somente pessoas da GI disseram ler o Radicci todos os dias. Então, o que se percebe aqui é que a dimensão diageracional foi um diferencial em relação à incidência de maior leitura; as demais dimensões não ofereceram esse diferencial. Uma informante jovem, descendente, do meio rural diz: "... o Radicci no jornal eu leio sempre... [...] ... eu olho a capa, a contracapa e já o Radicci, sempre..."

Também a audição do Radicci na rádio tem boa receptividade, principalmente no meio rural, onde alcança 87,5% (14) dos informantes, índice superior ao do meio urbano, 62,5%, equivalente a 10 informantes.

Gráficos 2





No meio rural, a totalidade de audiência recaiu sobre os descendentes de italianos; entre os não-descendentes, há uma maior incidência entre os homens. Já no meio urbano, o grupo dos não-descendentes é o que atingiu a quase unanimidade na audiência; no grupo dos descendentes de italianos, a unanimidade de não-audiência recaiu sobre as quatro mulheres (GI e GII), que disseram não ouvir o Radicci na rádio. Neste caso, as dimensões diagrupal e dissexual parecem mostrar-se mais relevantes para a questão da audição do Radicci na rádio. O que mais foi enfatizado pelos informantes, no geral, é que não se preocupam em marcar horário para ouvir o Radicci, que isso ocorre espontaneamente. Assim, justifica-se a quase unanimidade da resposta “às vezes” a essa pergunta.

A frequência com que os informantes assistem ao Radicci na televisão não é significativa. Entre as razões aventadas para isso, no meio urbano, citou-se a falta de hábito para assistir ao programa do Canal 15, da UCS, *Primo Piatto*, onde aparece o lotti com a charge do dia. No meio rural, há dificuldade de acesso ao Canal 15, pois este só é viabilizado pela TV por assinatura, o que ainda não se encontra disponível na região onde foi realizada a pesquisa.

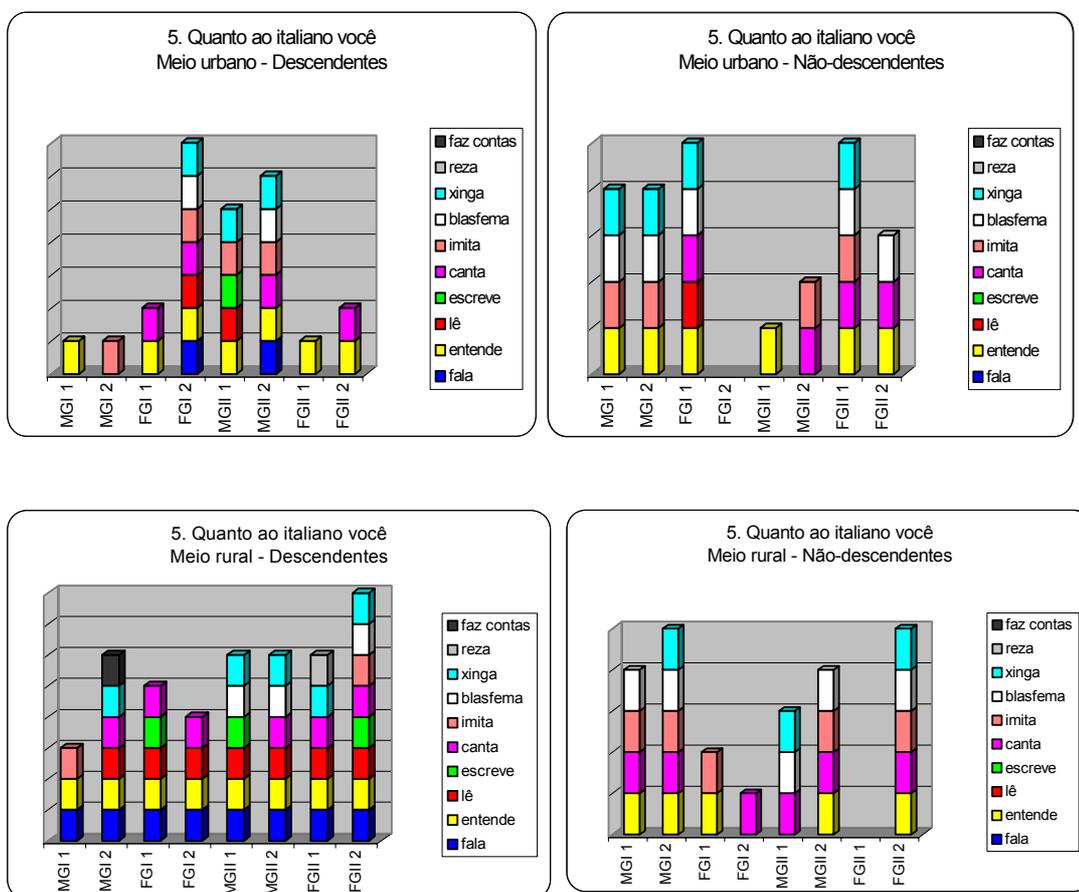
Em suma, a recepção e o contato com o Radicci apresentaram, de um modo geral, uma atitude bastante positiva por parte dos informantes. Os dados mostram, além disso, mesmo de forma sutil, que os jovens lêem mais que os mais velhos. Evidentemente, pode haver outras razões que não a questão diageracional, como, por exemplo, a escolaridade, que, no entanto, não foi investigada. Contrastando o canal de recepção do Radicci, percebe-se que o rádio apresenta um índice de penetração maior no meio rural; a leitura evidencia-se

mais no meio urbano, embora com uma diferença pequena em relação ao outro meio.

6.2 Bilingüismo do informante

Ao analisarmos as funções internas da língua dos informantes, ocorre-nos questionar que tipo de bilingüismo predomina no meio rural e no urbano. A resposta a esta questão remete-nos ao conceito mesmo de bilingüismo, que, lembrando Titone (1993), se configura como um conceito relativo. Como tal, não se torna tão importante definir se determinado indivíduo é bilíngüe ou não, mas em que medida é bilíngüe: se apenas fala, fala e escreve, só entende, não fala, nem entende, mas imita, enfim, qual seu grau de bilingüismo.

Gráficos 3



Mesmo que a variedade dialetal do italiano tenha sua existência justificada essencialmente na oralidade, chama a atenção terem ocorrido respostas indicando que o informante lê e escreve sua língua minoritária. Todos os descendentes das duas gerações, do meio rural, entendem e falam a variedade dialetal do italiano. Além disso, dos oito informantes descendentes, sete dizem que lêem essa variedade, três a escrevem, confirmando, ainda mais, um grau de bilingüismo elevado. Também se constatou que seis indivíduos desse meio cantam na variedade do italiano. Em relação às funções de xingar e blasfemar, percebe-se que esta última é usada pelos informantes com menos freqüência do que a função “xingar”, que é apontada pela totalidade dos informantes da GII. Já dos oito informantes não-descendentes, cinco entendem a variedade do italiano, entretanto não falam, não lêem, nem escrevem essa variedade, caracterizando um estado de bilingüismo passivo. Ainda nesse grupo, seis informantes cantam, cinco imitam o italiano, cinco blasfemam, e três xingam, numa clara alusão ao estereótipo do outro, talvez por pensarem que, assim, estejam se adaptando aos costumes do local e assimilando a cultura dos descendentes de italianos. Entretanto, os dados mostram que os próprios descendentes não blasfemam tanto. Fica evidente que entre os informantes do sexo masculino registram-se mais ocorrências de “blasfêmia” do que entre as mulheres, no grupo dos descendentes de italianos e, mais acentuadamente, no grupo de não-descendentes. Esta diferença traduz a relevância da dimensão diassexual.

No meio urbano, sete entre os oito informantes descendentes de italianos dizem entender a variedade dialetal da língua de imigrantes. Apenas uma informante da GI e um informante da GII disseram que falam essa variedade. No grupo de não-descendentes, seis informantes entendem a variedade dialetal do italiano, e nenhuma fala. Assim, apesar de haver, curiosamente, dois informantes do grupo de descendentes e um do grupo de não-descendentes que lêem essa variedade dialetal, podemos dizer que predomina, no meio urbano, o bilingüismo passivo. Chamou a atenção que os informantes masculinos da GI, tanto descendentes quanto não-descendentes, não cantam na variedade dialetal do italiano, diferentemente dos outros informantes, que indicam essa habilidade. O diferencial, aqui, repousa, claramente, na dimensão diageracional. A dimensão diassexual parece apontar diferenças na função “imita”, pois o grupo feminino da GII, descendente, e o feminino GI, não-descendente, não indicam essa função.

Todos os demais grupos, com maior ou menor incidência, disseram imitar a variedade dialetal do italiano. Dois informantes do grupo de descendentes e cinco do grupo de não-descendentes blasfemam; três pessoas descendentes xingam na variedade dialetal do italiano, e quatro do grupo de não-descendentes. Mais uma vez, percebe-se a maior incidência dessas habilidades entre os não-descendentes. Isso nos leva à consideração anterior, ou seja, que esse comportamento, possivelmente, remete ao estereótipo que os não-descendentes fazem da fala dos ítalo-brasileiros.

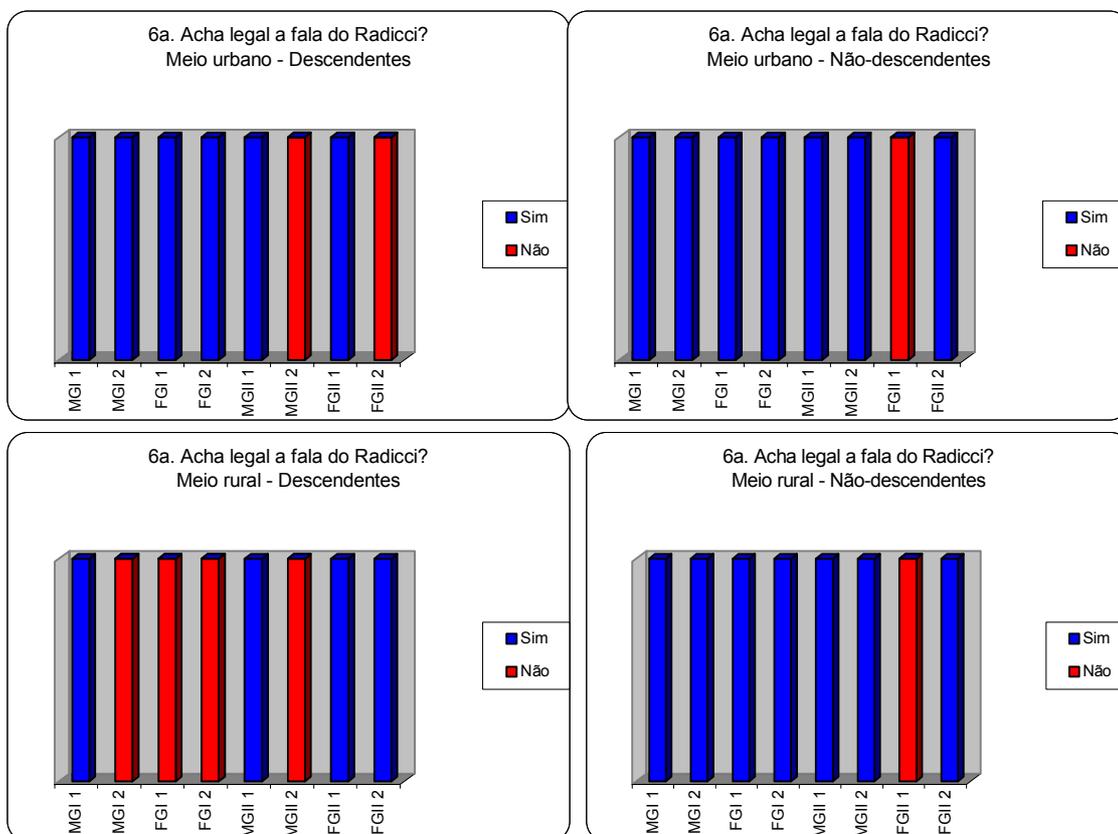
Em resumo, podemos dizer que, no meio rural, o grupo de descendentes italianos apresenta um bilingüismo societal relativamente estável, enquanto o grupo dos informantes não-descendentes de italianos se caracteriza por um bilingüismo passivo, ou seja, apenas “entende” a variedade dos imigrantes. Assim, a diferença essencial está na dimensão diagrupal. Já no meio urbano, o bilingüismo passivo se estende tanto aos descendentes quanto aos não-descendentes, não havendo diferença diagrupal nos dados e sim apenas a diferença diaatópica em relação ao grupo de descendentes do meio rural. Por outro lado, a dimensão diassexual é responsável pelo diferencial que se observa no uso da “blasfêmia”, que, no meio rural, parece ocorrer com maior probabilidade entre os homens. O mesmo não é observado no meio urbano, pois os informantes que blasfemam se distribuem em diversas dimensões. Entretanto, o que se verificou, tanto no meio urbano quanto no rural, é que os não-descendentes blasfemam mais que os descendentes, revelando diferenças na dimensão diagrupal. Por fim, chama a atenção que 50% dos informantes do meio urbano e 75% (12) dos informantes do meio rural afirmam “cantar” na variedade dialetal italiana, revelando uma influência significativa da música italiana sobre os ítalo-brasileiros da RCI. Essa manifestação estaria vinculada às festas e ao turismo? Ou, de alguma forma, os informantes estariam reafirmando aquilo que Manfroi (1975) diz a respeito dos primeiros imigrantes, de que eram pessoas que cantavam por qualquer motivo e em qualquer lugar?

6.3 A fala do Radicci em relação à fala do colono italiano: aspectos lingüísticos

As perguntas da seção 6.3 do questionário buscavam inquirir aspectos da dimensão diarreferencial, uma vez que o foco principal da análise foi verificar a reação dos informantes à fala do Radicci e as atitudes que perpassam o comportamento lingüístico desses informantes. Quando questionados sobre o tipo de língua que o Radicci fala, os informantes do meio urbano, quase na sua totalidade, responderam que ele fala uma mistura de dialeto com português. Alguns observam a presença do *sotacon*, enfatizando, principalmente, a substituição de /ãw/ por /on/ e vice versa, e de /r/ por /rr/ e vice-versa. Apenas um informante da GII, não-descendente, diz que o personagem fala um “dialeto puro” da RCI. Dois informantes da GI, não-descendentes, acham que o Radicci fala “não um dialeto correto como dos antepassados da Itália, mas é uma maneira que o povo entende, mesmo quem não é italiano”. Também dizem que é um dialeto misturado com uma forma mais “escrachada” de falar. Outro jovem, descendente, diz que o personagem fala um “português com sotaque vêneto”.

Os informantes do meio rural, descendentes de italianos, em sua maioria, são da opinião de que o Radicci fala uma mistura de dialeto italiano com português, com uma tendência maior para o português; apenas uma informante da GII acha que ele fala um tipo de dialeto. Outra informante comenta que é “um dialeto todo atrapalhado”, revelando uma percepção da língua do personagem que não corresponde ao dialeto conhecido, que ela e outras pessoas da região falam. No grupo dos não-descendentes, três informantes da GI identificam a fala do Radicci com o dialeto da região. A quarta informante desse grupo, entretanto, diz: “Ah! É um português com italiano, acho que não chega a ser bem um italiano, acho que é mais uma mistura, porque se ele escrevesse o italiano, as pessoas que não são italianas, não poderiam ler, né? É uma mistura de italiano com português brasileiro, ele tem um sotaque...”. Um informante da GII, não-descendente, associa a fala do Radicci ao humor e diz que é “bonita” e que “ele [o Radicci] se torna um cara humorista, deveria ter mais cara humorístico... pra fazer o povo ficar mais alegre, mais contente; eu acho bonito, eu acho importante o Radicci”.

Gráficos 4



Como se observa nos gráficos acima, treze dos dezesseis informantes do meio urbano acham legal a fala do Radicci. Os três informantes que avaliaram negativamente essa fala são da GII, e dois são do sexo feminino. Além disso, pode-se verificar que dois informantes – um do sexo feminino e outro do masculino – são descendentes de italianos. O diferencial, aqui, foi marcado pelas dimensões diageracional, diassexual e diagrupal. O informante do sexo masculino não acha “legal” pelo fato de que a fala do Radicci poderia ser mais próxima do italiano usual, pois, assim, seria mais difundida. Uma das informantes caracteriza essa fala como grosseira. Uma outra informante afirma que, para fins de comunicação, essa fala “não tem futuro, pois não tem uma utilidade prática como língua”, reconhecendo, no entanto, ser interessante como registro dos valores da região, e como divertimento.

De qualquer forma, o percentual de 81,2% de atributos positivos parece-nos bastante significativo. Um informante jovem, descendente, comenta: “Acho legal a fala do Radicci porque é o povo da região, o povo daqui fala assim, então é uma

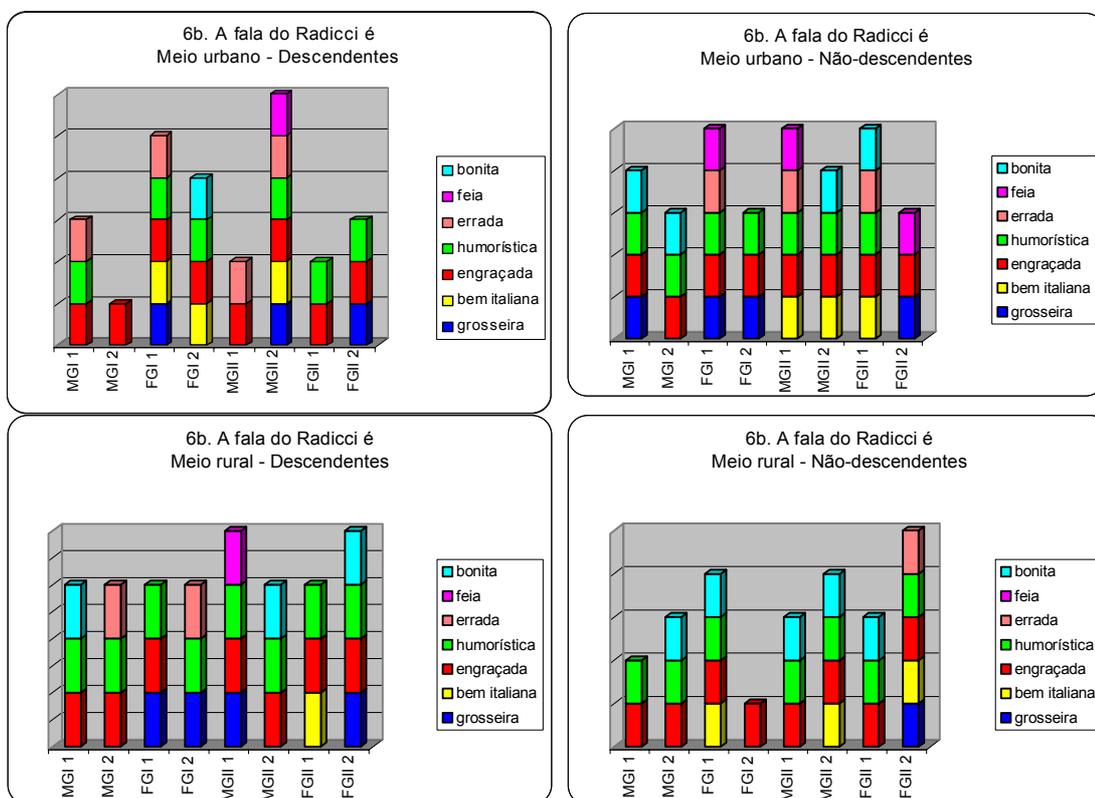
coisa que não dá pra colocá ele falando certinho, assim, sem sotaque, porque aí não vai ser um imigrante, né”. Uma jovem complementa: “Acho interessante, envolve bastante as pessoas; é difícil quem não conheça o Radicci, que, escutando a voz, não lembre o Radicci, acho interessante”. Esses dois depoimentos enfatizam a questão da representatividade do Radicci em relação ao grupo étnico ítalo-brasileiro da RCI.

Já no meio rural, a aceitação foi menor, evidenciando-se o índice negativo entre os descendentes de italianos. As duas informantes da GI não acham legal a fala do Radicci, criticando, essencialmente, os palavrões e as blasfêmias, opinião de que também compartilha um informante masculino da GI. Outro informante masculino, da GII, pensa que essa fala não contribui para a aprendizagem do italiano. As opiniões negativas recorrentes nesse grupo marcam, portanto, a dimensão diagrupal. Cabe registrar que as quatro pessoas que assim se manifestaram pertencem à mesma família. Isso nos leva a conjecturar se a questão religiosa poderia estar atrelada a essas respostas. Ou, o tratamento respeitoso que se percebe entre os membros dessa família poderia estar determinando essa visão da fala do Radicci? Ou, ainda, a atitude negativa estaria direcionada ao conjunto da fala do Radicci ou a alguns traços em particular? Vale lembrar que esses informantes, no início da entrevista, disseram gostar do Radicci, entretanto salientaram que ele diz palavrões e blasfêmias, o que não achavam “legal”. Em contrapartida, um dos informantes da GII, que considera “legal” a fala do personagem, salienta a grande importância do Radicci para a valorização do italiano, pois, segundo ele, se não fosse por esse personagem, o italiano estaria fadado a desaparecer. O mesmo informante, ainda, compara: “Tu não ouve um vereador na rádio falando isso, um radialista, é muito difícil. Estar na Rádio Gaúcha e na Atlântida é muito restrito, pelos italianos daqui precisa mais...”. Ao final, conclui que até mesmo patrocínio seria interessante pleitear, caso necessário, para assegurar a continuidade do personagem.

No grupo dos informantes não-descendentes do meio rural, a aceitação foi praticamente unânime. Apenas uma informante da GII não acha “legal” a fala do Radicci, pois, acredita ela, o personagem deveria falar só português. Ela associa o Radicci às pessoas da colônia e diz: “... às vezes, estão falando, a gente não sabe nem o que estão falando, de repente tão falando da gente, e a gente não sabe, até mesmo o Radicci.” O interessante é que essa informante, quando questionada se

gostava do Radicci, respondeu positivamente e justificou, dizendo que ele “é muito engraçado”.

Gráficos 5



Tanto no meio urbano, quanto no meio rural, houve, praticamente, unanimidade em caracterizar a fala do Radicci como “engraçada” e “humorística”. O fato de o dialeto estar associado ao humor nos faz levantar uma dúvida: estaria essa caracterização atrelada à língua propriamente dita, ou ao conteúdo que é veiculado através dela? Também é interessante observar o índice bastante expressivo, no meio urbano, das características [língua] “feia” e “errada”, o que nos parece contra-senso, se compararmos esse índice com a grande incidência, entre os informantes urbanos, da característica [fala] “engraçada”. Das sete ocorrências para “errada”, quatro foram apontadas por informantes do sexo masculino de ambos os grupos, com maior incidência no grupo dos descendentes. Os parâmetros homem/mulher e descendente/não-descendente mostraram, portanto, maior variação de respostas.

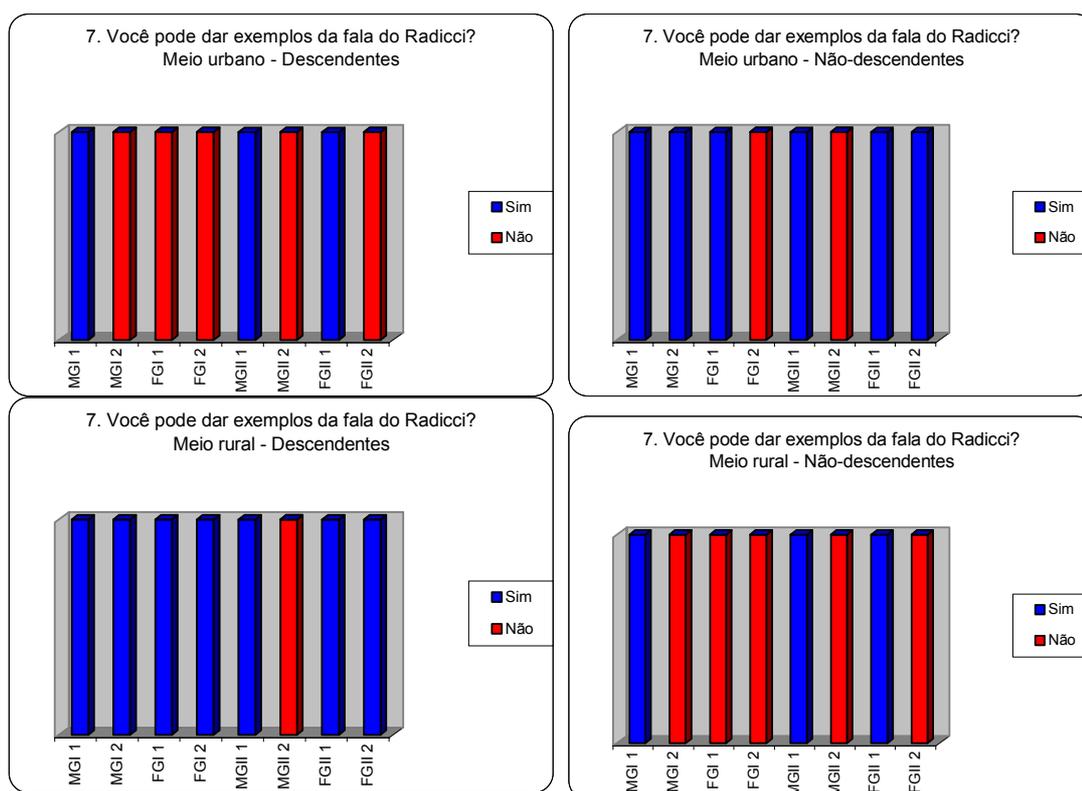
No caso da característica de fala “grosseira”, observa-se que essa opção apresenta maior índice de ocorrências entre informantes do sexo feminino, tanto

do meio urbano, quanto do rural, prevalecendo o grupo de informantes descendentes.

Os informantes do meio rural parecem perceber, com maior clareza, que a língua do Radicci não é “bem italiana”, pois apenas um informante descendente de italianos e três não-descendentes apontaram essa característica. Já no meio urbano, essa característica atingiu um índice mais elevado, devido ao fato de não estarem, talvez, tão familiarizados com a variedade dialetal do italiano.

Quanto aos exemplos da fala do Radicci coletadas através da pergunta 7 do questionário, aparecem com maior frequência entre os não-descendentes do meio urbano e os descendentes do meio rural (v. Gráficos 6).

Gráficos 6



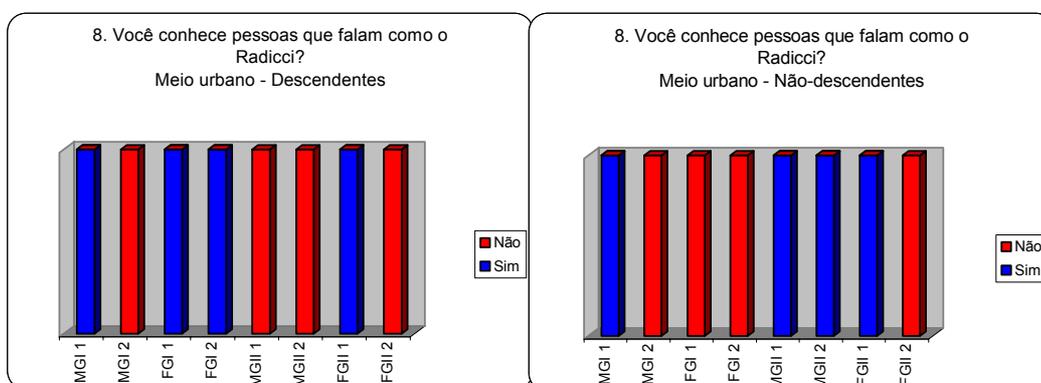
No meio urbano, os exemplos mais reiterados foram: “Porco can!”, “Porco zio!”, “Porca pipa!”⁸⁶, “Cramegna!”, “Tutti taliani bona gente, ma tutti ladri!”, “Ma non me vai no fundo!” No meio rural, além das expressões já mencionadas, também

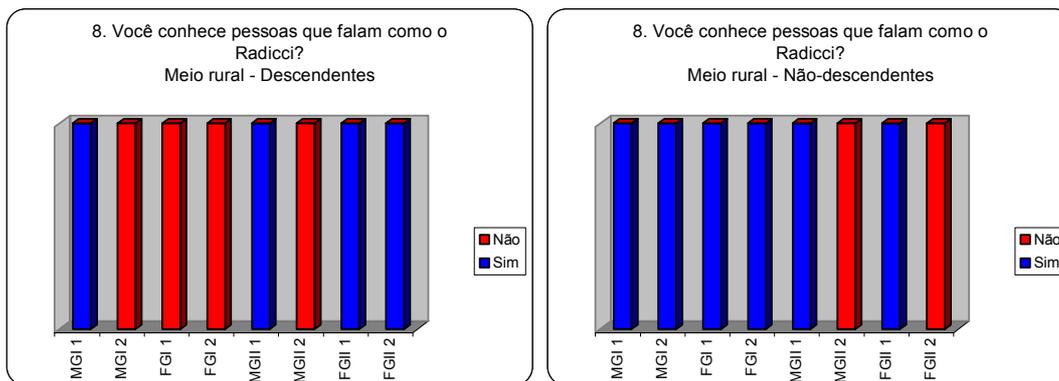
⁸⁶ Essas três expressões são também reiteradas no meio rural.

foram citadas: “O Chicon lá!...”, “Alô, gurrizaada!”, “Porco ziuna, como è que la vá?” Dois exemplos foram reiterados entre os descendentes, tanto da GI quanto da GII e também usados por um informante da GI, não-descendente: “Qua comando mi!” e “Casa mia comando mi!” É muito interessante observar essa ocorrência, pois essas expressões não são correntes na fala do Radicci, mas são correntes na fala do descendente de italianos do meio rural. Essa associação é muito significativa, se pensarmos que o informante reflete no personagem uma representação mental da fala do colono ítalo-brasileiro com o qual esse personagem é identificado. Já o informante não-descendente parece priorizar os estereótipos com que justamente identifica o descendente de imigrantes italianos do meio rural.

É curioso notar que os descendentes do meio urbano tenham se omitido mais em dar exemplos, pois somente três dos oito informantes se manifestaram, citando algumas expressões. Na verdade, o quadro observado no meio rural era, até certo ponto, esperado, entretanto o resultado encontrado no meio urbano pareceu-nos surpreendente, se levamos em conta que, dentro das probabilidades, os descendentes teriam mais conhecimento sobre essa fala. Poderia ocultar-se aqui uma atitude de preconceito? Já que o personagem é pretensamente considerado um símbolo do colono italiano da RCI, poderia, muito sutilmente, estar sendo dito: “Se eu não sei dar um exemplo da fala é porque eu não sou como o Radicci, não é?” Percebe-se, neste item, a relevância das dimensões diatópica e diagrupal na atitude dos informantes em relação à pergunta.

Gráfico 7





As respostas à pergunta 8 vêm complementar as características citadas quanto à identificação da fala do Radicci com a fala do colono italiano da região. O meio rural reconhece mais os elementos próprios da cultura italiana. Entretanto, é interessante observar que os informantes não-descendentes do meio rural se sobressaem, em especial os da GI, que, unanimemente, disseram conhecer pessoas que falam como o Radicci. Depoimentos desses informantes atestam esse reconhecimento: “Conheço, conheço, meu primo tem o tipo do Radicci, ele tem o jeito, sim.” “Normalmente nas empresas a gente percebe isso, e como a gente tem esse contato com a região aqui, tu encontra pessoas bem semelhantes a ele, não iguais, semelhantes. Radicci é um tipo criado.” “Ah! Aqui por perto tem geralmente as pessoas assim que falam aquele, falam brasileiro mas com sotaque italiano, bem à Radicci, sabe, é troca mesmo.” Um informante não-descendente, da GII, diz: “Aqui tem muitos, se tu for falar com eles, tu vai ver que é muita imitação dele...” Ainda no meio rural, uma informante da GI, descendente, diz: “Imitar sim, mas no dia-a-dia, não. Um primo do meu marido imita, faz por esporte, mas falar, não.” Um informante descendente, da GII, diz que o subprefeito de uma localidade vizinha “é o Radicci. Ele tem até barriga como o Radicci. É igual, igual, igual, não muda; ele é o Radicci pra nós. Imagina se fosse um personagem, mas é um personagem de nossa realidade.” Ele diz, ainda, que essa pessoa sabe que as outras o vêem como o Radicci, e ele gosta.

No meio urbano, 50% dos informantes dizem conhecer pessoas que falam como o Radicci. Depoimentos de informantes descendentes da GI deste meio associam a fala do Radicci explicitamente à fala do “interior” e de pessoas de mais idade: “Até indo pro interior tu encontra bastante...” (MGID). “No estilo dele, eu acho que sim, no interior, existe ainda gente que fala o estilo dele...” (MGID). “A

gente encontra mais no interior ou pessoas de mais idade, tipo nono, nona, essas pessoas falam mais” (FGID). Já um informante descendente, da GII, acha que há pessoas que somente imitam o Radicci. Ele diz: “Conheço pessoas que falam italiano, mas como o Radicci, não, porque ele é um personagem, ele gosta de brincar, imitar as pessoas...” Um informante da GI, não-descendente, diz que estudou num seminário de Fazenda Souza, e lá, alguns colegas diziam: “ingreja, arreia, o caro, me alçança o pon, um pedaço de quezo.” Dos não-descendentes da GII, entre os quais ocorreu grande incidência de respostas positivas, destacamos depoimentos, como: “De certa forma, o Radicci pegou de diversas manifestações e formou uma maneira de ele se expressar. Normalmente, a pessoa usa uma palavra em português, outra em italiano, e ele procura usar esse dialeto”. “Conheço uma senhora que fala como eu imagino que a Genoveva deva falar... se o lotti for lá, ele se inspira nela”. “Bastante gente, inclusive o meu marido. Tem um que é parente do meu marido que é o retrato físico e no modo de falar do Radicci. Ele é cômico. O lotti só imita as pessoas; ele nem cria, ele só olha, ouve e reproduz.” Em relação aos dois meios, a dimensão diatópica, então, marcou o diferencial que registra mais respostas positivas no meio rural do que no urbano. Ainda, no meio rural, as dimensões diagrupal e diageracional se sobressaem, marcando o diferencial das respostas dos informantes.

Retomando os dados observados nesta seção, podemos deduzir que há maior preconceito em relação à fala do Radicci entre os informantes do meio urbano, os quais consideram essa fala, em maior número do que no meio rural, como negativa e, conseqüentemente, em menor número, “bonita”. Pelo índice de ocorrências das opções “feia”, “errada” e “grosseira” observado no meio urbano, talvez pudéssemos pensar que isso se deve ao distanciamento do homem citadino das questões próprias do ambiente colonial. Ele pode estar julgando a fala do Radicci e, talvez, a do homem rural, pelo viés do estereótipo, reproduzindo, desta forma, não sabemos se consciente ou inconscientemente, o estigma que, por muito tempo, cercou as questões da colonização italiana na região. Também não podemos esquecer que o meio urbano apresenta a característica de reproduzir, de forma mais acentuada, níveis de estratificação. Assim, observando as respostas dos informantes sob esse ângulo, talvez possamos inferir que eles sejam mais suscetíveis ao estereótipo, não se identificando com a mesma força do homem rural com as tradições italianas, dado o distanciamento já mencionado.

Uma comparação desses resultados com as respostas à pergunta 1, quando os informantes urbanos afirmaram, quase unanimemente, gostarem do Radicci, levanta uma contradição própria das atitudes lingüísticas. Parece reforçar-se o indício de que os informantes que optaram por caracterizações negativas a respeito da fala do personagem, estariam reproduzindo um estereótipo. Dito de outro modo, eles poderiam estar manifestando a atitude de repetir, meramente, a opinião vigente, sem a reflexão de um lingüista, por exemplo.

Por outro lado, não podemos esquecer que o Radicci veicula-se como um *cartum*, e, como tal, tem função humorística. Deste modo, gostar do Radicci pode estar atrelado a esse aspecto e não àquilo que ele pode representar referentemente à caricatura do homem da colônia. Vale lembrar também que, para alguns, o personagem, às vezes, “passa dos limites”, principalmente, em programas radiofônicos, quando evidencia sua grosseria, o que já não acontece na produção escrita. Em pesquisa futura, seria muito produtivo, e mesmo necessário, que a inquiridora buscasse provocar o informante em respostas a questões desse gênero, para observar a sua reação e alcançar maior completude nos resultados dos dados.

Os poucos informantes do meio rural que caracterizaram de forma negativa a fala do Radicci, tiveram sua ocorrência marcada entre os descendentes de italianos jovens, o que é bastante instigante, se pensarmos que os informantes da pesquisa da GI nasceram em meados da década de setenta ou início de oitenta, época em que foram deflagradas, na RCI, manifestações de resgate das raízes da imigração e colonização italianas. Isso significa afirmar que pessoas nascidas nesse período, ou logo após, tenderiam a não estigmatizar manifestações relativas ao colono italiano da região, uma vez que não teriam vivenciado, de forma contundente, o preconceito em relação à cultura da colonização italiana. Ainda assim, pela maior caracterização positiva da fala do Radicci no meio rural, outra conjectura surge: poderia o homem da colônia, efetivamente, ter-se sentido mais valorizado, à medida que os mais variados setores da sociedade da RCI se empenharam em prol do reconhecimento da cultura italiana da região? E mais: um personagem como o Radicci, por suas características caricaturais do colono italiano, contribui, de fato, para estimular esse sentimento de valorização do meio rural? Ou ainda: o Radicci poderia ser uma espécie de amparo institucional, ou seja, de instituição cultural para o homem da colônia, o qual se reforçaria na figura

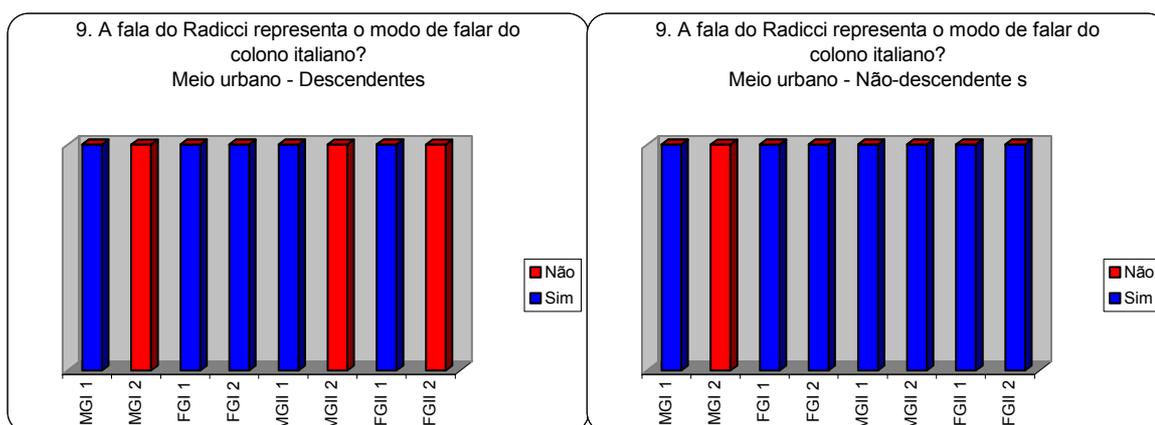
do personagem? Parece que uma evidência disso encontra-se no fato de esses informantes usarem expressões correntes no seu meio para citar exemplos da fala do Radicci.

Na verdade, os dados mostram uma tendência mais favorável ao Radicci, no meio rural, talvez por haver maior identificação com o personagem, o que, de alguma forma, nos leva a conjecturar que, nesse meio, o preconceito lingüístico não esteja tão arraigado quanto no ambiente urbano.

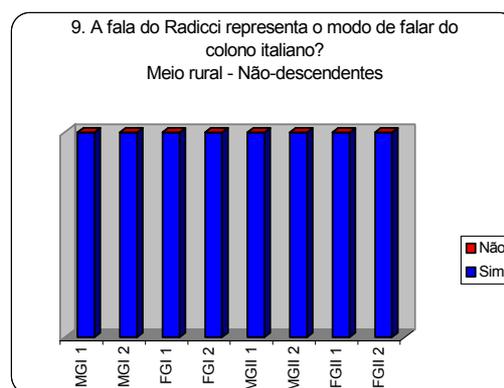
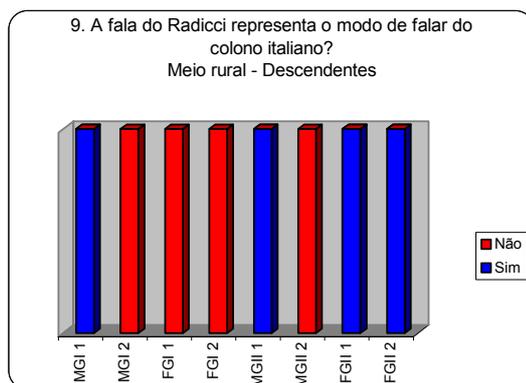
6.4 Identidade “lingüística” entre o Radicci e o colono ítalo-brasileiro

Na pergunta 9 do questionário, nos debruçamos sobre a questão da identidade entre o Radicci e o colono descendente de italianos. Ao analisarmos os gráficos 8, percebemos uma diferença significativa na dimensão diagrupal, na medida em que são, predominantemente, os não-descendentes, com 100% de ocorrências positivas, no meio rural, e 87,5%⁸⁷, no meio urbano, o grupo que mais identifica a fala do Radicci como típica do colono italiano, contrariamente aos descendentes, que apresentam um índice maior de discordância.

Gráficos 8



⁸⁷ Apenas um informante não-descendente do meio urbano respondeu “não” para a questão.



Como explicar, em termos de identidade, que o próprio descendente de italianos, que nós supúnhamos iria identificar-se com o Radicci, não o faz? Esse comportamento traduziria o desejo dos descendentes de não se reconhecerem na figura do Radicci, e, ao invés disso, fugir do estereótipo da imagem do colono, já que, em outros momentos, o índice de aceitação do Radicci por parte dos informantes descendentes se mostrou muito expressivo?⁸⁸ Como interpretar esse desvio? Para tanto, recorreremos à análise qualitativa de alguns depoimentos de informantes descendentes, do meio rural, como: “Ah! Eu acho que o típico não, eu acho que o típico assim... [...] ...acho que ele usa uma forma quase muito grosseira, não é assim... [...] ...talvez antigamente fosse assim, mas eu acho que não, não é tanto, né, também” (FDGI). “Eu acho que não, eu me baseio assim, mais pela minha família, os meus familiares, avós, tios, não, não se encaixa, não se encaixa, não representaria; nos costumes, não estou muito a par dele, mas na fala, não, eles até não são tão grosseiros no modo de tratar” (FDGI). “Não, não. Eu acho isso aí que seria uma coisa ainda de tempos passados, quando a gente tinha até vergonha de abrir a boca, assim, né, que tinha medo de errar, falar, as coisas, mais ou menos assim” (MDGII). A ênfase recai sobre a forma “grosseira” de o personagem se expressar, o que, segundo esses informantes, não representaria a maneira atual de as pessoas do seu meio se expressarem. Entretanto comentam que esse comportamento talvez fosse observável “antigamente”, “em tempos passados”. Tudo parece indicar que não é o que o personagem diz que chama a atenção desses informantes, mas a forma como ele o faz.

⁸⁸ Ver seção 6.1

No meio urbano, dois depoimentos enfatizam o aspecto caricatural do personagem: “Aí é que está, não é exatamente, não retrata exatamente; tá levando pro lado do humor, não tá retratando exatamente o que é, não é bem assim. É uma caricatura” (MDGI). “Representa, mas parcialmente, porque o que se verifica é uma caricatura, é o exagero de alguns traços de modo que isso se torne cômico” (FDGII). Outra informante descendente, da GII, observa: “...eu acho que tem um percentual muito mais elevado de português na fala do Radicci do que tinha nos descendentes de italiano ou que eventualmente eles usam no dia-a-dia; a fala do Radicci é mais aportuguesada do que a dos falantes.”

Por outro lado, depoimentos de informantes do meio urbano, da GI, atestam o seu reconhecimento de que o modo de falar do Radicci é representativo do modo de falar do colono ítalo-brasileiro da RCI: “Bastante, bastante. O sotaque é bem puxado pro vêneto, então errar o *r* é bem isso, é bem italiano.” “Acredito que sim, mais na colônia; eu acho que é o jeito deles... [...] ... eles falam um pouco dialeto, um pouco eles falam português, um pouco eles misturam o italiano, eu acho que é isso aí que de repente eu associo com o Radicci.” “Sem sombra de dúvida, com certeza é, porque eu acho assim que ele tem uma visão exatamente como é, ele retrata... [...] ...uma coisa bem característica, bem típica, e aborda assim pai, mãe, filho, nono, tia, ele faz uma abordagem da família inteira.” Entre os da GII, do meio urbano, houve comentários como: “É imitação dos italianos, só que aquele modo mais grosseiro. A Genoveva pega a *mêscola*, dá na cabeça do Radicci, tudo isso aí representa um italiano que toma vinho, que não toma banho, isso aí é o lema do Radicci.” É interessante observar que, na visão desse informante, o modo mais “grosseiro” é justamente o que pode representar “um italiano”. Esse mesmo enfoque transparece no depoimento de um informante jovem, não-descendente, do meio urbano:

“... tu vê que o Radicci é um cara querido, mas ele é grosso, ao mesmo tempo ele trata a mulher grosseiramente, ele é aquele cara italianão, aquele cara que é durão, cara grosso mesmo, né, ele vai pra praia, ele fica olhando pras mulheres, não toma banho, então ele representa, de certa forma, aquilo que a família é. E o próprio Guilhermino, o filho dele, também representa a evolução do filho do italiano que vem pra cidade e quer ser o magrão, quer agitar no meio do convívio da sociedade, e tal, e isso transparece, acho que tem muito a ver.”

Outros depoimentos, colhidos entre os informantes não-descendentes, da GI, de alguma forma enfatizam a representatividade do colono italiano através do

Radicci: “Ah! Eu imagino como foi a luta dos italianos, dos mais velhos, quando eles vieram pra cá, no nosso caso aqui, do Rio Grande do Sul, eu acho que era assim mesmo, eu vejo o Radicci como um verdadeiro italiano que viria pra cá desbravar as terras, claro, de uma forma humorística, mas eu acho que é bem italiano.” Uma informante não-descendente, da GII, corrobora essa visão: “Eles trouxeram, são suas raízes. Pra não falar só o italiano, eles misturam, porque eles têm que falar com as outras pessoas, que muitos não entendem a língua. Então eles misturam, fica um sotaque, e vira nisso, uma mexida, um Radicci, assim.”

Como se percebe, a dimensão diatópica, nesta questão, não justifica a incidência de respostas afirmativas. O que efetivamente merece destaque é a dimensão diagrupal, pois a identificação da fala do Radicci com a do colono é mais evidenciada no grupo de não-descendentes de ambos os meios.

Quando questionados sobre o que pensavam a respeito do modo de falar dos habitantes da colônia, os informantes descendentes, da GI, do meio urbano, revelaram uma atitude bastante positiva em relação à fala do “ítalo-brasileiro” da colônia. Os depoimentos permitem essa observação: “Português com sotaque, então, não é uma coisa feia, mas tu ouvindo o pessoal falar, tu já sabe a descendência dele.” “Normal. Pela influência que a gente teve, ficou assim, então tá, é isso aí que a gente tem e pronto”. “É interessante, é diferente, eles têm costumes diferentes, não só o jeito de falar, mas tudo é diferente...” “Eu respeito muito... [...] ... acho que hoje as pessoas até fazem gozações desse tipo de fala, uma coisa até que restringe muito as pessoas, mas eu, de forma alguma, acho que isso não deveria ser feito, eu não faria isso em hipótese alguma.” Os informantes da GII, também descendentes, reiteram a visão positiva a respeito dessa fala: “As pessoas da colônia já falam um italiano normal das pessoas...” “Acho que eles são muito comunicativos e eles conseguem expressar realmente o que eles pensam e sentem, eles conseguem se expressar muito bem, eu vejo as pessoas da colônia assim com uma capacidade de expressão muito grande, independente da forma lingüística que eles usam, mas eles se expressam, eles se fazem valer, eles se fazem ouvir, dão as suas opiniões, dão os seus recados com muita clareza, todo o pessoal de colônia que eu conheci, sempre foi assim, de dizer muito claramente, sem meias palavras, sem rodeios, independente de falar em dialeto ou de falar aportuguesado.” “... me parece que eles usam uma mistura da linguagem que eles herdaram com palavras, estruturas do mundo em que eles estão vivendo. E eu

tenho a impressão que isso ocorre exatamente na questão do vocabulário, porque o mundo em que eles viviam era bastante limitado e hoje eles tiveram que incorporar uma série de palavras que não existiam na língua aquela que eles herdaram.”

Entre os informantes não-descendentes do meio urbano, constata-se uma tendência a achar o modo de falar do “pessoal da colônia” natural, e, mesmo aqueles que iniciam seu comentário dizendo que essa fala não deixa de estar errada, consideram que, na medida em que a pessoa realiza a intenção de comunicação, desaparece a possibilidade de se classificar essa fala como errada. Depoimentos de informantes da GI confirmam: “É um modo mais puro, mais singelo, sem muitas gírias, é um modo mais natural”. “... de certa forma, é errado como a pessoa da colônia fala, mas, se eu estou entendendo, então, não deixa de ser uma coisa certa; até porque é um sotaque deles, é um sotaque como se estivesse um americano aqui no Brasil, hoje, ele falaria enrolado também; assim como nós temos diversos sotaques, como o carioca... [...] ...eu acho que é mais uma divisão de um sotaque, na verdade, uma característica do povo que tem essa característica de ser imigrantes italianos, mais um sotaque da língua brasileira.” “Ah! É o costume deles, tem que respeitar, é a sua maneira de falar, estão acostumados, é natural.” Esses depoimentos, de alguma forma, demonstram a sensibilização da geração jovem para a questão discutida por Bagno (2000:15-17) sobre o preconceito lingüístico no Brasil. Um dos mitos que o autor discute é o de pensar-se que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta unidade. Ele afirma que

“Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] É claro que eles [os brasileiros *sem língua*] também falam português, uma variedade de português não-padrão, com uma gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por todos os falantes de português-padrão, ou mesmo daqueles que, não falando o português padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua.”

Outro depoimento enfatiza as variações lingüísticas da região: “Olha, eu imagino que tem se modernizado muito, acredita-se que, quando os imigrantes vieram pra cá, eles falavam bem mais italiano, agora eu acho que já é uma

mistura, tem gente que ainda continua falando dialeto, mas já mistura muitas palavras brasileiras, portuguesas.”

Os informantes da GII, do meio urbano, observam mais ou menos os mesmos aspectos: “É uma maneira de expressão do pessoal, que vai se alterando conforme a cultura; é algo que veio com eles de berço, e foi a maneira que eles aprenderam pra se expressar. Natural.” “Acho que é natural, porque entre eles, eles falam assim, eles vivem assim... [...] ... mesmo quem estuda, viaja e teria a oportunidade de mudar, não o faz; eles são autênticos, são como são; eles viajam, têm estudo, o parreiral deles é o mais moderno, usam computador, mas fazem questão de ficar debaixo do parreiral e manter a sua fala e costumes. Por aí eu comecei a respeitar essas pessoas, pois eles não têm necessidade e não acham que precisam mudar. São italianos, são colonos e são autênticos.”

No meio rural, entre os informantes descendentes de italianos, foi possível perceber um autêntico apreço pela fala típica do colono italiano, e o desejo e a preocupação que essa fala seja respeitada, valorizada e preservada para o futuro. Vários depoimentos demonstram isso: “Eu gosto, eu acho que deveria ser cultivado, porque, daqui há algum tempo, eu acho que não vai mais ter ninguém que fale o dialeto, é uma coisa que vai se perdendo, que pro futuro poderia ser bem valorizada, né” (MGI). “Acho bom pro pessoal daqui, respeitam, tudo, tu pode falar que eles não vão rir da cara, que nem os da cidade talvez riem, né. Lá em Caxias não dá pra falar assim, vão rir da cara...” (MGI). “... se é da colônia, se é agricultor, a gente tem que ser o que é, e as pessoas que são inteligentes sabem respeitar quem é da colônia, quem é da cidade, quem é doutor, quem não é. Então, antigamente, acho que as pessoas tinham receio até de chegar numa loja, porque a gente tem o sotaque do italiano, mas, se eu precisar falar o italiano lá na loja, eu gosto, eu gosto de falar, eu gosto de falar o dialeto...” (FGI). “Eu acho bastante interessante manter essa cultura, apesar de já ter perdido bastante... [...] ... mas se mantendo o pouco que tem ainda, eu acho muito bonito” (FGI). “Pra nós aqui não é estranho, né. Eu sinto pena pelos filhos... [...] Mas eu tô vendo que, se alguém, inclusive na própria sala de aula, não começar a dar uma mexida, dentro de vinte, trinta anos, vamos perder isso aí; como eu tava falando primeiro, quando morre o Radicci, quem vai ficar? Então acho que tem que começar a pensar mais em cima disso aí... [...] ... se tivesse um apoio geral, de toda a população italiana, que valesse a pena continuar, eu seria o primeiro a ajudar a manter o dialeto...”

(MGII). “Eu acho uma fala legal, esclarecida pra nós... [...] ... dá pra entender muito bem as coisas que a gente fala, e é mais fácil de aprender do que o italiano mesmo, o nosso aqui é tranqüilo, tranqüilo, natural” (FGII).

Os informantes não-descendentes do meio rural, de modo geral, manifestam-se de forma positiva a respeito dessa fala: consideram-na uma fala natural, legal, simples e até engraçada, não se pecebendo, nesta última caracterização, nenhuma manifestação depreciativa. Nos depoimentos, um informante da GII diz: “... eu entendo, então, pra mim é natural. Eu achava ruim quando eu não entendia, depois que eu peguei, a gente entende a fala, daí é natural.” Outro informante, também da GII, associa os traços da fala do colono ao tipo humano do italiano da região: “Eu acho simples, de gente simples... [...] ...gente simples que tão tudo bem de vida e são igual à gente, pra eles dinheiro não é o importante, importante é a pessoa, o italiano é isso aqui: ele gosta de ver se é uma pessoa séria, trabalhadora, honesta; o italiano não gosta de ver ladrão, cara sem confiança, o velhaco, ele não gosta desse tipo de gente; o italiano, a senhora sabe, tira a camisa pra lhe servir, mas, agora, se bobear...” Um informante da GI considera que existe preconceito das pessoas da cidade em relação a essa fala. Ele diz: “O pessoal da cidade, eu vejo que tem grandes restrições a isso, talvez um preconceito, eu acredito que sim, no meio que eu tomei contato até hoje, acho que existe um certo preconceito, embora sejam também descendentes de italianos, que, por um motivo ou outro, não cultivam; eles estão morando na cidade há mais tempo, eles rotulam, eu sinto isso. Talvez próximo da Festa da Uva até não ocorre muito, mas eu vejo que no dia-a-dia, no cotidiano, eu sinto que existe”. Apenas um informante, do sexo feminino, da GII, não-descendente, considera a fala do “pessoal da colônia” bem atrapalhada e diz que essas pessoas deveriam ter estudado, que as escolas deveriam dar aula especial a elas, para que pudessem falar mais corretamente; assim, os não-descendentes poderiam entendê-las melhor. Essa informante cita como exemplo os verbos *levar* e *trazer*, os quais são empregados pelos descendentes de italianos, segundo ela, de forma inadequada, por não diferenciarem o sentido dos mesmos, prejudicando o entendimento de quem os ouve.

Quanto ao modo de falar dos falantes da cidade, os informantes do meio urbano da GI, tanto descendentes como não-descendentes, acham essa fala diferente da fala dos ítalo-brasileiros da colônia. Uma informante descendente

afirma, por exemplo, que essa diferença se deve à distância que separa as pessoas da cidade da variedade dialetal falada na colônia. Ela diz ainda que, somente nas raras ocasiões em que a família (avós, tios, primos...) se reúne, é que costuma ouvir os pais falando o dialeto italiano com o nono, com a nona. E complementa: “até por isso que se perdeu, né” (FD).

Outra tendência apontada pelos dados foi a de que as duas linguagens se distinguem pelo modo de vida típico de cada meio: enquanto as pessoas da colônia têm um convívio com a terra, com a natureza, os falantes do meio urbano já estariam mais ligados ao capitalismo, ao comércio. Além disso, a rapidez das mudanças sociais, sendo sensivelmente maiores na cidade, afetariam em maior grau a fala citadina.

Entretanto, como observa outro informante, mesmo no meio urbano, quando um informante apresenta um contato mais intenso com falantes de “dialeto vêneto”, tende a apresentar o sotaque típico dessa fala, quer dizer, “também adquire essa maneira de falar” (MD). Nesse sentido, um informante não-descendente pensa que, em termos de Caxias do Sul, a diferença que se percebe não é tão marcante, em função de que “a gente até usa muito termo italiano.” O que se observa é que, entre os informantes da GI, existe muita consciência das implicações que os meios acarretam sobre a fala das pessoas, razão por que encaram esse fato com bastante naturalidade. De um modo geral, os comentários indicam que há a percepção de falas diferentes, e que, cada uma identifica um grupo social específico, sem que isso reverta em prejuízo da interação desses grupos, ou seja, as atitudes são relativamente positivas.

Segundo reiteram os informantes da GII, do meio urbano, os falantes da cidade estão distanciados da variedade dialetal italiana, pela própria vivência urbana, e isso se reflete no modo de falar dessas pessoas, diferente do modo de falar da colônia. Uma informante (FD) enfatiza que “o que acontece na cidade é que as pessoas, de certa forma, procuram seguir o padrão lingüístico do português, e, na colônia, elas têm mais liberdade de recorrer ao dialeto...” Entre os não-descendentes, a ênfase recaiu sobre considerar a fala urbana diferente da fala dialetal. Esses informantes consideram que até pode aparecer o sotaque da fala dialetal italiana, porém, nas palavras de um informante não-descendente, “tem o sotaque, mas a pessoa procura corrigir e introduzir o português.” Outro informante, do sexo feminino, também não-descendente, pondera que os falantes da cidade

que apresentam sotaque, o fazem por dificuldade de pronunciar, mas também “por falta de se policiar.” Ela acredita que os indivíduos da colônia não podem “ser cobrados” por falarem assim, e sim os da cidade, que teriam “que [se] habituar a falar correto.” O que se percebe, nesses depoimentos, é uma tendência a associar o “sotaque” a alguma coisa errada, ou seja, quando esses informantes ponderam que a fala com sotaque deveria ser corrigida, ou que os falantes da cidade deveriam “falar correto”, aludindo àqueles que falam com sotaque italiano, parece-nos que, implicitamente, está se reforçando o preconceito que existe em torno desse tipo de manifestação lingüística. Por que os falantes da colônia podem ser aceitos com esse sotaque, e os que moram na cidade, não? Para os falantes da colônia essa fala não significa desprestígio, diferentemente do que ocorre entre os falantes da cidade?

Os informantes do meio rural, de modo geral, apontam diferenças entre a sua fala e a do meio urbano. Segundo as duas informantes descendentes, da GI, os falantes originários da colônia (meio rural), mesmo morando há tempo na cidade, continuam com a fala marcada pelas características próprias de sua descendência de imigrantes italianos. Essas informantes admitem, também, que elas próprias falam com sotaque e que isso, no entanto, não as impede de estudarem e trabalharem na cidade. Uma delas enfatiza que, em outra época, até se esforçava por falar “diferente”, mas ficava pior; hoje, “o pessoal da cidade trata bem os italianos, enfim, não tem mais essa coisa assim de ter receio...” Outro informante da GI, descendente, complementa: “É, eles falam certo. Talvez não é tão diferente, né, mas eles falam certo, sem o sotaque do *r*, é uma marca.”

Também os informantes da GII, descendentes, do meio rural, reconhecem que as duas falas se diferenciam, sendo que, na cidade, se falaria mais português, “mais bem como manda no colégio.” E mais: “Eu acho bonito, eu acho bem legal porque estamos no Brasil, então o pessoal procura falar mais brasileiro, mas italiano também não é ruim.” Outro informante acrescenta que “até encontra, na cidade, pessoas que falam com sotaque, porém é raro encontrar alguém que fale dialeto com ele.” O que se verifica nos comentários da GII é a atitude normativa de que, embora o “italiano não seja ruim”, o português ainda representa a forma correta de falar. Chamam a atenção, por fim, os comentários das informantes da GII, manifestando-se positivamente em relação à fala dialetal italiana, ao ponto de defenderem que esse dialeto deve continuar, e que constitui uma fala fácil de

aprender. Será viável supor que, por trás dessa suposta contradição, esteja sendo sugerido que a fala dialetal italiana é boa para as pessoas do meio rural e que o português é “mais correto”, no sentido de mais adequado, para o meio urbano?

No grupo de não-descendentes, conforme já vimos, os informantes reconhecem, quase unanimemente, que os dois tipos de fala se diferenciam entre si. Uma informante da GI pondera que, em Caxias, mesmo os descendentes de italianos falam bem diferente das “pessoas da colônia”, principalmente dos mais idosos, que ainda conservam a fala dialetal. Outra informante da GI lembra que, na cidade, há o contato com falantes de outras cidades, como Porto Alegre, por exemplo, o que contribui para apagar a imagem do colono italiano. Talvez, “por acharem que a fala dele é errada, anulam esse modo de falar”, afirma ela. Outro informante da GI, do sexo masculino, em seu depoimento, aponta uma questão já discutida em outros momentos deste estudo: “...tem uns que tratam de, no momento em que se instruem um pouco mais, acham que têm que esquecer aquilo, e modificam.”

Por que eles teriam que modificar a sua fala? Estaria aqui evidenciada a percepção deste informante de uma situação de preconceito em relação à fala dialetal do italiano? É justo pensar que, aqui, novamente, estaria sendo aventada a questão da instrução como diferenciador na escala social, e, por extensão, do aprendizado da língua portuguesa como símbolo de *status*? A informante da GII, que, na questão anterior, considerou a fala dialetal “atrapalhada”, comenta que a fala do pessoal da cidade é “bem melhor, talvez porque eles estejam falando com outras pessoas, né; aqui na colônia as pessoas conversam muito pouco, vão da casa pro trabalho, pra roça, pro parreiral, principalmente as mulheres.” Ela continua suas ponderações, falando do Radicci, da Genoveva, e diz que esta, com certeza, retrata bem a circunstância da mulher da colônia, que fica “reservada”, mais em casa, pois o homem é que vai para a cidade, quando necessário. E essa falta de contato da mulher da colônia com o meio urbano explicaria uma proficiência menor no português. Esse depoimento, sem dúvida, chama a atenção, se levarmos em conta a imagem que a Genoveva passa para o leitor, que é justamente a da mulher que não se submete, que não aceita facilmente as “trapalhadas” do marido, e também da mulher que procura acompanhar a evolução feminina, lendo, por exemplo, Marta Suplicy, ou candidatando-se a um cargo político. Parece, então, que a percepção sobre a personagem está equivocada.

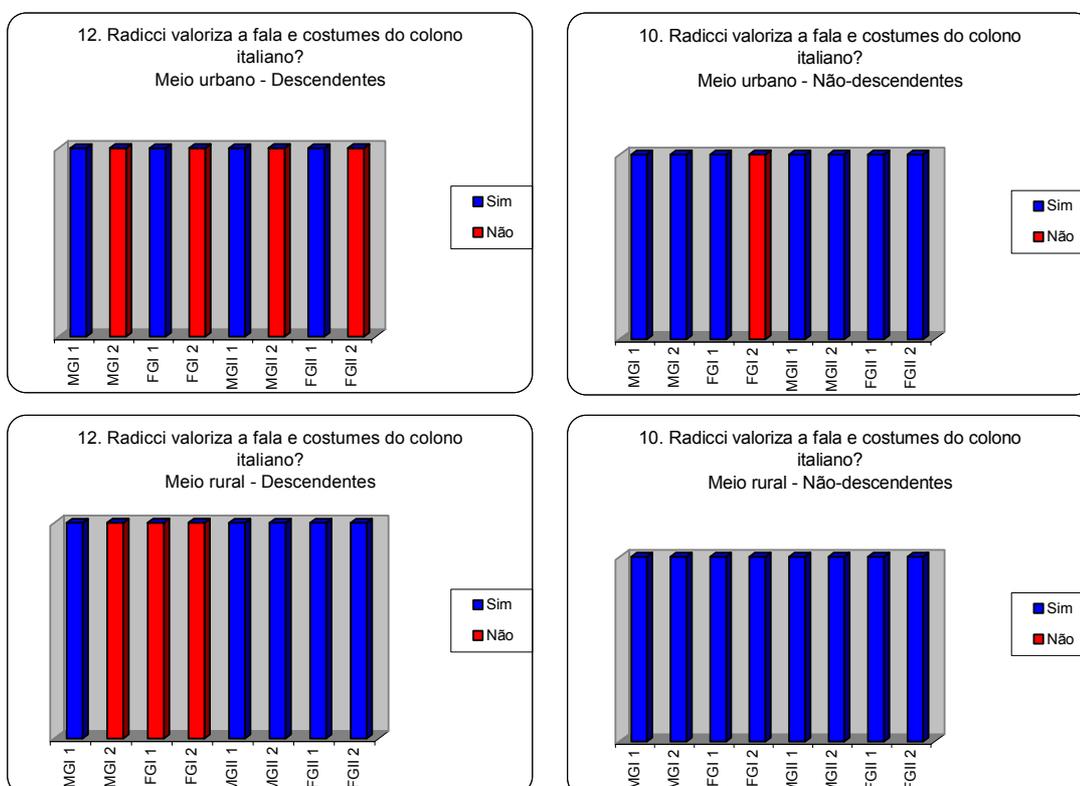
Poderia isso, de alguma forma, enviesar a visão que essa informante tem da mulher da colônia?

Em suma, os informantes do meio rural, não-descendentes, da GII, consideram que a fala da cidade é diferente da fala do interior, porém, apenas uma informante parece ter-se manifestado negativamente em relação a essa fala, pois os demais informantes somente registram essa diferença, sem qualificá-la como melhor ou pior.

6.5 A influência do Radicci sobre o uso do italiano

Enfim chegamos a um dos pontos nevrálgicos de nosso estudo, ou seja, se o Radicci exerce alguma influência sobre o uso do italiano entre os falantes bilíngües que efetivamente mantêm contato com o personagem do cartum.

Gráficos 9



Questionados se o Radicci ajuda a valorizar a fala e os costumes do colono italiano, os informantes alcançaram, no geral, um percentual maior de afirmativas, 68,7% no meio urbano, e 81,3% no meio rural. Mais uma vez, a primeira impressão que se tem é que a dimensão diatópica teria determinado algum diferencial, entretanto é na dimensão diagrupal que vamos encontrar a variação mais significativa. Em ambos os meios, os não-descendentes se mostram os mais convictos dos efeitos positivos do Radicci sobre a valorização da fala e costumes do colono ítalo-brasileiro. Desse grupo, apenas uma informante da GI do meio urbano respondeu “não” a essa questão. Uma informante do meio urbano, descendente, da GI, comenta: “Com certeza, eu acho que é uma das poucas formas que nós temos aqui na região que valoriza... [...] ... eu acho que o Radicci é uma expressão significativa da cultura italiana, sem sombra de dúvida.” Outra informante do meio urbano, descendente, da GII, endossa o comentário anterior, e diz que, se não fosse por esse meio, esses elementos culturais passariam despercebidos, porém ressalta que o valor está no fato de registrar uma maneira de falar, como também hábitos e costumes típicos de um grupo regional, e “não porque é uma fala bonita, ou digna de ser imitada...”

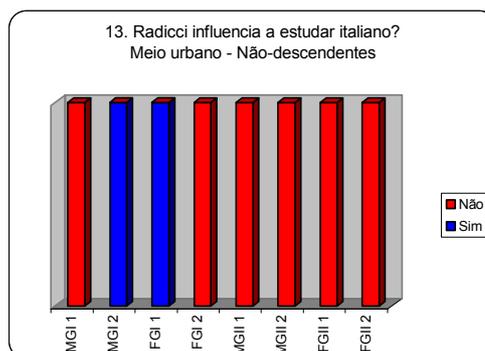
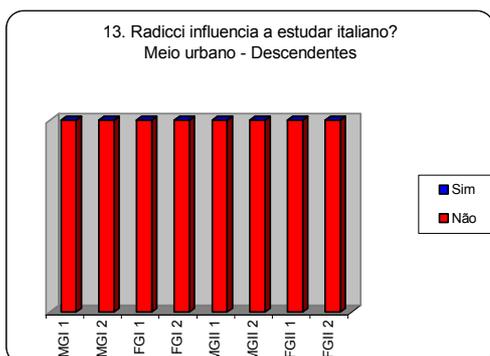
Ainda no meio urbano, o grupo de informantes não-descendentes, da GI, enfatiza a importância do Radicci como resgate das raízes da região. Também se ressalta a importância do Radicci como meio de divulgação da cultura do colono italiano caxiense, não só no Estado como também em outras partes da região sul do Brasil. Um desses depoimentos ressalta que a tendência de Caxias do Sul é tornar-se uma cidade como Porto Alegre e “sumir um pouco dessa nossa base cultural, e essa base cultural ficar mais no interior, e o Radicci traz isso pra dentro da cidade novamente, e isso é positivíssimo, pra gente saber de onde a gente veio e pra ver onde estão nossas bases étnicas.” O mais impressionante nesse depoimento é a inserção desse informante, não-descendente, nas raízes culturais da região, tipicamente de colonização italiana. Entre os não-descendentes, da GII, a incidência de reconhecimento da valorização da cultura italiana através do Radicci, baseou-se, principalmente, no fato de que o personagem representa a cidade de Caxias do Sul, como um símbolo da região. Um informante diz: “Quando o pessoal fala com a gente fora de Caxias, principalmente na grande Porto Alegre, eles falam do Radicci... [...] ... as pessoas comentam sobre o Radicci, a aceitação

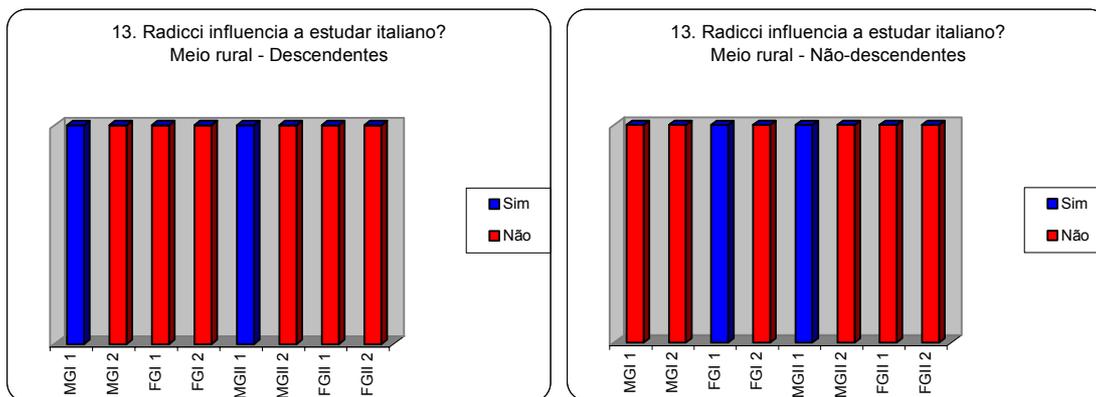
dele é mais no meio cultural mais elevado, e não é só em Porto Alegre, em Passo Fundo também.”

No meio rural, dentre os informantes da GI, descendentes, apenas um, do sexo masculino, percebe o Radicci como fator de valorização da cultura italiana da região. Ele reconhece no Radicci o comportamento típico do homem descendente de italianos: ser louco por caça, gostar de tomar vinho, comer polenta, salame e queijo “já é cultura italiana, né?” Os descendentes, da GII, acreditam igualmente que o Radicci ajuda a valorizar a fala e os costumes típicos da região. Um informante comenta: “Desde a fala, os costumes, o canto, a reza... [...] Aquela maneira de blasfemar, que todo mundo continua na mesma, não mudou nada, né.” Entre os informantes não-descendentes, da GI, há os que acreditam que aceitar o Radicci como símbolo da cultura regional italiana é não resistir ao “rótulo”, e deste modo contribuir para desmascarar o preconceito. Observa-se a preocupação que essa fala e esses costumes típicos tenham continuidade, o que o “Radicci não está deixando morrer” (FnD). Um informante da GII enfatiza que deveria haver muitos outros programas do Radicci nas rádios; que o italiano é um homem trabalhador, que faz a localidade se desenvolver: “o italiano, queira ou não queira, é o que faz o lugar crescer com igreja, com colégio, com educação”.

Não obstante o número relativamente elevado de respostas afirmativas à pergunta anterior sobre a valorização da fala e dos costumes do colono ítalo-brasileiro, chama a atenção que, na pergunta 13, a qual indaga se o Radicci exerce influência sobre as pessoas a ponto de levá-las a quererem estudar italiano, predomine a ocorrência maciça da resposta “não”. Este fato pode estar ligado à própria situação do ensino de línguas estrangeiras que se encontra ainda muito à margem do processo educacional do país.

Gráficos 10





Analisando os gráficos 10, observamos que, no meio urbano, apenas dois informantes não-descendentes, da GI, um do sexo masculino e outro do feminino, responderam “sim” à questão. Um informante relata que um primo seu, de Florianópolis, ouvindo o Radicci na rádio Stúdio, ficou tão interessado pelo personagem, que solicitou ao informante que gravasse alguns programas. Depois disso, ele teria começado a estudar italiano.

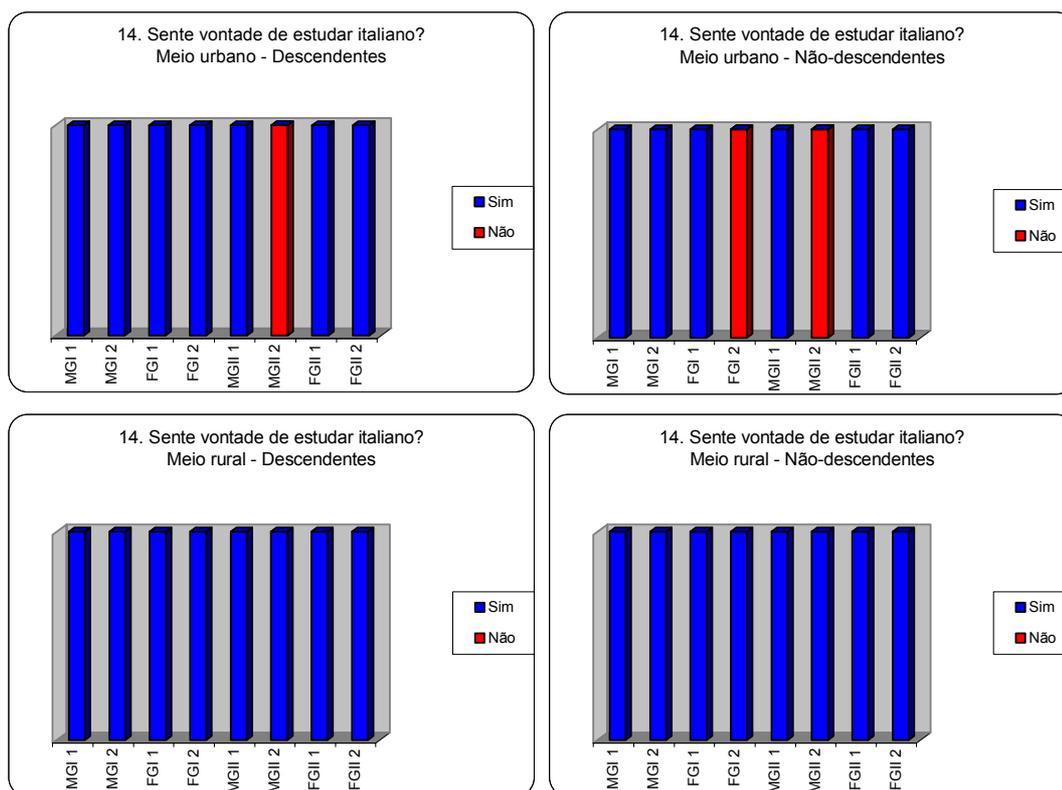
No meio rural, o índice de respostas afirmativas se eleva um pouco: as quatro respostas “sim” dividem-se entre descendentes de italianos e não-descendentes, sendo três informantes do sexo masculino. Um deles, descendente, da GI, diz que a professora de Educação Artística sempre levava charges do Radicci para a sala de aula, e, em certa ocasião, teria dito que desejava estudar italiano por causa do Radicci. Outro informante, descendente, da GII, diz que a filha dele está decidida a passar um tempo na Itália estudando a língua, por influência do personagem. Um informante não descendente, da GII, diz que ele próprio gostaria de estudar italiano depois que ouviu o Radicci falar. Em outro depoimento, um informante não-descendente, da GI, constata que, apesar de não perceber que o Radicci influencie as pessoas a estudarem o italiano, cresce, cada vez mais, o interesse por questões da cultura italiana da região, a partir do Radicci.

Enfim, mesmo com esses depoimentos favoráveis ao aprendizado do italiano, ainda assim são a exceção, e não a regra, daí deprendermos que o Radicci não influencia as pessoas a estudarem o italiano. Por outro lado, há de se ressaltar que essa pergunta talvez devesse ter sido feita de forma mais direta, inquirindo se o próprio informante não se sentiu influenciado pelo Radicci a estudar italiano, e não se conhecia pessoas que tenham sofrido essa influência, o que

apenas revela a crença a respeito dessa influência, sem a posição individual de fato.

Por outro lado, os informantes sentem vontade de estudar o italiano, no entanto eles acham que o Radicci não influencia as pessoas a fazê-lo. Assim, parece que essa vontade não advém da influência do Radicci. Constata-se que 81,3% dos informantes do meio urbano e 100% do meio rural afirmam querer estudar o italiano (pergunta 14), o que mostra uma atitude bastante positiva em relação ao italiano, principalmente dos informantes do interior. Parece, mesmo, que estudar o italiano está sendo visto de forma mais pragmática, mais institucional, não atitudinal.

Gráficos 11



Os quatro informantes descendentes do meio urbano, da GI, enfatizam a questão das raízes culturais como ponto determinante para estudar italiano. Entre os descendentes, da GII, apenas um informante diz que não sente vontade de estudar italiano, porque o dialeto que ele fala lhe parece suficiente, não só para se comunicar na região, como também em outros lugares, como na Itália, por

exemplo. Os outros três informantes sentem vontade de estudar italiano devido às raízes culturais e ao desejo de ler autores italianos. Um deles enfatiza novamente a importância do italiano para viajar mais tranquilo e poder comunicar-se com mais eficiência “lá fora”.

Uma informante não-descendente, da GI, afirma nunca ter pensado em estudar italiano; os outros três gostariam de fazê-lo, principalmente pela abertura que o italiano oferece para viajar. Um informante lembra o desenvolvimento da Itália na área da maquinaria para a indústria, manifestando uma motivação instrumental para o estudo do italiano. Entre os informantes da GII, não-descendentes, apenas um informante do sexo masculino disse não se interessar pelo estudo do italiano, pois, no momento, preferiria estudar francês. Os outros três informantes sentem vontade de estudar italiano pela cultura que esse estudo significa. Uma informante desse grupo fala do seu encantamento pelas músicas italianas, e, saber a língua significaria poder entender as letras dessas canções.

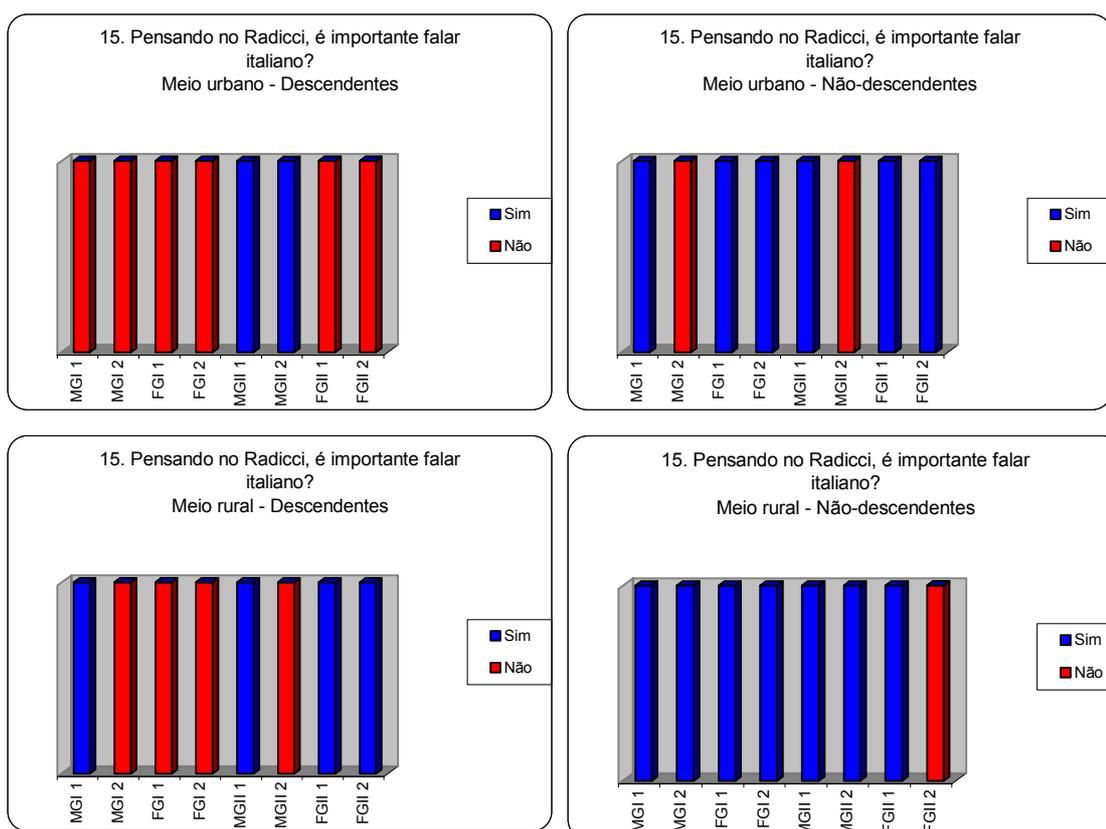
No meio rural, como já dissemos, 100% dos informantes, tanto descendentes, quanto não-descendentes, gostariam de estudar italiano. O interessante é que, apesar de falarem o dialeto, os informantes descendentes acham importante aprender o italiano *standard*. Além disso, enfatizam a questão cultural da região: um informante descendente, da GI, acredita que estudar italiano seria uma forma de solidificar a cultura italiana na região. Uma informante descendente, da GI, que já estuda a língua italiana, enfatiza: “io sono felice per studiare il italiano”. Outra informante desse grupo diz que deseja estudar italiano porque ela faz parte de um grupo musical e, quando canta músicas italianas, gostaria de entender o que está cantando, uma vez que nem sempre o que sabe do dialeto auxilia nesse sentido. Uma informante descendente, da GII, diz que seria bom “conhecer como é o italiano da Itália, o legítimo”, aludindo que, mesmo sabendo falar o dialeto italiano da região, em relação ao italiano da Itália “a gente se aperta.” Os informantes não-descendentes, na sua maioria, percebem o italiano como uma língua bonita, por isso gostariam de saber falar esse idioma. Um informante da GII diz: “Eu gostaria, é bonito, não tem quem não gostaria. Mas nossa, quem é que não gosta de ver um italiano falar?” Além disso, várias pessoas enfatizam o fato de morarem numa colônia de italianos, seria interessante falar italiano. Embora os descendentes se comuniquem com eles em português, muitas

vezes, dizem alguns, não podemos participar de conversas por estarem falando italiano.

Como foi possível verificar, a questão 14, que indaga se o informante gostaria de estudar italiano, mostrou variação na dimensão diatópica. A par dessa tendência, verifica-se também que os homens, embora não significativamente, evidenciam um índice de respostas negativas maior que as mulheres.

Em seguida, quando inquiridos sobre a importância de falar italiano, comparativamente ao modo de falar do Radicci (pergunta 15), os informantes do meio urbano se dividem entre “nenhuma importância” (50%) e “muita importância” (restantes 50%). No meio rural, ao contrário, a incidência de respostas positivas atingiu 68,7%.

Gráficos 12



Chama, contudo, a atenção que, em ambos os meios, os descendentes apresentem índices consideravelmente maiores de “nenhuma importância” atribuída a falar italiano (75% no meio urbano e 50% no rural), comparativamente

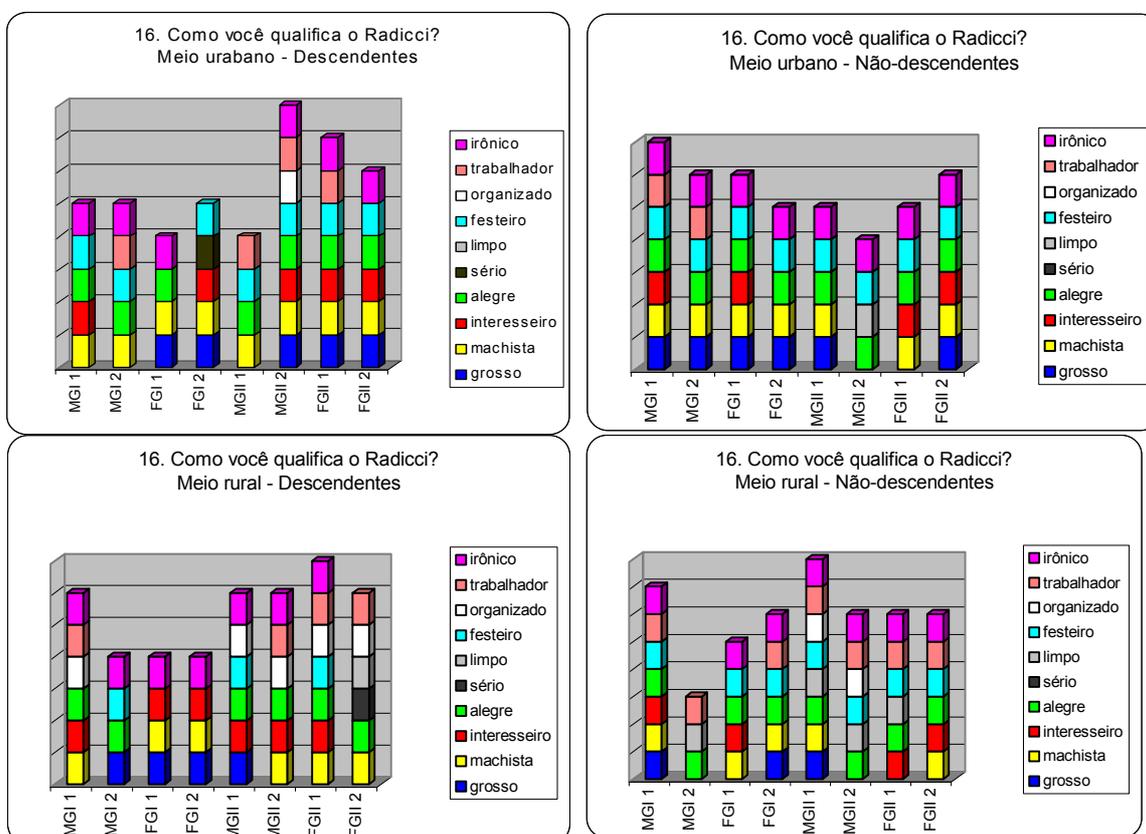
aos não-descendentes, entre os quais prevaleceu, de forma clara, a resposta “sim”.

Uma informante do meio urbano, descendente, da GII, pondera que acha importante falar italiano, assim como outros idiomas, quantos for possível aprender, pois “isso é cultura”, e abre espaço às pessoas para o mercado de trabalho. Ela conclui, dizendo que é possível que o Radicci inspire alguma pessoa a ter vontade de falar italiano, “pelas expressões, pela própria maneira engraçada dele; isso pode levar a pessoa a ver o italiano como uma língua gostosa, engraçada.” Ainda no meio urbano, uma informante não-descendente, da GI, afirma: “Sim, eu acho que ele motiva o pessoal a se interessar pelo italiano.”

No meio rural, um informante não-descendente, da GI, diz que, para os descendentes, mais do que nunca, o Radicci tem essa importância, pois, embora sejam brasileiros, a sua raiz cultural provém da imigração italiana, e o personagem retoma essa origem.

A questão seguinte diz respeito à percepção do informante sobre o Radicci, em termos da caracterização do personagem.

Gráficos 13



Os informantes do meio urbano mencionaram as características “festeiro” (93,8%), “alegre” (93,8%), “machista” (93,8%) e “irônico” (87,3%), como se vê, com incidências bastante altas. Em seguida, aparecem as opções “grosso” (68,8%) e “interesseiro” (56,3%), e, por último, com menor incidência, as opções “trabalhador” (37,5%), “limpo” (12,5%), “organizado” (6,3%) e “sério” (6,3%). É interessante observar que nenhuma das caracterizações sugeridas pelo inventário ficou sem escolha, mesmo sendo apenas um informante a fazer a opção. A característica “trabalhador” foi apontada somente pelos informantes do sexo masculino, tanto da GI, quanto da GII, descendentes e não-descendentes. A característica “limpo” foi apontada por informantes da GII, não-descendentes. Chamou a atenção o comentário de um informante descendente, da GII, ao referir-se ao Radicci como “machista”, sustentando que “O italiano todo é meio machista.” É interessante que esse comentário tenha partido justamente de um homem, de descendência italiana. Seria marca de identificação?

Além das opções de caracterização do Radicci oferecidas pelo inquérito, os informantes do meio urbano sugeriram outras, como: “engraçado”, “divertido”, “cômico”, “brincalhão”, “satírico”, “espontâneo”, “oportunista”. Uma informante descendente, da GI, comenta: “Eu acho que ele é um personagem bem característico da região. Ele é o estereótipo do homem italiano; eu acho que o homem da nossa região é bastante grosso, machista.” Outra informante descendente, da GII, referindo-se ao “tipo humano” do Radicci, destaca:

“Ele é um tipo extremamente esperto, porque ele tem umas saídas nas quais ele sai sempre ganhando... [...] ...ele tem uma vivacidade intelectual, sempre tem a última palavra... [...] ...ele é autoritário, não só machista, ele diz o que o filho deve fazer e o que não deve... [...] ...ele é um *bon vivant*, ele sabe viver, ele curte as coisas. Engraçado que, de certa forma, ele está contra o estereótipo do italiano que é tão trabalhador, tão apegado ao trabalho, ele não é tão apegado ao trabalho, ele é muito apegado às diversões: caçar, pescar, tomar seu vinhozinho, ficar descansado, comer bem, ele é também um *bon gourmet*... [...] ...tem umas características nele que contradizem o estereótipo do italiano aqui da região... [...] ...ele não tá preocupado em vencer financeiramente, está preocupado em viver o dia-a-dia e soluciona os seus conflitos da maneira mais simples possível... [...] ...eu acho ele extremamente interessante, apesar da rudeza, ele tem uma certa sabedoria...”.

Em outro depoimento, um informante não-descendente, da GII, afirma: “Eu diria que o Radicci é único, não tem ninguém tentando fazer o que o Radicci faz, ninguém se arriscou a tal proeza, porque não é fácil.”

No meio rural, duas foram as características mais marcantes: “irônico” (87,5%) e “alegre” (87,5%). Seguem-se as opções “trabalhador” (68,8%), “machista” (68,8%), “festeiro” (62,5%) e “interesseiro” (62,5%). Continuando, temos as opções “organizado” (43,8%), “grosso” (43,8%), “limpo” (31,3%), e, por fim, “sério” (6,3%). Também no meio rural nenhuma opção ficou sem escolha. Apesar do percentual significativo de ocorrências da opção “trabalhador”, é interessante observar que as mulheres da GI, descendentes, não consideram o personagem como tal. A maior incidência para a opção “trabalhador” ocorreu entre os não-descendentes, alcançando um percentual de 87,5% de escolhas. A única abstenção desse grupo ocorreu com uma mulher também da GI.

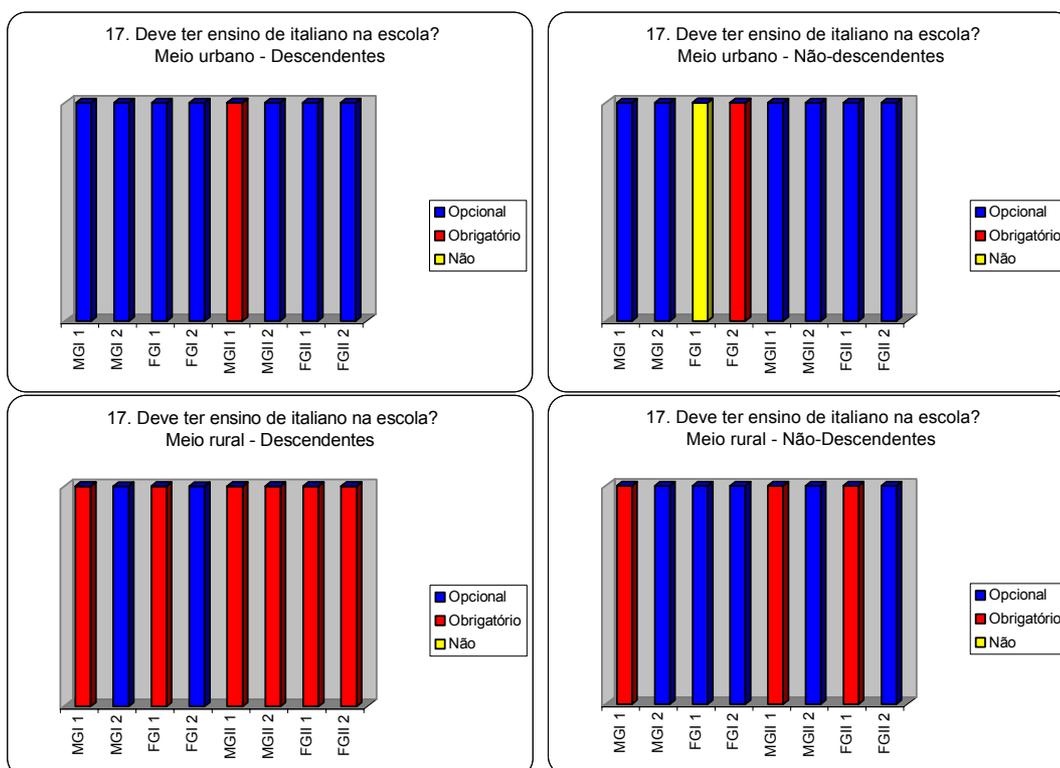
Além das opções dadas pela pesquisadora, os informantes do meio rural sugeriram algumas outras para caracterizar o Radicci, tais como: “engraçado”, “brincalhão”, “simpático”, “extrovertido”, “disposto”, “simples”, “bem-humorado”, “mal-humorado”, “sempre reclamando”, “ranzinza”, “relaxado”, “caçador”, “destruidor da natureza”. As características negativas foram registradas, principalmente, entre os informantes descendentes, do sexo feminino, da GI. Vale lembrar que essas informantes, quando responderam à questão 1 do inventário, disseram que gostavam do Radicci, mas ressaltavam que não gostavam da maneira grosseira com que ele se expressava, principalmente, com referência às blasfêmias usadas por ele. De alguma forma, as características com carga negativa apontadas por essas informantes vêm corroborar o sentimento delas em relação ao personagem.

6.6 Ensino de italiano: padrão X dialeto

Em 6.3, analisamos alguns aspectos atitudinais da fala do Radicci como elemento motivador para o estudo do italiano. Qual, no entanto, a visão dos informantes em relação ao ensino da língua italiana? Quando inquiridos se deveria ocorrer ensino de italiano nas escolas, 93,8% dos informantes do meio urbano e 100% do meio rural responderam afirmativamente. O único informante do meio urbano que considerou não válido o ensino de italiano nas escolas é não-descendente, da GI, do sexo feminino. Dos informantes favoráveis ao ensino de italiano, treze julgaram que esse deve ser “opcional”, e apenas dois pensam que

deva ser “obrigatório”. No meio rural, esse número cresce para nove, sendo que seis são descendentes de italianos. São, aliás, os descendentes do meio rural os que apresentam o índice mais elevado de obrigatoriedade do ensino de italiano nas escolas (v. Gráficos 14), e são eles o único grupo que respondeu “sim” (100%) à pergunta se se empenhara em passar a fala italiana para os filhos (v. Gráficos 17).

Gráficos 14



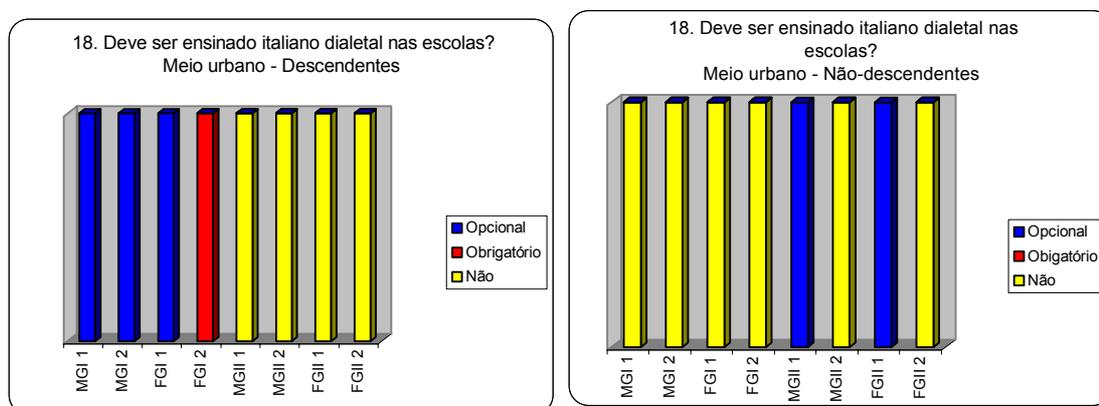
Novamente, o que se percebe é que o meio rural apresenta maior receptividade aos aspectos próprios da cultura italiana da região. Mesmo que o italiano *standard* não seja a fala das pessoas da colônia, e sim o dialeto italiano, eles reconhecem a importância de aprender a língua italiana na escola. Nos depoimentos desses informantes, foi enfatizada a questão cultural da região. Tratar-se-ia, segundo eles, de mais uma forma de manutenção das raízes da colonização. Alguns informantes reconhecem que estudar inglês e espanhol é importante para a disputa de um emprego no mercado de trabalho, salientando, porém, mais uma vez, que o ensino de italiano, nas escolas da RCI, possibilitaria maior conhecimento e divulgação da cultura regional.

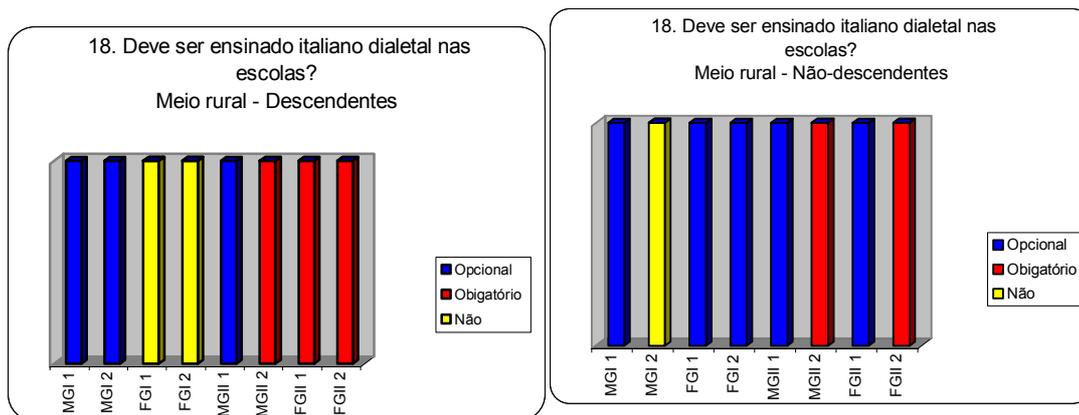
No meio urbano, os comentários sobre o ensino de italiano na escola enfatizam igualmente a importância desse processo como forma de conhecimento e preservação das raízes culturais da região. Um informante descendente, da GII, comenta: “É uma língua que a gente tem dos antepassados, e a gente devia ter facilidade de se comunicar com as pessoas mais idosas”. Outra informante da GII, descendente, reforça: “...o italiano, por ser a língua dos nossos antepassados, que tem a ver conosco, ou nós temos a ver com a língua italiana, acho que está no nosso sobrenome, está na nossa cara, tá nos nossos gens, então, se eu pudesse votar num conselho de educação, eu votaria pela inclusão do italiano, sim...” Um informante não-descendente, da GI, observa que o Brasil perdeu muito quando instituiu o “português como língua única do país... [...] ... acho que estudando outras línguas se resgataria um pouco da cultura mista que nós temos... [...] ... na região colonizada por italianos, então, deveria ter italiano, seria importantíssimo.”

Sem dúvida, fica evidenciada, através desses depoimentos, a marca da identidade ítalo-brasileira. Ao defender o ensino de italiano, o foco de atenção repousa sobre o reconhecimento da etnia e a sua representatividade em meio às instituições sociais, o que está em consonância com o papel do Radicci, no sentido de “dar voz e visibilidade” ao que não tem voz e está oculto.

Por outro lado, na questão do ensino da variedade dialetal do italiano na escola, o foco de atenção muda; não é mais a representação, mas as atitudes lingüísticas o elemento central.

Gráficos 15





Chama a atenção que, no meio urbano, a totalidade de informantes descendentes da GII, e a totalidade de informantes não-descendentes da GI responderam “não” ao ensino do dialeto na escola. Dentre os que optaram pelo ensino dessa variedade na escola, apenas um informante disse que deveria ser “obrigatório”. Já a totalidade dos informantes descendentes, da GI, disseram “sim” para esse tipo de ensino, mostrando a atitude positiva dos jovens à fala rural. Um informante desse grupo comentou: “Acho que é alguma coisa que vai em função da cultura, que vai te ensinar alguma coisa.” Outra informante reforça:

“Não só manter a língua, mas contar um pouco da nossa história, porque eu acho que as pessoas se interessam muito pouco em saber como e por que os imigrantes vieram pra cá; hoje, os jovens, os adolescentes não se interessam em ouvir as histórias do nono, de preservar nossas raízes. Deveria ser obrigatório, com certeza, obrigatório.”

É interessante observar o caráter contundente desse depoimento, principalmente vindo de uma informante jovem. Também um informante não-descendente, da GII, ressalta o proveito que ele teria usufruído desse tipo de ensino: “Acho bom, é cultura; a dificuldade que eu tenho hoje de entender o italiano da colônia, se eu tivesse tido aula, eu não teria essa dificuldade.”

A comparação dos dados com os do meio rural mostra a relevância da dimensão diatópica: 81,3% dos informantes, no meio rural, disseram “sim” para o ensino da variedade dialetal do italiano na escola, índice bastante elevado, principalmente se comparado com os 62,5% de respostas negativas, obtidas no meio urbano.

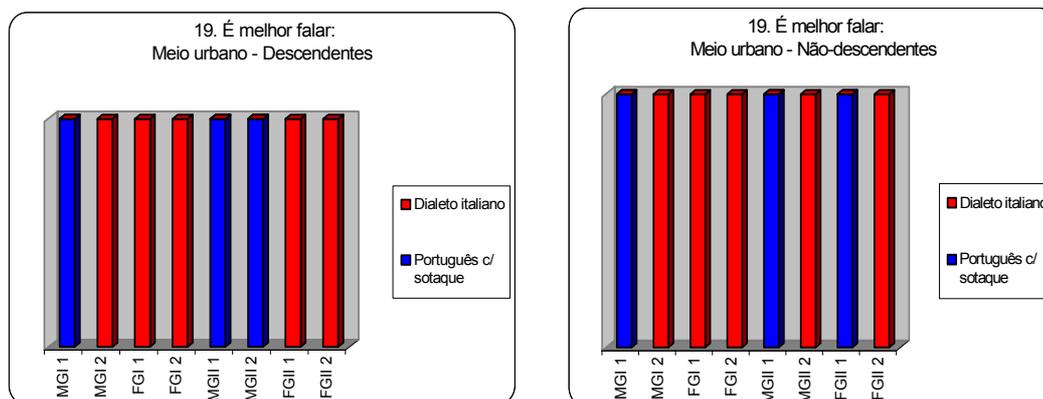
Vale destacar que as duas informantes da GI, descendentes de italianos, do meio rural, que não concordam que essa variedade seja privilegiada na escola,

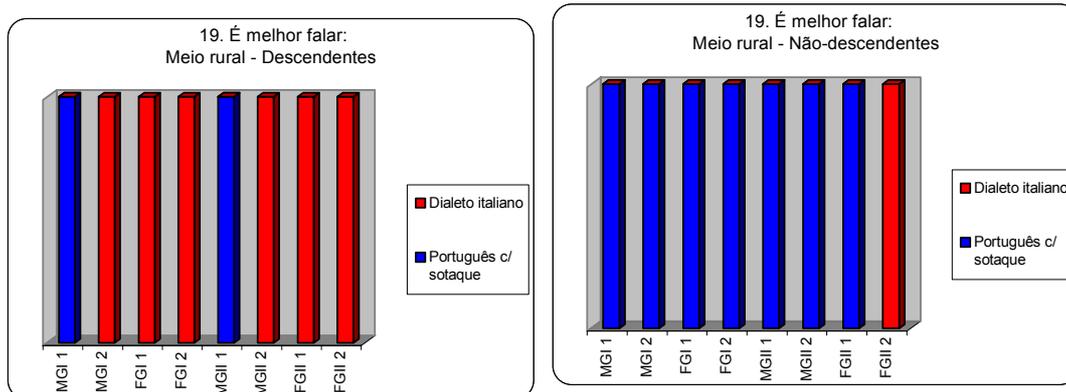
falam normalmente, em seu meio, a variedade dialetal do italiano. Elas argumentam que seria mais produtivo para as crianças aprenderem a língua italiana *standard*, devido ao processo de globalização entre as nações, e que as crianças aprendem o dialeto na família, no meio onde vivem, não é necessário que seja via instituição. Já outra informante descendente, da GII, expressa o desejo de preservação da fala dialetal: “Pra manter, pra manter seria bom, porque o italiano sempre tem mais, mas o dialeto, vai, vai, que vai cair, se ninguém mais ensina, se ninguém mais fala, vai cair, porque ele é bem diferente do italiano.” Muito interessante, também, é o depoimento de um jovem não-descendente do meio rural: “No interior, eu acharia que é uma forma até de identificação da educação com os adolescentes, com os alunos, no caso, uma forma de eles valorizarem a si próprios”. Essa percepção de respeito ao outro, a partir da fala própria de cada grupo social, é muito significativa, principalmente se levarmos em conta que essa consideração partiu de um leigo em assuntos lingüísticos e não de um lingüista, afeito a discussões dessa natureza.

Em suma, percebe-se que, no meio rural, ocorre quase a totalidade de incidência positiva para o ensino do dialeto italiano na escola. Primeiro, podemos constatar o diferencial marcado pela dimensão diatópica; depois, no meio rural, podemos destacar os parâmetros GI/GII para as ocorrências de “não”, mostrando uma tendência contrária maior entre os jovens.

Essas questões são complementadas pela pergunta 19, na qual os informantes tiveram que optar entre falar português com sotaque, como o Radicci, ou falar a variedade dialetal da região. Qual a fala mais adequada? Os gráficos 16 nos dão essa mostra.

Gráficos 16





Como se observa, no meio urbano, dez informantes (63%) pensam que é melhor falar a variedade dialetal do italiano do que falar português com sotaque. Além disso, as mulheres é que marcam a maior incidência nessa escolha. Já no meio rural, nove pessoas (56%) optam pelo português com sotaque, dentre os quais sete (44%) são não-descendentes. Essa fala do português com sotaque facilitaria a interação entre o grupo de descendentes e o de não-descendentes, mais do que a variedade dialetal? É importante, neste particular, lembrar o depoimento de uma informante do meio rural, não-descendente, da GII (ver seção 6.3), quando disse que o Radicci deveria falar mais português, associando a fala do personagem à das pessoas da colônia, pois, segundo suas palavras, “às vezes, a gente não sabe nem o que estão falando, de repente tão falando da gente.” Esse comentário, de alguma forma, parece estar dizendo que o uso do português, ainda que com sotaque, garantiria o entendimento entre descendentes de italianos e não-descendentes.

É curioso, entretanto, observar que as mulheres jovens descendentes do meio rural, que responderam “não” ao ensino da variedade dialetal do italiano, acham que é melhor falar dialeto italiano do que português com sotaque. Isso poderia ser considerado um desvio? Falar português com sotaque como o Radicci seria mais depreciativo do que falar dialeto italiano, porque o Radicci blasfema e usa palavrão?

Em suma, os dados mostram que o Radicci não influencia diretamente a atitude das pessoas a quererem estudar italiano, no entanto os informantes querem aprender italiano e eles acham que deveria ser ensinado italiano na escola, e os informantes do meio rural também defendem o ensino da variedade

dialetal do italiano. Se essa vontade faz parte de seus valores pessoais, então essa percepção já existe, não está relacionada ao Radicci, ou esse personagem poderia, de alguma forma, contribuir para essa manifestação? Assim, talvez, o comportamento do personagem encoraje as pessoas a demonstrarem uma atitude mais positiva em relação ao ensino do italiano e da variedade dialetal do italiano, encontrando apoio na figura do Radicci para fazê-lo.

6.7 Manutenção ou substituição do italiano

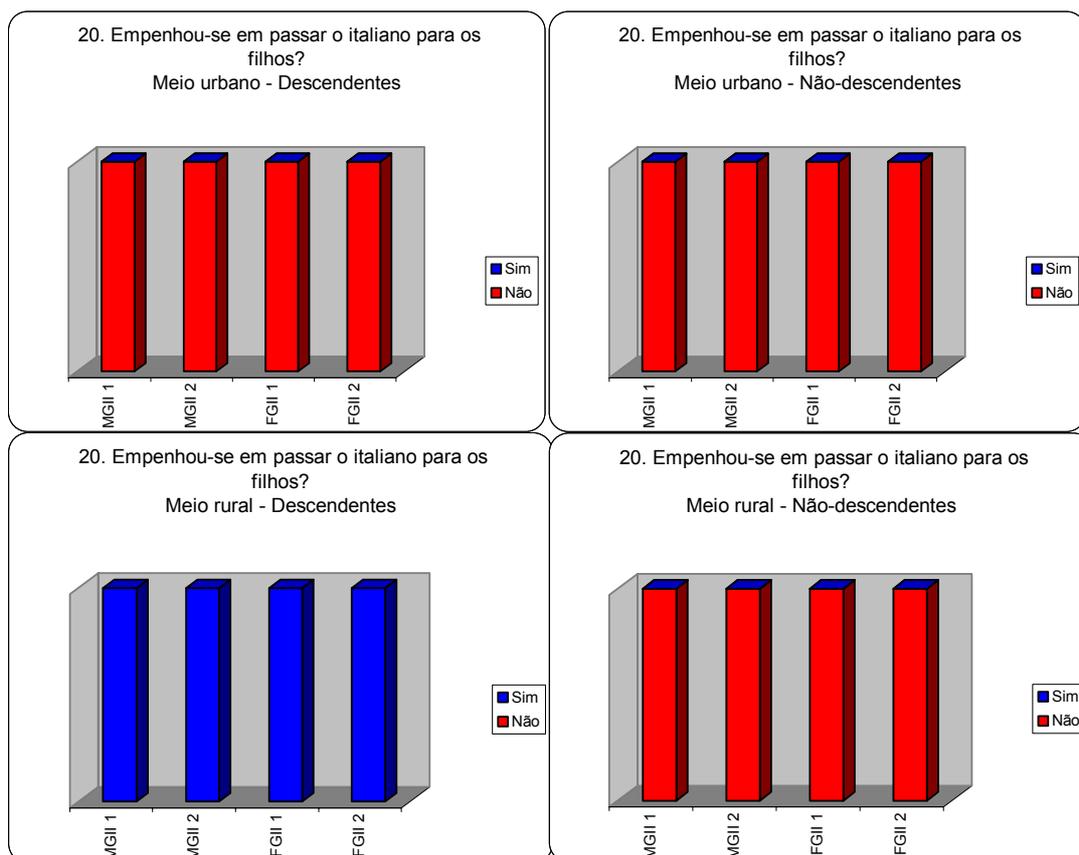
Aplicando a pergunta 20 do questionário, verificamos que, no grupo da GII do meio urbano, tanto os descendentes quanto os não-descendentes, unanimemente, responderam que não houve por parte deles preocupação em passar a língua italiana para os filhos. Um informante descendente disse: “Acredito que foi falta de oportunidade; nunca pensei no caso, não me ocorreu”. Outro comentou: “Nem eu sabia direito, como passar para os filhos?” Os informantes não-descendentes não demonstraram maior envolvimento com essa questão; o que dá para depreender é que simplesmente não lhes havia ocorrido essa possibilidade, não haviam pensado sobre o assunto.

Já no meio rural, apesar de não terem passado o italiano para os filhos, os informantes não-descendentes teceram comentários que mostram uma atitude simpática à fala italiana: “Não deu pra passar o italiano pros filhos porque faltou”. “... passar como, se tu não sabe, né? Se eu soubesse, eu gostaria, mas eu não sei”. “Como eu não sabia, nunca me preocupei em passar para os filhos, nunca pensei que eu ia morar numa colônia de italianos”.

Por outro lado, o grupo de informantes descendentes de italianos do meio rural respondeu unanimemente ter procurado passar a variedade dialetal do italiano para os filhos, continuando, hoje, em relação aos netos. Uma informante diz: “Fez e faço ainda, porque eu acho bom tê a tradição que a gente tinha, né, eu acho muito bonito, quanto mais passá, melhor, senão vai acabando, né”. Outra informante comentou: “... porque eu fui criada assim, na minha língua, dos meus pais, desde os antepassados”. Um depoimento enfatiza que é o dialeto que é ensinado e não o italiano (referindo-se à língua *standard*). E acrescenta: “... ainda falo bastante pra eles aprendê, né. [...] ... a gente se sente assim até por obrigação

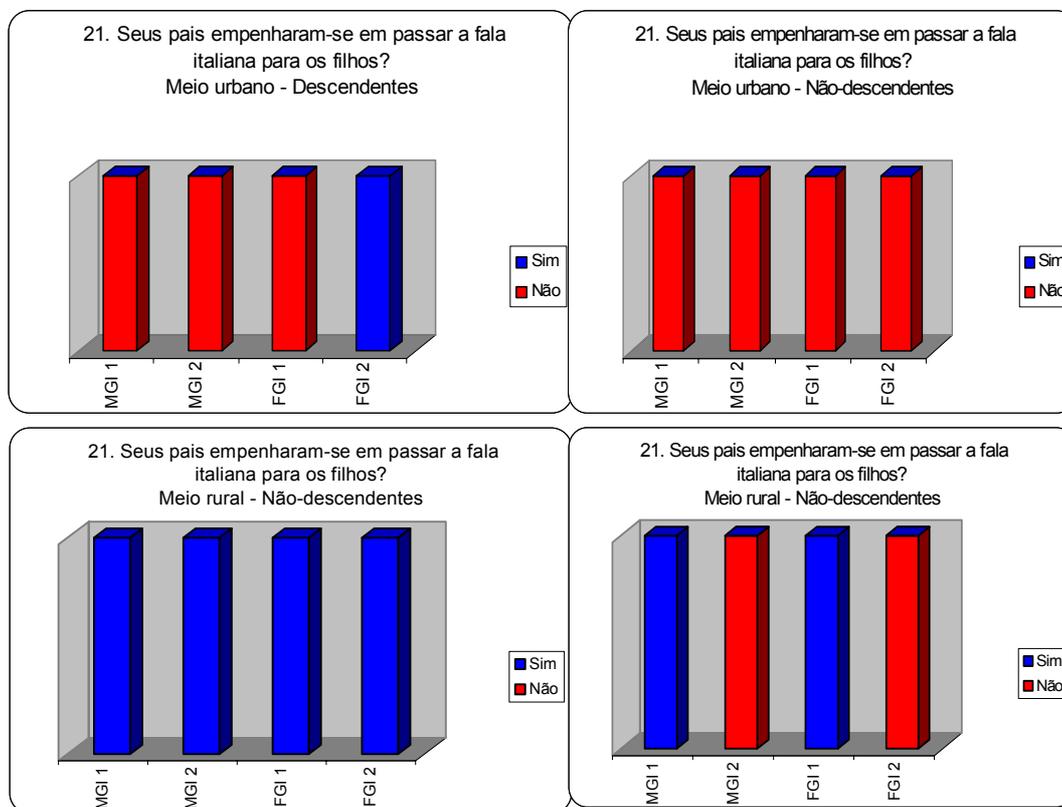
que eles aprenda, né. [...] ... então, se eles sabem, acho que é uma coisa que é proveitosa, né”.

Gráficos 17



No grupo dos mais jovens, no meio urbano, apenas uma informante descendente afirmou terem seus pais se interessado que ela aprendesse a variedade dialetal do italiano. Foram, portanto, sete respostas “não” (87,5%), o contrário do que ocorreu no meio rural, onde seis (75%) entre oito informantes, incluindo dois não-descendentes, responderam “sim” à pergunta. Isso fica claro nos gráficos 18:

Gráficos 18



É surpreendente que informantes não-descendentes tenham confirmado a preocupação de seus pais em relação ao aprendizado da variedade dialetal do italiano dos filhos, pois a expectativa é que só os descendentes de italianos apontassem esse aspecto. A variação de comportamentos atingiu, efetivamente, as dimensões diatópica e diagrupal, não havendo diferença perceptível nas atitudes de homens e mulheres.

Vale registrar que, apesar de alguns informantes da GI, do meio rural, serem casados e terem filhos, só foram utilizados para a análise os dados referentes a sua condição filial, pois não haveria como paralelizá-los com os dados dos informantes da GI do meio urbano, que não têm filhos.

O que se pode deduzir, enfim, da aplicação do questionário, é que a manutenção do italiano é mais evidente no meio rural, atingindo, surpreendentemente, também representantes do grupo de não-descendentes de italianos. Já no meio urbano, de acordo com o que supúnhamos, evidencia-se a

No meio urbano, os comentários foram especialmente positivos. Alguns informantes parabenizam Lotti, a quem admiram, pela criação do personagem, enfatizando que esse trabalho deve continuar, porque o Radicci retrata bem como é a região de Caxias do Sul, servindo, por isso, como marca de identidade: “O Radicci é brasileiro, é caxiense, e isso é bem legal” (FnDGI). Na verdade, segundo um comentário, “o Radicci é o italiano que a gente costuma ver atualmente” (MDGII). Como personagem, consideram que o Radicci está bem caracterizado, o que ajuda a valorizar a cultura italiana da região, como também a resgatar a memória histórica da colonização. Um informante não-descendente, da GII, ressaltou a figura do Radicci como aquele personagem que consegue viver um intercâmbio entre os acontecimentos da cidade e os fatos próprios da colônia, principalmente, atualizando a vida cotidiana do interior. Também foi ressaltado, nos depoimentos, o aspecto humorístico do personagem, que o torna engraçado e cativante. Na impossibilidade de transcrever, aqui, todos os depoimentos, destacamos alguns, não por sua maior importância, mas porque, de alguma forma, conseguiram sintetizar aquilo que a maioria dos informantes pensa a respeito do personagem:

“Eu acho a figura do Radicci super importante pra Caxias, porque tu fala no Radicci, não tem quem não conheça... [...] ... tem gente, tem colegas meus que não passam um dia sem ler a charge e as tirinhas do Radicci... [...] ... tu ouve o Radicci, tu vê o Radicci, tu lembra as pessoas mais do interior, da colônia, uma marca bem positiva, uma marca que pra nós não tem como falar em nossa história, sem ter a participação dele...” (FDGIurb).

“Olha, eu acho que é uma figura impagável, uma figura muito interessante, que o Lotti foi muito feliz ao criar essa figura, porque ele faz uma tremenda crítica em cima dos próprios costumes dos italianos, e os latinos já diziam *ridendo castiga tumoris*, que através do riso podem-se modificar os costumes, e, talvez, ele consiga fazer despertar uma consciência crítica nas pessoas, na exploração da mulher, na forma de tratar os filhos, através dessa personagem engraçada” (FDGIIurb).

Mais uma informante descendente, da GII, resalta aspectos positivos do Radicci, falando longamente sobre o personagem. Transcrevemos, aqui, parte dessa fala:

“Olha, eu acho que é um personagem simpático; pra nós, descendentes de imigrantes, ele é significativo, porque realmente ele representa um pouco, né, do nosso universo real de imigrantes ou daquilo que nós imaginamos que os nossos imigrantes foram ou fizeram. Tem muita coisa que tá no nosso imaginário, a gente pensa que eles tinham tais hábitos. [...] ... agora muita coisa já se perdeu, né, apesar de haver já registros e tudo, e apesar de nossos avós nos contarem coisas e tal, mas a gente não sabe exatamente; hoje a gente não tem a dimensão de como foi a vida deles,

como foi dura, no início, né, e o Radicci reflete um pouco também essa dureza da vida, um pouco da rusticidade de lutar pela vida, mas ele também reflete um pouco um espírito que eu não sei se é típico do italiano, mas é aquele espírito de segurança, ele é muito seguro em relação às opiniões e às atitudes que ele tem, ele é seguro, ele não se arrepende do que faz, né, então tem algumas características que são muito interessantes do ponto de vista cultural, do ponto de vista humano, ele é um personagem de certa forma com uma riqueza, basta a gente saber perceber. [...] ... eu acho divertido e acho interessante ler o Radicci, eu sempre dou uma espiada, não consigo deixar de ler o Radicci, *se ele me aparece por perto, eu vou fundo.*”

Outro depoimento de um informante, não-descendente, da GI, levanta a questão da presentificação da história da região em consonância com o Radicci:

“O Radicci traz pra nós aqui da região uma espécie de memória daquilo que já aconteceu e do que acontece no meio dos descendentes italianos, né, ele busca, na forma de humor, resgatar, né, aquilo que foi uma parcela importante pra história da nossa cidade, uma história que foi construída pelos italianos e tem todos os méritos, uma cidade culta, uma cidade rica, uma cidade com um padrão de qualidade imenso, e isso foi construído pelos italianos... [...] ... e mostra as fragilidades do povo, a inocência do povo italiano... [...] ... o italiano não precisava ir à praia, mas o lotti leva o italiano até a praia, pra acontecer aqueles problemas, então isso traz à tona como o italiano se virava, como ele foi se enfiando no meio da sociedade que se achava mais culta ou até era mais culta que ele e foi misturando as coisas e foi transformando... [...] ... então o italiano foi indo de forma inocente e foi construindo os espaços, acho que essa miscigenação, essa mistura é que fez o que nós somos hoje, e o Radicci trata de forma esplendorosa esse tipo de situação”.

Também no meio rural, encontramos depoimentos bastante positivos em relação ao Radicci. A grande ênfase recaiu sobre a importância de o cartunista continuar esse trabalho, pois ajuda a valorizar aqueles que colonizaram a região. Um informante não-descendente, da GI, enfatizou que deveria haver programas só dele nas rádios da região, bem como na TV, defendendo, também, mais espaço para o personagem no jornal. Destacou-se, igualmente, o lado humorístico do personagem, pois, com esse jeito engraçado e divertido de “levar as coisas”, ele alegra e cativa as pessoas. Uma informante não-descendente, da GI, comentou enfaticamente: “Acho ele incrível, a primeira coisa que olho no jornal é o Radicci.” Houve quem reiterasse que o Radicci poderia trabalhar mais o dialeto, para valorizar mais essa fala e também como forma de assegurar a continuidade dessa variedade dialetal. Em contrapartida, um informante lembra a importância de o Radicci mesclar a sua fala, pois, “assim todo mundo entende.” Muitos parabenizam lotti pelo trabalho que vem desenvolvendo com o Radicci. Outra informante não-descendente, da GII, comenta: “Eu acho bonito; influencia muito a tradição italiana,

esse personagem é muito legal, eu acho, principalmente pros italianos, ajuda a manter”.

Outra informante não-descendente, da GI, referindo-se à obra do Iotti, sintetiza:

“Acho interessante, porque é uma maneira divertida de lembrar o nosso italiano. Eu acho bem interessante, é divertido, de uma forma de brincadeira, de uma forma irônica, até. Acho uma boa forma de homenagear aqueles que fundaram a nossa cidade, através do Radicci.”

CONCLUSÕES

Esta pesquisa, no que concerne aos objetivos estabelecidos, à luz dos pressupostos teóricos da nova Dialectologia Pluridimensional, para cujo enfoque se pretendeu dar uma contribuição significativa, procurou investigar e fundamentar a influência do Radicci, criação artístico-cultural de Carlos Henrique Lotti, sobre as atitudes lingüísticas no contexto italiano-português da região de Caxias do Sul, tanto no meio urbano, quanto no rural. Tal “empreendimento” implicou uma série de análises que, ao final, resultou no que segue.

Ao trabalharmos a questão de língua e etnicidade, colocaram-se, a partir da visão de Ross (1979), duas perspectivas para a compreensão da etnicidade: a objetiva e a subjetiva. Na primeira, a relação entre língua e etnicidade é acidental; na segunda, de acordo com o autor, a tendência é de os membros de um grupo social associarem etnicidade à língua. As atitudes positivas registradas nos depoimentos de informantes da GI, do meio urbano, e da GII, do meio rural, em relação ao ensino da fala dialetal italiana na escola, permitem-nos inferir que, para essas pessoas, o ensino institucional dessa fala é uma forma de preservar não só essa variedade dialetal, como também as raízes histórico-culturais da região. Nesse processo, o Radicci evidencia-se como representante do grupo de ítalo-brasileiros da RCI, e essa representatividade parece deflagrar uma conduta de auto-valorização bastante significativa, pois, diferentemente de outras épocas, encoraja ítalo-brasileiros a reivindicarem “um lugar para a sua fala”.

Também quando discutimos a questão da manutenção e substituição lingüística (“componente da condição bilíngüe”), constatamos que a questão é muito ampla. Detivemo-nos em apenas alguns aspectos relevantes para o propósito da pesquisa, no sentido de verificar a influência do Radicci sobre a manutenção ou não da fala do italiano na RCI. Supondo o lento processo de substituição do italiano pelo português, pode-se acreditar, a partir dos dados coletados, que o Radicci, como produto de criação artístico-cultural, atua positivamente sobre a manutenção do italiano, podendo inclusive contribuir para a

reversão do processo de substituição (v. Kaufmann [no prelo]), embora não saibamos em que medida.

Ao abordarmos as questões relativas à identidade e às atitudes no bilingüismo, verificamos que pode não haver uma relação direta entre identidade e língua, segundo alguns autores. Entretanto, Farley (1988, apud Lowe, 1996:190) afirma que nacionalidade, língua e religião são as características sociais e culturais mais comuns responsáveis pelo reconhecimento de um grupo étnico. É comum ouvir-se entre os ítalo-brasileiros da região a expressão “*Son talian, grazie a Dio*”, e, quando assim se manifestam, as pessoas não estão transmitindo um ufanismo por sentirem-se cidadãos italianos, assentados no Brasil, mas por reconhecerem-se pessoas descendentes de imigrantes italianos, estabelecidos numa região específica do Rio Grande do Sul, Brasil, a qual ajudaram a construir e da qual se sentem parte integrante. Como já vimos, o dialeto que falavam os imigrantes, no início da colonização, era para eles um bem inestimável, sua marca de identidade. Também a religião foi um elemento vital de superação das dificuldades encontradas inicialmente por esses imigrantes. E, mesmo que, em determinado período da história de nosso país, os imigrantes tenham sofrido segregação social, a começar pela sua fala, hoje, graças a trabalhos como os de Iotti, a tendência é reconhecer-se o valor das culturas minoritárias, compondo esse grande painel de que é feita a nação brasileira.

Com relação ao levantamento efetuado a respeito dos traços que caracterizam tanto a variedade de fala do colono ítalo-brasileiro, quanto a do Radicci, pensamos que esse aspecto mereceria um maior aprofundamento, o qual não foi possível realizar nesta dissertação, por duas razões principais: primeiro a exigüidade de tempo e, depois, para que assim se trabalhasse, seria necessário direcionar diferentemente o foco de nosso estudo.

Estudos relevantes têm sido realizados na RCI, ocupando-se de questões referentes ao contato italiano-português na região, mesmo assim muito ainda necessita ser pesquisado, principalmente com referência aos temas que se ligam mais diretamente aos objetivos desta pesquisa. Nesta dissertação, detivemo-nos, apenas, em alguns traços mais comumente verificáveis no português de contato da região. Numa breve comparação, restrita, evidentemente, aos traços básicos apontados em nossa análise, entre esses traços e a fala do Radicci, foi possível verificar uma identificação lingüística entre as duas falas. O Radicci e sua

família aproveitam os traços característicos dessa fala, como forma de obter a coloração local e o efeito desejado das histórias, ocorrendo esses traços, com maior incidência, na fala dos personagens da GII da família do Radicci; Guilhermino, representante da GI de ítalo-brasileiros, apresenta traços da fala coloquial urbana da região.

No levantamento referente à literatura em dialeto, verificou-se que a literatura transplantada da Itália para o Brasil, à época da emigração, foi eminentemente oral, e isso, de acordo com Pozenato (1979:226), acarretou que a produção de uma literatura escrita na RCI, de cunho do imigrante, percorresse “alguns passos culturais” para se efetivar. Esse levantamento nos permitiu verificar que a RCI conta com um acervo literário em dialeto italiano bastante apreciável. Entretanto, para Pozenato (1979), não há como caracterizar uma produção literária de cunho leigo nos primeiros períodos de colonização da região, pois a predominância dessa produção recai sobre a cultura clerical.

Quando estendemos nosso estudo, buscando o reconhecimento do processo cultural, geográfico e histórico que envolve o indivíduo ítalo-brasileiro da RCI, de onde emerge o personagem de Iotti, tencionamos entender a identidade desse elemento humano em torno do qual se desenvolveu nosso estudo, e, nesse entendimento, verificar como as atitudes lingüísticas são desenvolvidas, reforçadas ou inibidas na interação interpessoal da região. Como já salientamos, os dialetos falados pelos imigrantes, no início do processo da colonização, a religiosidade e o próprio sentimento de orgulho de suas raízes, por muito tempo abafado, foram aspectos relevantes constatados em nosso estudo.

No âmbito teórico, ressalta-se a importância de distinguir dimensões de análise, pelo alcance de seu poder explanatório. Mesmo não tendo um número expressivo de informantes em cada dimensão, a conjugação da análise quantitativa com a qualitativa possibilitou verificar mais pontualmente as questões investigadas, pois o aspecto qualitativo suplementou o aspecto quantitativo da análise dos dados fornecidos pelos informantes. Na verdade, a análise pluridimensional dos dados, em grupos de informantes, permite verificar com mais precisão as tendências internas em cada meio. Assim, o poder explanatório desta análise reside na possibilidade de fazer os cruzamentos entre dimensões/parâmetros, pois possibilita que o pesquisador verifique quais incidências de dados sucedem em cada meio, se ocorrem mais em um grupo

específico de descendentes ou não-descendentes, ou entre informantes de uma geração e não em outra, e assim por diante. Se assim não fosse, as observações iniciais sobre qualquer questão nos levaria a concluir que determinadas tendências são próprias de uma região ou meio específico, generalizando a observação. Portanto, quando se respeitam as dimensões implicadas, as conclusões podem ser mais explicitadas.

É importante ressaltar que o questionário/roteiro utilizado nas entrevistas facilitou o processo de contato com os informantes, e, também, o registro em áudio das entrevistas permitiu maior fidelidade da transcrição das entrevistas. Como esse questionário se voltou às questões centrais da pesquisa, ele resultou num instrumento imprescindível para a realização do estudo.

As hipóteses levantadas por este estudo a respeito do trabalho do cartunista Carlos Henrique Iotti – o personagem Radicci, no contato italiano-português da RCI influencia positivamente descendentes de imigrantes italianos a manterem o uso da variedade dialetal italiana, como também a buscarem aprender a língua italiana; Iotti contribui para o apagamento ou minimização do estigma que cerca a fala e os costumes típicos da região; e o trabalho de Iotti é relevante para demarcar um território próprio de um determinado grupo humano ítalo-brasileiro – remeteram a algumas questões básicas de investigação, as quais procuramos responder, com base, principalmente, no resultado da coleta de dados dos informantes da pesquisa.

Quanto à questão de o Radicci ajudar a manter o uso da variedade dialetal do italiano na RCI, foi possível observar que os informantes descendentes, da GII, do meio rural, unanimemente, procuraram passar a fala dialetal não só para os filhos, como também para os netos. Essa preocupação foi confirmada pelos informantes descendentes, da GI, desse mesmo meio, que apontaram o interesse de seus pais em passar-lhes a fala dialetal. Dessa forma, estaria justificado o grau de bilingüismo elevado observado entre os informantes descendentes, do meio rural. Fica claro que essa preocupação é anterior ao surgimento do Radicci, porém a repercussão que o personagem tem alcançado nos meios de comunicação parece influenciar os informantes a reconhecerem a importância da manutenção da variedade dialetal do italiano. Entretanto, essa preocupação não foi apontada pelos demais informantes, tanto do meio urbano quanto rural, simplesmente

porque, de acordo com alguns depoimentos, não havia o conhecimento suficiente dessa variedade dialetal para poder transmiti-la aos filhos.

Poucos foram os informantes que, questionados se conheciam pessoas que teriam se influenciado a estudar o italiano a partir do Radicci, responderam “sim” a essa pergunta. Entretanto, como já aludimos na análise dos dados, essa questão não favoreceu que o informante revelasse sua posição individual sobre o fato, apenas manifestou a sua crença a respeito dessa influência, situando essa percepção além de si próprio. Novamente, é importante lembrar que os informantes, quase unanimemente, disseram sentir vontade de estudar o italiano. E as razões aventadas foram desde questões instrumentais, como ler autores italianos, viajar, comunicar-se melhor com as pessoas da colônia, saber o conteúdo de letras musicais, até pela questão de manutenção dos costumes regionais, como forma de solidificar essa cultura, e por razões sentimentais, como o fato de “achar bonito o italiano”, ou gostar da língua italiana. O que parece, então, é que essa vontade de estudar o italiano não advém da influência do Radicci, mas de vários outros fatores, visto que o personagem não foi mencionado.

Quanto ao apagamento ou minimização do estigma que cerca a fala e os costumes típicos da região de colonização italiana, relativamente ao Radicci, foi possível observar que o meio rural destaca-se por considerar maior número de aspectos positivos da fala do Radicci do que o meio urbano. Os informantes do meio rural, em número maior, consideram a fala do Radicci “bonita”, e, menos acentuadamente, a consideram “feia” ou “errada”. Entretanto, não podemos esquecer que um percentual considerável de jovens descendentes, do meio rural, consideraram a fala do Radicci “não legal”, por não aceitarem os palavrões e as blasfêmias que ele usa. De modo geral, o que se percebe é que a fala do Radicci em relação à fala do colono italiano, por vezes, sofre maior preconceito, entre os informantes descendentes de ambos os meios, em alguns momentos, mais acentuadamente, entre os informantes do meio urbano, por considerarem mais expressivamente do que os outros grupos essa fala de forma negativa. Poderia, aqui, novamente, estar sendo expresso, pelo viés do estereótipo, o estigma que cercou, por longa data, aspectos relativos à colonização italiana da região, entre eles, a variedade dialetal italiana. No entanto, estes mesmos informantes responderam, quase unanimemente, que gostavam do Radicci. Então, aqui, cabe retomar a consideração já formulada anteriormente: talvez o fato de gostar do

personagem esteja atrelado ao *cartum*, pelo humor que lhe é inerente, sem que isso, necessariamente, tenha a ver com o que ele representa em relação aos costumes dos imigrantes italianos. Por outro lado, não podemos esquecer que estudos sobre atitudes lingüísticas podem conduzir a esse tipo de desvio, pois uma coisa é o que a pessoa pensa em determinado momento sobre algum assunto, outra coisa é aquilo que ela efetivamente faz no seu dia-a-dia em relação àquilo.

Ainda com referência a essa questão, quando questionados diretamente se o Radicci ajuda a valorizar a fala e os costumes do colono italiano, a maioria dos informantes não-descendentes, de ambos os meios, respondeu de forma positiva a essa pergunta. Os depoimentos enfatizaram a importância do Radicci como um meio de registrar e manter vivas as bases étnicas da região, reconhecendo-o como representante da cidade de Caxias do Sul, símbolo da região. Entre os informantes que responderam negativamente à pergunta, destacaram-se informantes do sexo feminino.

Além disso, quando inquiridos se conheciam pessoas que falam como o Radicci, embora de forma sutil, os informantes do meio rural mostraram-se menos suscetíveis ao preconceito lingüístico. Chamados a darem exemplos da fala do Radicci, ainda desta vez, o meio rural mostrou-se mais receptivo, principalmente o grupo de informantes descendentes, que não só deu exemplos da fala do Radicci, como também atribuiu ao personagem expressões que não são usuais em sua fala, mas na fala do próprio ítalo-brasileiro, aludindo à representação mental da fala do colono italiano com o qual é identificado o Radicci. Essa atitude nos leva a ponderar que o Radicci ajuda a demarcar um território próprio de um determinado grupo ítalo-brasileiro, até porque, entre aquelas expressões, duas, em especial, parecem traduzir bem o sentimento do homem rural em relação a essa questão: “Qua comando mi!” e “Casa mia comando mi!”

Ainda com referência a esse aspecto, também é importante lembrar o que já foi mencionado neste trabalho em relação ao lotti, quanto a ele adquirir a importância de um adido cultural para os descendentes de imigrantes italianos da região de Caxias do Sul, dando-lhes “voz e visibilidade”, por meio do seu personagem Radicci. Essa é uma observação feita não só por descendentes, mas também por informantes não-descendentes, que enfatizam a importância do personagem como representante dessa região. A razão mais mencionada é a de que esse personagem não deixa morrer os costumes típicos da RCI. Isso,

possivelmente, justifique por que, reiteradamente, o Radicci é solicitado a participar dos mais variados eventos culturais e sociais de Caxias do Sul.

Na verdade, retomando os depoimentos registrados no último tópico das entrevistas, verificamos a alta aceitabilidade do Radicci por parte dos informantes. Quando estes foram solicitados a falar livremente sobre o personagem, sem se preocuparem em responder a uma questão específica, os aspectos positivos foram reiterados, enfatizando desde a marca de humor e diversão do Radicci, até o valor do personagem como símbolo representativo da região de Caxias do Sul, com todas as peculiaridades próprias da cultura italiana da RCI.

Todas essas constatações possibilitaram verificar as atitudes dos informantes em relação à produção artístico-cultural de Iotti e, por extensão, à fala e aos costumes do ítalo-brasileiro da região de Caxias do Sul. Essas atitudes também se manifestaram em relação ao ensino da variedade dialetal italiana nas escolas, que, no meio rural encontra grande receptividade, principalmente, com o intuito de que não se perca esse tipo de fala. No meio urbano, o grupo de jovens, descendentes, atesta, unanimemente, sua atitude positiva em relação ao ensino dessa fala como forma de contar a história da região e de preservar as raízes culturais ítalo-brasileiras. Atitudes positivas também transparecem em relação à fala do Radicci, entre informantes não-descendentes de ambos os meios, pois a grande maioria deles acha importante falar italiano em função do personagem.

Evidencia-se, de forma expressiva, a marca da identidade ítalo-brasileira dos informantes ao se manifestarem favoráveis ao estudo do italiano e ao ensino formal dessa língua nas escolas. Quase unanimemente os informantes de ambos os meios e grupos mostram-se adeptos a essa idéia. Relativamente ao ensino da língua italiana nas escolas, os depoimentos reiteram a importância do italiano como forma de divulgação e manutenção das raízes culturais da região.

Referentemente à identidade “lingüística” entre o Radicci e o colono ítalo-brasileiro, o grupo de informantes não-descendentes de ambos os meios apresentou maior incidência de respostas positivas à questão da representação que a fala do Radicci tem em relação ao colono descendente de italianos. Como o esperado era que os informantes descendentes o fizessem, somos levados a inferir que seja mais fácil para o não-descendente vislumbrar nesse tipo de fala a própria do colono italiano, talvez, por observar o sotaque típico que acompanha a fala do Radicci. Os descendentes, que conhecem mais pontualmente uma

variedade dialetal do italiano, podem reconhecer menos a fala do Radicci como representativa de sua fala.

A virtude de Iotti é aproveitar a realidade, fazer uma leitura do contexto em que se insere o descendente de imigrantes italianos, dando “visibilidade e voz” àquilo que estava oculto e calado. O autor aproveita, com astúcia, os traços lingüísticos da região, exagerando esses traços na fala do Radicci para criar impacto, como forma de tornar visível a estratificação social do bilingüismo da região. Registra a fala dos mais jovens, no Guilhermino, e da GII, nos outros membros da família do Radicci. Com isso, Iotti repotencia a identidade do colono ítalo-brasileiro. Não é possível imaginar o Radicci falando português; esse personagem, sem o *sotacon*, não alcançaria a representatividade que conquistou. Essa constatação fortalece a idéia de que o italiano é importante, portanto, se a língua tem um papel relevante no processo de identidade, podemos associar língua e identidade, desta forma, a identidade ítalo-brasileira fica revitalizada através do Radicci, principalmente, no meio rural. O componente lingüístico retrata os fatos da realidade; o autor não inventa, ele utiliza o material da região, e retrata a realidade, denunciando a marca ítalo-brasileira, repotenciando, assim, a identidade do colono ítalo-brasileiro, imprimindo-lhe um caráter de universalidade, o que lhe garante a aceitação não só no âmbito de Caxias do Sul e arredores, como também em outras partes do País.

Acreditamos ter iniciado, aqui, um percurso importante, buscando investigar quais as atitudes lingüísticas mais afetadas pela temática do Radicci nas relações sociais entre falantes de diversos grupos de fala da região de Caxias do Sul. As pessoas desejam ser reconhecidas, desejam ter seus traços culturais valorizados e difundidos. Atestam gostar do Radicci, reconhecem a importância do personagem para a valorização da cultura italiana da RCI, especialmente porque ele consegue mesclar o urbano com o interior, retratando um elemento humano característico de nossa região. Entretanto, alguns informantes não admitem que o Radicci possa, por exemplo, em determinados momentos, fazer uso de palavrões e da blasfêmia, pois isso, segundo eles, não retrataria o colono ítalo-brasileiro da região. Tonet (1996:63), sobre a questão da identidade, comenta:

“Parece ser difícil o entendimento e a aceitação de nós mesmos. A identidade cultural é um caminho de autoconhecimento e busca de maturidade, com profundos reflexos na consciência política e social.

“Quando se sabe quem é, consegue-se avaliar com clareza os erros e os acertos, percebendo valores e potencialidades. Enfim, aprende-se a ter auto-estima, longe de atitudes de xenofobia e de preconceitos.”

Acreditamos que outros aspectos poderiam ser explorados em nossa pesquisa, como buscar novas perspectivas de embasamento teórico no campo da psicologia para delinear características de cada faixa etária envolvida no estudo, além de elucidar as especificidades emocionais mais marcantes características de cada sexo. Outro aspecto relevante a ser trabalhado poderiam ser as questões de cunho antropológico e social pertinentes à dimensão diatópica da pesquisa.

Outra possibilidade de ampliação relativamente à dimensão diatópica, diz respeito à possibilidade de incluir no estudo uma região sem a marca da colonização italiana, possivelmente de colonização lusa, possibilitando a comparação dos resultados em diferentes pontos. Isso permitiria observar a recepção do Radicci e da cultura italiana, num meio em que as pessoas não se sentissem comprometidas com suas raízes culturais tipicamente italianas.

Mais uma questão de relevância que caberia ser discutida, e que este estudo permite pesquisar, é a política educacional vigente neste país, a qual não privilegia a educação bilíngüe. As leis federais que, na década de 30, proibiram o uso de qualquer língua no Brasil que não a língua portuguesa, marcou profundamente a marcha da história lingüística deste país. Fica em aberto o questionamento de como seria hoje essa realidade, se isso não houvesse ocorrido. Os informantes do meio rural que, nas respostas ao questionário desta pesquisa, quase unanimemente, optaram pelo ensino da variedade dialetal nas escolas, talvez pudessem ter sua aspiração contemplada, se esta questão fosse revista.

Como já mostramos na seção 2.3, observa-se, ainda, na fala do Radicci, o uso de termos típicos da fala gaúcha, como *chur[r]asco*, por exemplo. A possibilidade de investigar mais detalhadamente o contato italiano-gaúcho, levanta a questão do papel da cultura e identidade gaúcha no contato com o imigrante italiano, no Rio Grande do Sul.

Na verdade, as possibilidades de continuar esta investigação se mostram muito promissoras e, principalmente, necessárias, pois, apesar de já contarmos com trabalhos de reconhecida importância, no entendimento dos fenômenos de línguas em contato da RCI, muito, ainda, poderá ser feito no sentido de registrar essas ocorrências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, João Spadari. *Festas da uva –1881 a 1965*. Caxias do Sul: Tipografia São Miguel, 1975.

_____. *História de Caxias do Sul*. (Educação): 1877-1967. III tomo, ed. póstuma. Porto Alegre: EST, 1981.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul: um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1990.

_____. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückish no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, 18, p.17-26, 1998.

_____. O português em contato com as línguas de imigrantes no sul do Brasil. In: GÄRTNER, E., HUNDT, C., SCHÖNBERGER, A. (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 71-93.

AMARAL, Marisa Porto. *Mapas mentais de variações lingüísticas no Rio Grande do Sul*. Fundação Universidade do Rio Grande do Sul/FURG-RS, [s.d].

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contato de lenguas*. Traducción y versión española de ANXO M. LORENZO SUÁREZ Y CLARA I. BOUZADA FERNÁNDEZ. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1996.

AZEVEDO, Thales de. A colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: AZEVEDO, Thales de et al. *Rio Grande do Sul: terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964. p. 123-132.

_____. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiano do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação/ IEL, 1975.

_____. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

BAGNO, Marcos. *Novela sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2000.

BATTISTEL, Arlindo O. *Colônia italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: EST, 1981.

BATTISTEL, Arlindo O. & COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1984.

BEARDSMORE, H. B. *Bilingualism: basic principles*. Clevedon Avon: Multilingual Matters, 1986.

BELLMANN, Günter. Arealidade e socialidade? Trad. Cristiani Wortmann Gross. Ver. Erica Schultz e Cléo Vilson Altenhofen. In: *Cadernos de Tradução - Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 05, p.07-21, jan.1999.

BEMQUERER, Iara C. Ensino de português em áreas bilíngües: uma prioridade? In: *Linguística: conferências e mesas redondas*. Salvador, 11/12 de setembro de 1994. Org. por Jacyra Mota e Vera Rollemberg. Salvador, ABRALIN; FINEP; UFBA, 1996. Vol.1, p.324-334.

BERNARDI, Aquiles. *Vita e stória de Nanetto Pipetta*. Porto Alegre: EST/CR/UCS, 1990.

BERNARDI, Ulderico. *A catâr fortuna: storie venete d'Australia e del Brasile*. Venezia: Giunta Regionale del Veneto e Neri Pozza Editore, 1994.

BLOM, Jean-Peter, GUMPERZ, Jonh J. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles, GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolingüística interacional. Antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 31-56.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. As tradições e o novo: a busca de sentido para as estórias contadas por nossos avós. In: MAESTRI, Mário. *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.29-32.

BUNSE, Heinrich A. W. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados*. Edições da Faculdade de Filosofia. UFRGS, 1969.

_____. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul. In: *Imigração italiana: estudos*. Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976). Caxias do Sul: UCS/EST, 1979. p.105-108.

BURGESS, E. M. Accomodation. Encyclopaedia of the social sciences, v. I. In: WILLEMS, Emílio. *Aculturação dos alemães no Brasil*. 2.ed., il., rev. e ampl. São Paulo:Nacional; INL, 1980.

CARBONI, Florence. Talian & Talian. In: MAESTRI, Mário. *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.154-157.

_____. Língua e história da Itália na época da grande imigração. In: CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000. p.37-65.

_____. A origem italiana dos falares da Serra gaúcha. In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996 - Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p.281-294.

CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário (orgs.). *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875-1997*. Passo Fundo: UFP, 2000.

CARUSO, Pedro. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 189-196.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Situação do dialeto vênето no Rio Grande do Sul. In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996 - Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p.251-254.

CONSTANTINO, Núncia S. de. *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade portoalegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.

CORTELAZZO, Manlio. Lo studio dei dialetti veneti in Brasile. In: ZILIO, G. Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: América Latina. Prime inchieste e documenti. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987. p.207-213.

COSERIU, Eugenio. *La geografía lingüística*. (Apartado del n.14 de la Ravista de la Facultad de Humanidades y Ciencias). Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias, [s.d]. p.29-69.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. Cuadernos de Lingüística, 8.

COSTA, Rovílio et al. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: EST, 1975.

COSTA, Rovílio. *Antropologia visual da imigração italiana*. Caxias do Sul: UCS/EST, 1976.

_____. Valores da imigração italiana. In: *Imigração italiana: estudos*. Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976). Caxias do Sul: UCS/EST, 1979. p.199-207.

COSTA, Rovílio & MARCON, Itálico. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1988.

DACANAL, J.H. Vitória e derrota do mundo imigrante. In: MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.40-44.

D'APREMONT, Bernardin & GILLONNAY, Bruno de. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)*. Trad. Ir. Maria Antonietta Baggio. Porto Alegre: EST/UCS, 1976.

DALL'IGNA, Roni & BELTRAM, Asir. *I nostri proverbi*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

DAY, Richard R. Children's attitudes toward language. In: RYAN, Ellen R. & GILES, Howard (eds.). *Attitudes towards language variation; social and applied contexts*. London: Arnold, 1982, p.116-131.

DE BONI, Luis A. *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Porto Alegre: EST/UCS, 1977.

_____. *A Itália e o Rio Grande do Sul - IV*. Caxias do Sul: EST/UCS, 1983.

_____. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Volume II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

DE BONI, Luis A. & COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1984.

_____ & _____. Os italianos no Rio Grande do Sul. *Correio Riograndense*. Caderno Especial. Caxias do Sul, 17 de maio de 2000.

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilingüe. In: VERMES, Geneviève, BOUTET, Josiane (orgs.). *Multilingüismo*. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1989. p. 177-220.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

EISENCHLAS, Susana. Transferencia lingüística en la adquisición bilingüe simultánea del español e inglés. *Estudios de Lingüística Aplicada*, n. 23/24, 1966. p. 305-313.

EMMERICH, Charlotte. Contato lingüístico e variação. *Tempo Brasileiro 78/79*. Rio de Janeiro: 1984. p. 33-53.

FAÉ, Wálter José. *Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975*. Americana, São Paulo: FOCAM, 1975.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1991. Série Fundamentos.

FERREIRA, Manuela Barros. Retrospectiva da dialectologia portuguesa. *Revista Internacional de Língua Portuguesa 12*. Lisboa, 1994. p. 108-118.

FRANZINA, Emilio. Pátria, região e nação: o problema da identidade na imigração italiana na América Latina. In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luiza Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996 - Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p.13-43.

FROSI, Vitalina M. Interrelazione fra il dialetto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, G. Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veniti nel mondo*. Parte I: América Latina. Prime inchieste e documenti. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987 a. p.215-237.

_____. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed econômico: prevalenza del dialeto veneto. In: LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Convegno Internazionale svoltosi a Buenos Aires nei giorni 1/5 settembre 1986. Firenze: Felice le Monnier, 1987 b. p.136-163.

_____. *Provérbios dialetais italianos; uma linguagem em extinção*. Porto Alegre, 1989. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. Provérbios dialetais italianos. In: 120 anos de imigração italiana. *CHRONOS*, Universidade de Caxias do Sul, v.29, n.1, 1996a. p. 23-43.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Univerdidade/UFRGS, 1996b. p. 158-167.

_____. Provérbios dialetais italianos. In: BERTUSSI, Lisana. (org.). *Mestres em Letras*. Caxias do Sul: UCS/Editora, 1998. p. 61-82.

_____. *Os falares dos italianos no Rio Grande do Sul*. Palestra proferida na Casa da Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, 18.11.98.

_____. Bilingüismo, variação e ensino de língua portuguesa. Palestra proferida na XIII de Letras da Universidade de Caxias do Sul - 26 a 28 de outubro de 1999.

_____. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla lingüística. In: CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000. p.83-98.

FROSI, Vitalina M. & MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____ & _____. Comunicação lingüística na região de colonização italiana: os dialetos e a língua portuguesa. In: *Imigração italiana: estudos*. Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976). Caxias do Sul: UCS/EST, 1979. p.97-104.

_____. & _____. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do sul: EDUCS, 1983.

GARDELIN, Mário. Aspectos da Região Colonial Italiana. Habitação I, II, III. Porto Alegre, *Correio do Povo*, 8, 17 e 29 de outubro de 1960.

_____. La letteratura in dialeto veneto nella regione coloniale italiana del Rio Grande do Sul. In: ZILIO, G. Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: América Latina. Prime inchieste e documenti. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987 a. p.489-507.

_____. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1988.

GIANNI, Eliana. *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngüe do Nordeste do Rio Grande do Sul*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1997.

GIRON, Loraine S. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul/UCS/EST, 1977.

_____. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: LANDO, Aldair M. et al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1980. p.135-155.

_____. Leituras da imigração. In: In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996 - Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p.116-131.

GIRON, Loraine S. & BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

_____. & _____. A mulher imigrante e o trabalho. In: 120 anos de migração italiana. *CHRONOS*, Universidade de Caxias do Sul, v. 29, n.1, 1996.

GLAZER, N. & MOYNIHAN, D. Introducción, in GLAZER, N. y MOYNIHAN, D. (eds). *Ethnicity; theory and experience*. Cambridge, Harvard University Press, 1975.

HALL, Robert. Introductory linguistics. Philadelphia: Chilton Books, 1964. In: STAUB, Augustinus. *O empréstimo lingüístico: um estudo de caso*. Porto Alegre: Acadêmica, 1983.

HEROS, Susana de los. El estudio de actitudes en la sociolingüística y su aplicación en el área andina. In: MIRANDA, Luis & ORELLANA, Amanda (eds.). *Actas del II congreso nacional de investigaciones lingüístico-filológicas*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 1998, tomo II, p.111-123.

HOHLFELDT, Antonio. Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana. In: *Imigração italiana: estudos*. Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976). Caxias do Sul: UCS/EST, 1979. p.209-224.

IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

IOTTI-RADICCI. Noi, ítalo-gauço. In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gauchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.14-15.

ITAQUI, José. Miseri Coloni: (teatro em dialeto vêneta do Rio Grande do Sul). In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996 - Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p.333-341.

JUNG, Neiva Maria. *Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade rural bilíngüe (alemão/português)*. (Dissertação de Mestrado). Campinas: UNICAMP, 1997.

KAUFMANN, Göz. Language maintenance and reversing language shift. In: *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. 2. ed. [no prelo]

KERLINGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EPU, 1980.

KLOSS, Heinz. German-american language maintenance efforts. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966. p. 206-252.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da Pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: Les Editions de Minuit, 1976.

_____. *Field methodes used by the project on linguistic change and variation*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1978.

LANDO, Aldair Marli (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 1992.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. In: PRIDE, B. & HOLMES, Janet (eds). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972, p.336-349.

- LAMBERT, W. E. et al. A study of the roles of attitudes and motivation in second-language learning. In: FISHMAN, Joshua A. *Reading in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1972, p.473-491.
- LAMBERT, W. E. et al. Evaluative reactions to spoken language, *Journal Abnormal and Social Psychology*, 67, pp. 617-627. In: APPLE, René y MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contato de linguas*. Traducción y versión española de Anxo M. Lorenzo Suárez y Clara I. Buzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1996.
- LAZZARI, Beatriz Maria. *Imigração e ideologia: reação do parlamento brasileiro à política de colonização e imigração (1850-1875)*. Porto Alegre: EST/UCS, 1980.
- LEPAGE, R. & TABOURET-KELLER. Models and stereotypes of ethnicity and languages. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 3, pp.161-162.
- LIBERSON, S. *Language and ethnic relations in Canada*. Nueva York, Wiley, 1970.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: PUC/RS/Sulina, 1975.
- LOWE, Robert J. *Fonologia. Avaliação e intervenção: aplicações na patologia da fala*. Trad. Marcos G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12. Lisboa, 1994. p. 17-28.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *'L mio paese 'l è così!* Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1987.
- _____. *Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história & cultura*. Porto Alegre: Sagra/D. C. Luzzatto, 1994.
- _____. A nossa língua. In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p.168-172.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: GRAFOSUL/IEL/DAC/SEC, 1975.
- MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- MARCATO, Gianna & URSINI, Flavia. *Dialetti veneti: grammatica e storia*. Padova: Unipress, 1998.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1967.

MASSA, Gaetano (a cura di). La vita degli italiani nel Rio Grande do Sul. In: *Contributo alla storia della presenza italiana in Brasile: in occasione del primo centenario dell'emigrazione agricola italiana nel Rio grande do Sul - 1875-1975*. Roma: Istituto italo-latino americano, 1975. p.23-41.

MASSA, Caetano. La vita degli italiani nel Rio grande do Sul. In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996- Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p.23-41.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 1991.

MENEGHELLO, Luigi. *Pomo pero*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1987.

MOLLICA, Maria Cecília. Atitudes previstas e imprevistas em relação a padrões lingüísticos da fala carioca. *Cadernos de Letras*, n.10, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994, p.167-170.

MOURA, Isabela M. de. Motivações para a alternância de código no discurso bilíngüe. *Trab. Ling. Apl.*, Campinas, (29): 51-67, Jan/Jun. 1997.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 235-241.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo:FAPESP, 1998.M p. 203-212.

PAVIANI, Neires M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. O pronome ético: uma característica dialetal. In: 120 anos de imigração italiana. *CHRONOS*, Universidade de Caxias do Sul, v.29, n.1, 1996. p. 88-91.

_____. *Atuação do professor de língua portuguesa em situações de bilingüismo*. (Tese de Doutorado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política rio-grandense. In: LANDO, Aldair M et al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1980. P.156-194.

PONTALTI, Patrícia. Colono, sim senhor! *Pioneiro*. Caderno Sete Dias. Caxias do Sul, 20 21 de maio de 2000.

POSENATO, Júlio. Talian: língua e identidade cultural. In: DAL BÓ, Juventino, IOTTI, Luisa Horn, MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul, 24 a 27 de abril de 1996- Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p.255-280.

POZENATO, José Clemente. A literatura da imigração italiana. In: *Imigração italiana: estudos*. Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976). Caxias do Sul: UCS/EST, 1979. p.225-231.

_____. A cultura da imigração italiana. In: CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. *Raízes italianas no Rio Grande do Sul: 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000. p.117-129.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. Trad. Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. Rev. Cléo Vilson Altenhofen. *Cadernos de Tradução - Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 05, p.31-51, jan.1999.

RAMOS, Jânia. Mesa redonda sobre atitude lingüística (no prelo). In: *XI Encontro Nacional da ANPOLL*, 26 de julho de 1994. 18p.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza. Aspetti della cultura dell'immigrazione italo-veneta nel Rio Grande do Sul: usi, costumi e tradizioni. In: ZILIO, G. Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: América Latina. Prime inchieste e documenti. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987. p.473-486.

_____. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: construção de uma identidade. In: CASTIGLIONI, Aurélia H. (org.). *Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora*. Vitória: UFES, 1998. p.279-285.

_____. *A celebração da festa: uma forma de conhecer e de dar a conhecer a própria identidade*. (Tese de Doutorado). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1998.

RODRIGUES, Jimmy. *Anotações de história de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

RUDIO, Franz V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Bilingüismo y diglosia en Paraguay. In: *Río de la Plata 10*. [s.l.], 1989. p.3-12.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Cantineiros e colonos - a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: LANDO, Aldair M et al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1980. p.135-155.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. O uso da fala dialetal italiana por falantes urbanos como marca de identidade cultural. *Cadernos do IL*, n.20, Porto Alegre, Instituto de Letras, UFRGS, 1998, p. 29-50.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, pluralismo e a imigração no Brasil. In: REICHEL, H. J. & GUTFREIND, Ieda (orgs.). *América Platina e historiografia*. São Leopoldo (RS): UNISINOS, Programa de pós-graduação em História, 1996, p.99-127.

STAUB, Augustinus. *O empréstimo lingüístico: um estudo de caso*. Porto Alegre: Acadêmica, 1983.

STAWINSKY, A. V. *Dicionário vêneto sul-rio-grandense-português*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST/São Lourenço de Brindes, 1987.

_____. *Gramática e vocabulário do dialeto italiano rio-grandense*. Porto Alegre: EST/São Lourenço de Brindes /EDUCS, 1990.

TARALLO, Fernando. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. In: *A variação do português do Brasil*. *Organon*, UFRGS, Instituto de Letras, v.5, n.18, 1991.

TITONE, Renzo. *Sociolinguística aplicada: introdução psicológica à didática das línguas*. São Paulo: Summus, 1983. p. 117-170.

_____. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma: Armando, 1993.

TONET, Tânia M. Z. Os ítalo-gaúchos: mais que denominação, consciência de cidadania. In: MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996. p. 62-63.

THUN, Harald, FORTE, Carlos E., ELIZAINCÍN, Adolfo. El atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): presentación de un proyecto. In: *Iberoromania 30*. Tübingen, Niemeyer, 1989. p. 26-62.

THUN, Harald & AQUINO, Almidio. O atlas lingüístico guaraní-románico (ALGR). Um trabalho necessário para atualizar informações lingüísticas sobre o guarani e o espanhol do paraguai. Trad. Cléo Vilson Altenhofen. *Cadernos de Tradução - Instituto de Letras*, Porto Alegre, n.5, p.53-66, jan. 1999.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.:1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino, Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR (1.:1997: Ponta Delgada – Açores). *Actas do 1º encontro sobre cultura popular*. Org. Gabriela Funk. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

TRENTIN, Ary & TONIAZZO, Aldo. *Estações: imagens da cultura de imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Texto: José Clemente Pozenato. Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

VIEIRA, Hilda Gomes. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolingüísticos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p.207-224.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contato*. Torino: Boringhieri, 1974.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2.ed., il., rev. e ampl. São Paulo: Nacional; INL, 1980.

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL E
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM
ALUNA: SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS
PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. CLÉO VILSON ALTENHOFEN**

**A FALA DO RADICCI NO CONTATO ITALIANO-PORTUGUÊS DA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL
Identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo**

(Pesquisa de Campo: Questionário)

Obs.: Na apresentação, a pesquisadora explica que está fazendo uma pesquisa sobre o Radicci e gostaria de ouvir o informante a respeito.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE	
Nome: _____	
Dimensão diatópica:	<input type="checkbox"/> meio urbano <input type="checkbox"/> meio rural
	Bairro: _____ Localidade: _____
Dimensão diasssexual:	<input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino
Dimensão diageracional:	<input type="checkbox"/> GII <input type="checkbox"/> GI
Dimensão diagrupal:	<input type="checkbox"/> italiano (pai-mãe) <input type="checkbox"/> italiano (só pai) <input type="checkbox"/> italiano (só mãe) <input type="checkbox"/> não-italiano
Dimensão diastrática:	Escolaridade: _____

I. CONTATO COM O RADICCI

1. Você gosta do Radicci?

sim. Por quê? _____

não. Por quê? _____

2. Você costuma ler o Radicci? não sim. Quanto? _____

todos os dias às vezes uma vez por semana jornal *Gibizon*

3. Você costuma ouvir o Radicci na rádio? não sim. Quanto? _____

todos os dias às vezes uma vez por semana

4. Você costuma assistir ao Radicci na TV? não. sim. Quanto? _____

todos os dias às vezes uma vez por semana

II. BILINGÜISMO DO INFORMANTE

5. Quanto ao italiano, você

- fala entende lê escreve canta
 imita blasfema xinga reza faz contas

III. A FALA DO RADICCI EM RELAÇÃO À FALA DO COLONO DA REGIÃO: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

6. E o Radicci, que tipo de língua ele fala? _____

Acha legal? _____

Outras opções:

- grosseira bem italiana engraçada humorística errada
 feia bonita outras _____

7. Você pode dar exemplos da fala do Radicci? _____

8. Você conhece pessoas que falam como o Radicci?

não sim Quem? _____

IV. IDENTIDADE "LINGÜÍSTICA" ENTRE O RADICCI E O COLONO ÍTALO-BRASILEIRO

9. Você acha que a maneira de falar do Radicci e da família dele representa o modo de falar típico dos colonos descendentes de italianos?

sim Por quê? _____

não Por quê? _____

10. Como é, para você, o modo de falar do pessoal da colônia? _____

11. E do pessoal da cidade? É diferente? _____

V. A INFLUÊNCIA DO RADICCI SOBRE O USO DO ITALIANO

12. Você acha que o personagem Radicci ajuda a valorizar a fala e os costumes do colono italiano? sim não Por quê? _____

13. Você conhece alguma pessoa que, depois de ter lido ou ouvido o Radicci, teve vontade de estudar italiano? sim não

14. E você sente vontade de estudar italiano? sim não Por quê? _____

15. Pensando no modo de falar do Radicci, você acha importante falar italiano?

sim não Por quê? _____

16. E o que acha da pessoa do Radicci? Como o qualifica?

- grosso machista interesseiro alegre sério limpo
 festeiro organizado trabalhador irônico outro _____

VI. ENSINO DO ITALIANO: PADRÃO X DIALETO

17. E, na sua opinião, deveria ter ensino de italiano na escola?

- sim não Por quê? _____

18. E se fosse ensinado o italiano dialetal? _____

19. O que acha melhor:

- alguém que fala português com sotaque como o Radicci, mas não fala italiano
 alguém que fala italiano, mas o dialeto

VII. MANUTENÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO DO ITALIANO

No caso de GII

20. Fez questão de passar o italiano para os filhos?

- sim não Por quê? _____

No caso de GI:

21. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o italiano para os filhos?

- sim não Por quê? _____

VIII. INTERAÇÃO COM O RADICCI: CONVERSA LIVRE

22. Poderia ler uma historinha do Radicci pra gente? (Conversa livre). _____